PRINCE QUEBRA UM SILÊNCIO DE TRÊS ANOS!

EDITORA ABRIL
Nº 5
DEZEMBRO 1985
Cr$ 14500

BIZZ

DIRE STRAITS

UMA TARDE COM MARK KNOPFLER

A QUANTAS ANDA O PUNK?

GRÁTIS: REVISTA POSTER DAVID BOWIE

STING
O ROCK VAI AO CINEMA

+ THE CURE · EURYTHMICS · RATT
O SOM DOS PAMPAS · MARINA
LETRAS · VÍDEO · EQUIPAMENTOS

Altamira, Boa Vista, Macapá, Porto Velho, Ji-Paraná, Sinop.

Rock & Quadrinhos Scans

hollywood sportline

A roupa do sucesso.

OMETRIC
LINE

É impossível viajar por um país tão grande sem um mapa detalhado.

É impossível saber qual é o melhor hotel do caminho.

O melhor restaurante.
As melhores paradas.
As atrações turísticas mais interessantes.

O Guia Quatro Rodas 86 já percorreu este país de ponta a ponta para contar tudo a você.

Portanto, é impossível viajar sem ele.

Hospede-se bem.

A classificação de hotéis do Guia Quatro Rodas 86 é respeitada pelos próprios hoteleiros.

Foram pesquisados e classificados nada menos que 3.199 hotéis para você escolher.

As faixas de preços das diárias estão indicadas em ORTN.

Hospede-se com o Guia Quatro Rodas 86.

Rode tranqüilo.

O Guia Quatro Rodas está há 21 anos rodando pelo país.

E faz isso todos os anos, indicando as condições das estradas, quilômetro por quilômetro. Você viaja sem susto ou surpresas.

Viaje com o Guia Quatro Rodas 86.

Coma melhor.

O Guia Quatro Rodas classificou e deu notas e estrelas para as cozinhas dos restaurantes que você vai freqüentar. São 3.851 restaurantes.

Coma bem com o Guia Quatro Rodas 86.

Todas as dicas.

Você não tem como se perder com o Guia Quatro Rodas 86.

São 712 cidades e 69 plantas detalhadas de norte a sul do país.

E ainda todos os serviços:

concessionárias, hospitais, bancos, aeroportos, transportes, compras, eventos, e muito mais.

Visite as cidades com o Guia Quatro Rodas 86.

Já nas bancas.

IMPOSSÍVEL VIAJAR SEM ELE.

É impossível viajar sem o Guia Quatro Rodas 86.

Mas não se esqueça de que este é um país que vive mudando.

Por isso, mude também para o Guia Quatro Rodas 86.

Tudo atualizado.

EDITORA ABRIL

GUIA QUATRO RODAS

O Brasil de ponta a ponta.

DEZEMBRO 85

Rock & Quadrinhos Scans

BIZZ

Foto LFI

Annie Lennox e Dave Edwards, do Eurythmics: um duo com altos vôos e um enorme jogo de cintura, na pág. 58

Sting, Madonna, Bowie e Elvis têm uma coisa em comum, além do rock. Todos se transformaram em artistas de cinema, com sucesso. E alguns invadem as telas com garra e sede cada vez maiores. Nesta edição, você vai ler a história do rock no cinema, segundo *Pepe Escobar*, e ainda uma entrevista exclusiva com Sting, sobre seu filme *A Prometida* (onde atua com Jennifer Beals, de *Flashdance*).

1985 foi um grande ano para Mark Knopfler e seus Dire Straits, com o LP *Brothers in Arms*. Knopfler fala de suas músicas e da indústria do rock em entrevista exclusiva a *Marco Antônio de Menezes*.

O ano que termina agora também foi fantástico para muitas outras bandas, como mostramos em retrospectiva do rock que rolou aqui e lá fora.

O movimento punk surgiu como uma chacoalhada no morno e superproduzido rock do final dos anos 70. Os punks, sua gênese e seus caminhos são tema de uma matéria feita por *Pepe* e *Sônia Maia*.

Outro marco do ano: Prince resolve falar à imprensa, depois de três anos de silêncio. Suas palavras estão nesta edição, com exclusividade.

Ainda nesta edição você vai saber do som que rola na vanguarda francesa e o que andam fazendo os bons (e muitos) roqueiros dos nossos pampas.

E, ainda, por que o eletrizante e apocalíptico primeiro disco dos Doors é um dos maiores do rock em todos os tempos.

José Eduardo Mendonça
chefe de redação

ESTE MÊS

24 Dire Straits
Um papo com Mark Knopfler > *Marco Antônio de Menezes*

28 Retrospectiva 85
O que rolou este ano, aqui e lá fora

32 It's Only Rock'n'Roll
Uma superloja para roqueiros em Nova York

36 The Cure
A história da banda e seu show em Londres

38 Ratt
É heavy ou não é? > *Leopoldo Rey*

40 Rock em Porto Alegre
Os agitos no extremo Sul > *Marcel Plasse*

42 Marina
Para os shows, idéias novas > *Antonio Carlos Miguel*

52 Punk Rock
O movimento, no Brasil e no mundo > *Pepe Escobar e Sônia Maia*

56 John Cage
A descoberta tardia do gênio > *José Augusto Lemos*

58 Eurythmics
Uma dupla estonteante > *José Emílio Rondeau*

60 Rock Multimídia Francês
O *underground* parisiense > *Silvano Michelino*

TODO MÊS

8 Show Bizz
Notas, notícias e boatos

14 Parada
As 25 mais, com levantamento em FMs e lojas de todo país

16 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno

22 Vídeo Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

34 Ao vivo
John Cage na Bienal de São Paulo, *Jean-Luc Ponty*, *Caetano* e *Nina Hagen*

43 Entrevista
Prince fala pela primeira vez em três anos

51 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

62 Visual Cinema
Os ídolos do rock no cinema, e uma entrevista exclusiva com *Sting*

70 Clip
Dire Straits gozando a MTV; as produtoras BB Video e Charlex

74 Porão
Bandas novas rumo à superfície: *James*, *Hüsker Dü*, *Muzak* e *Fellini*

76 Letras
Duran Duran: "A View to a Kill"

78 Equipamento
De olho no mercado: áudio, vídeo e instrumentos

80 Meu Instrumento
Nesta edição, *Luis Schiavon*, do *RPM*, e seus teclados

82 Bits Bizz
MIDI, uma revolução na música eletrônica

86 Cartas e Serviços

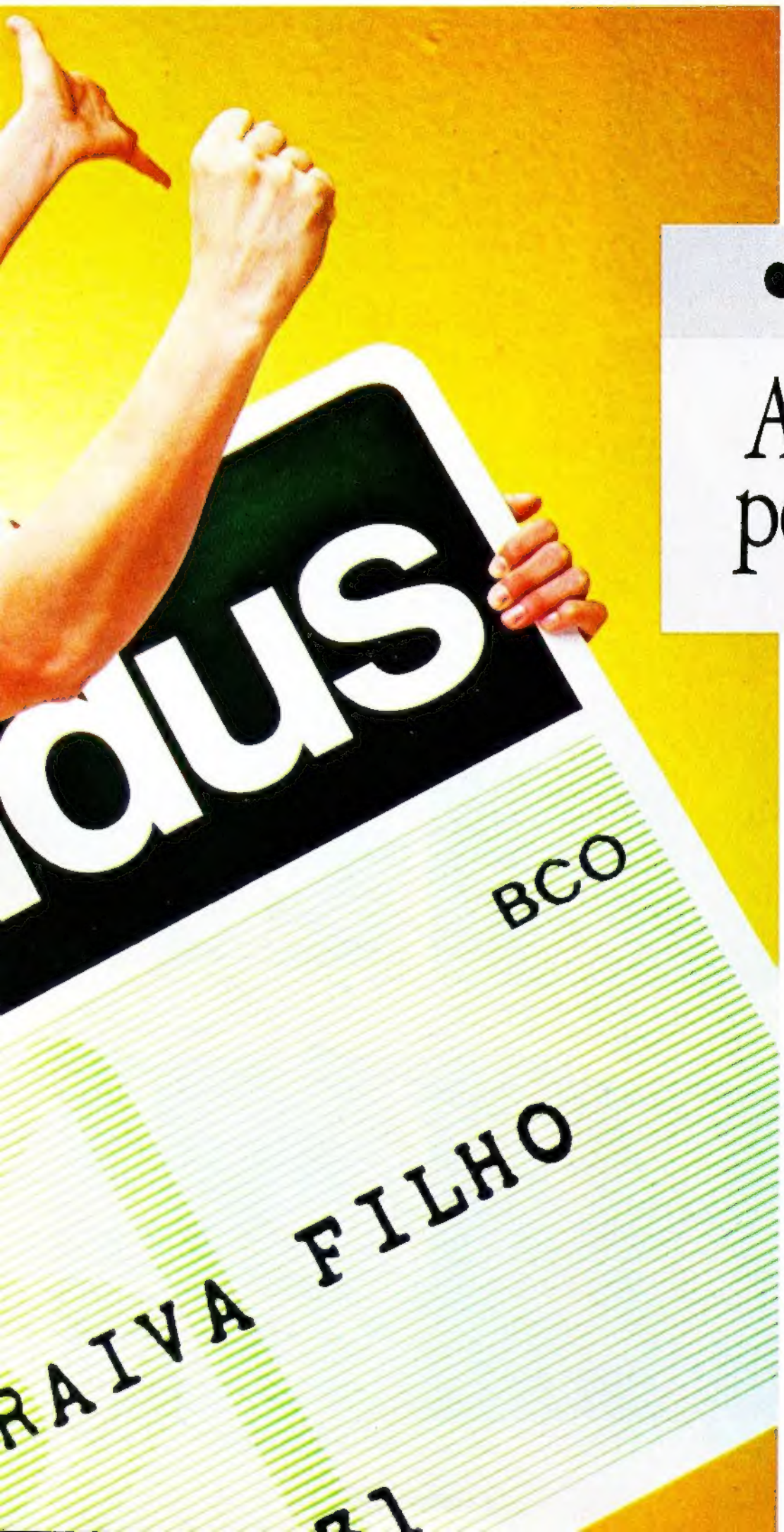
88 Discoteca básica
As obras-primas. O primeiro LP dos *Doors*

90 Opinião
Na tribuna, *Renato Russo*, da *Legião Urbana*

Foto da capa Columbia Pictures

Tá na mão o Ca

tão Bamerindus Jovem.



A mesada eletrônica pelo Banco 24 Horas.

O Cartão Bamerindus Jovem é a solução moderna e criativa para resolver os assuntos de dinheiro entre pais e filhos de 14 anos para cima.

Primeiro é com você, papai.

Basta abrir uma conta-corrente, Especial ou Preferencial, em qualquer agência Bamerindus, estabelecendo um limite para seu filho utilizar durante o mês ou semana.

Depois é a sua vez, filho.

Tá na mão o Cartão Bamerindus Jovem, magnético, com uma senha especial para você transar sua mesada no incrível computador do Banco 24 Horas.

Pais e filhos: conquistem a paz familiar com o Cartão Bamerindus Jovem.

Sacada de gênio é isso aí.

Serviço disponível nas localidades com Banco 24 Horas.

Bamerindus

Um banco jovem crescendo com você.

Foto LFI

O Iron Maiden, lançando um compacto na campanha contra a droga

MAIDEN E TOWNSHEND CONTRA HEROÍNA

Todos os lucros do novo *single* do **Iron Maiden** — que traz duas faixas gravadas ao vivo — foram doados pela banda às organizações anti-heroína (BIZZ 4). Reforçando a campanha contra a droga, o porta-voz do Iron Maiden disse: "Esperamos que os fãs do heavy metal saibam dizer NÃO (à heroína)".

Outro expoente da campanha é **Pete Townshend**, que formou a banda **Deep End** (com o Pink Floyd **Dave Gilmour** na guitarra, **Rabbit** nos teclados, **Simon Phillips** na bateria, **Peter Hope Evans** na harmônica, **Billy Nichols** nos *backing vocals* e **Chucho Merchan** nos metais) para outros shows da mesma campanha. O repertório foi tirado dos discos solo de Pete.

NA COLA DE ARRIGO

Arrigo Barnabé também resolveu atacar no cinema e, desta vez, não é numa ponta. Ele é o ator principal, um dos roteiristas e autor da trilha de *Cidade Oculta*, filme que está sendo rodado e que deverá entrar em circuito em junho ou julho.

"O filme é uma aventura urbana e musical no centro de São Paulo", define o diretor **Chico Botelho**. Nos papéis principais estão — além de Arrigo — **Cláudio Mamberti** e **Carla Camuratti**, que será dublada pela cantora **Ana Amélia** nas cenas musicadas.

Arrigo pretende fazer um disco com a trilha do filme e está entrando em contato com várias gravadoras, já que a sua (Barclay) não se interessou pelo projeto.

As parcerias de Arrigo com **Eduardo Gudim** e **Itamar Assumpção** não foram interrompidas, mas vão demorar bastante para aparecer em disco.

OUÇA ESSA

"Eu gostava de jogging, mas o gelo não parava de cair do meu copo"

Dave Lee Roth

ANTI-SURFISTA

Foto LFI

Mr. McLaren: delírio surf-nazi-metaleiro

O som dos surfistas dos anos oitenta é rude e horrível. Calma, turma da praia. Nós lavamos as mãos. Quem disse isto foi o autonomeado **Malcoem McLaren**, aquele que inventou os **Sex Pistols** e que realizou uma esdrúxula e fascinante intervenção operática em sua versão pós-pós de *Madame Butterfly*. O chique McLaren está preparando um roteiro de um filme que se chama, por enquanto, *Os Surfistas Nazistas do Heavy Metal!*

FERRUGEM À SOLTA

Talvez a mais talentosa fração do quarteto **Crosby, Stills, Nash & Young**, o sr. *Neil Young* deixou também uma sólida obra solo recheada de LPs antológicos como *After the Goldrush*, *Harvest* e *Zuma* e compôs uma bela canção ("Hey Hey My My") apologética ao punk, que trazia um lembrete importante — "A ferrugem nunca dorme" — como título do LP. Agora, em uma guinada de 180°, **Young** deu para elogiar o cow-boy das estrelas conhecido como mr. **Reagan**, segundo ele, "um bom presidente, um bom homem e um bom líder, que está tentando despertar a América". Tem enferrujado que é cego.

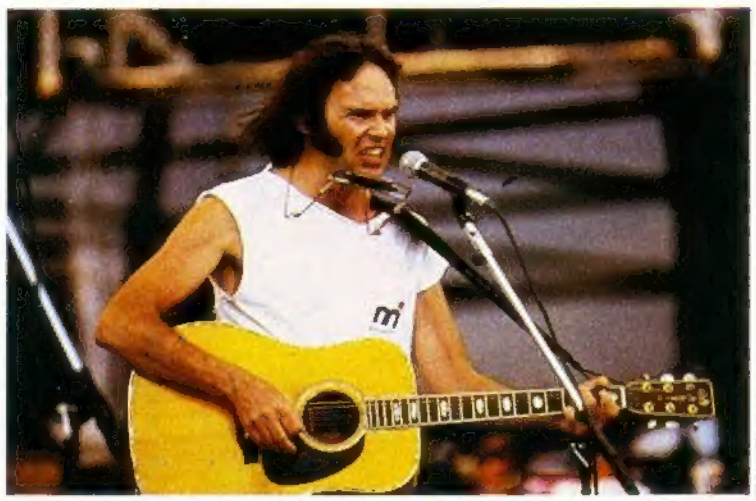


Foto Gamma

Neil Young, quem diria, foi vítima do próprio adágio

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Foto Fernando Seixas/ Abril

Djavan de LP novo, mas só depois do Carnaval

Fim de ano é época de festas e de preparativos para o Carnaval. Pouca gente vai para os estúdios.

A CBS vem com **Rádio Táxi** e **Sempre Livre**, com **Tônia Schwartz** no vocal, para janeiro e com **Djavan** para depois do Carnaval. Já a RCA continua escavando o seu filão de forrós.

A Top Tape não tem ninguém em estúdio, mas contratou **Moreira da Silva**, **Cauby Peixoto** e **MPB-4**. Para breve, promete **Wanderléa**.

Na ala independente, a Baratos Afins vem com o LP das **Mercenárias** e não tem planos de novos discos — vai parar para colocar a casa em dia. O selo Ataque Frontal vai lançar, no começo do ano, o novo disco dos **Inocentes**.

NOVIDADES NO VINIL

Foto Paul Cox/ LFI

McCulloch, do Echo, quebrando o silêncio

Echo and the Bunnymen estão de volta ao vinil, com o compacto "Bring On the Dancing Horses". O lado B é "Bed Bugs and Balderdash" (ambas inéditas).

The The, a banda-de-um-homem-só (o ótimo **Matt Johnson**), vem de LP novo, produzido por **Tom Waits.**

Outra de **Waits:** ele, **Lou Reed** e **Sting** estão finalizando um disco com músicas de **Kurt Weill** (o parceiro de **Bertolt Brecht**), inclusive a famosa "Alabama Song", que já mereceu versões de **Neil Young,** dos **Doors** e de **David Bowie.** Alô, gravadoras! Não durmam no ponto!

Já à venda (nos EUA) o álbum *Television's Greatest Hits* que, para absoluta delícia dos telemaníacos, traz os temas musicais de sessenta e cinco seriados. Entre eles: *Missão Impossível, Manda-Chuva, Batman, Jetsons, Agente 86, Jornada nas Estrelas, Popeye, Bonanza, Hawaii 5-0, Perdidos no Espaço, Flintstones, Mister Ed, Flipper* e *Família Monstro.*

HERMETO BOTA A BOCA NO TROMBONE

Durante seu estupendo show *Festança Ecológica,* **Hermeto Paschoal** separou boa parte do espetáculo para descer a lenha na imprensa, gravadoras, TVs, rádios e políticos. Vai aqui um registro de parte deste discurso feito dia 12 de outubro, no Teatro do Sesc Fábrica da Pompéia (SP):

Para políticos e jornalistas: "Se fizessem seu trabalho como eu faço música, estariam com tudo". Para os diretores de gravadoras: "Dizem que vocês (público) são burros. Cobrem isto deles, que deveriam ser afogados num dia bem frio". Sobre conservatórios: "Há placas por aí onde está escrito: 'ensina-se composição'. Para que ensinar, se está tudo aí, na cara?"

E finaliza: "Gostaria de ganhar dinheiro para não cobrar ingresso. E, olha, Jesus Cristo teria escrito isto na Bíblia, se não tivesse tomado um porre de conhaque naquele dia".

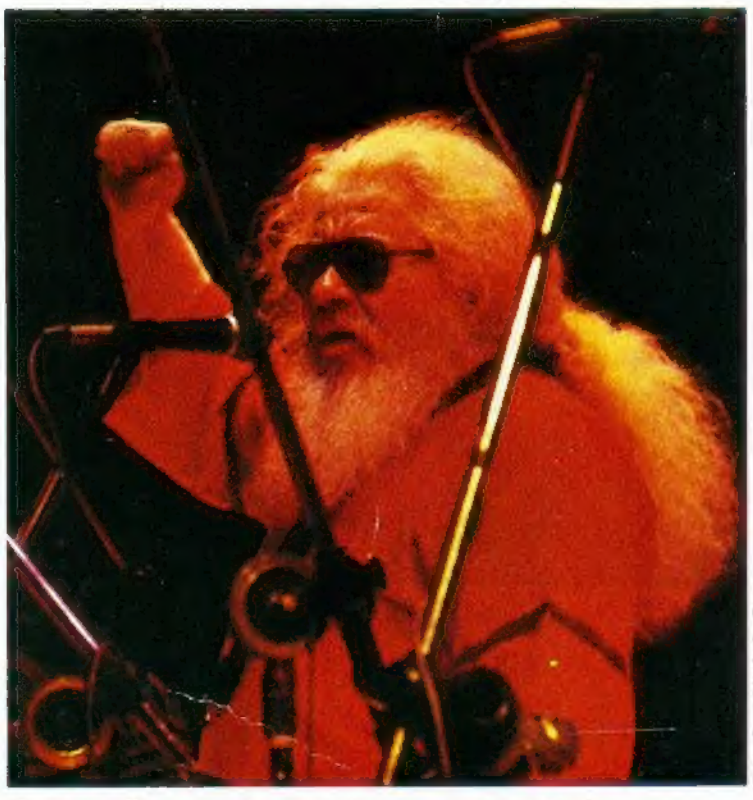


Foto Geraldo Luiz Gomes

Hermeto soltou os cachorros na imprensa e nas gravadoras

BRASIL GRANDE

"O Pior Lugar do Planeta", "O Vale da Morte", "Apocalipse Ecológico": com esses termos pouco amenos, a revista americana *Rolling Stone* (edição de outubro) refere-se à trágica situação de Cubatão (SP) em uma grande matéria com chamada de capa. As fotos de cemitérios, doentes de pele e crianças intoxicadas não deixam por menos, e dá-se nome aos bois: Petrobrás, Union Carbide, Dow Chemical e Rhodia são citadas como indústrias violentamente poluentes. Dá vergonha.

SPIELBERG CAÇA OVNIs

Foto Sipa Press

Spielberg, doando dinheiro para a caça ao ET

Depois de *ET* e *Contatos Imediatos,* o cineasta **Steven Spielberg** está procurando discos voadores de verdade. No dia 29 de setembro, ele apertou o botão para o começo de funcionamento do Sistema Megacanal Extraterrestre, no observatório de Oak Ridge, Califórnia. Spielberg doou 100 mil dólares para ajudar o sistema a encontrar novas formas de vida.

Foto Geraldo Luiz Gomes

O tímido Beto Guedes, incentivado pelo público fiel

NÓS ERRAMOS, ELES ERRAM

Beto Guedes não está tocando nas rádios, nem seu disco vendendo *zil* cópias. Aqueles que lotaram o Espaço SP, no dia 5 de outubro, eram mesmo seu antigo e fiel público. Ele se apresentou tímido como sempre, mais gordo, e entrou errado em todas as músicas, divertindo seus músicos e ganhando o carinho da platéia. Visivelmente emocionado, Beto confessou sua surpresa: "Muito obrigado por vocês terem vindo". E teve de voltar ao palco, senão o público teria posto abaixo, literalmente, o teatro.

Mas não foi só o mineiro a engasgar com a fumaça de São Paulo — a banda do cosmopolita **Jean-Luc Ponty,** na sua apresentação no Palace (11/10) também vacilou horrores.

O baixista **John Humphrey,** logo na primeira música, errou uma virada. Na segunda, esqueceu sua linha e saiu tocando qualquer nota, sob os olhares atônitos do grupo. Ele só se sentiu vingado no final, quando o tecladista e o guitarrista deram uma cruzada feia no tom. Comentário de Jean-Luc Ponty, ao executar uma música sozinho, com seqüenciador eletrônico e violino: "Espero que assim dê certo" (veja o comentário sobre o show carioca de Ponty na pág. 34)

ESTE NÃO É UM LUGAR PARA AMADORES.

SIDE WALK

Al. Lorena, 2.090. Tel. 852-1087. Shopping Center Iguatemi - SP. Shopping Center Ibirapuera - SP. Visconde de Pirajá, 547 - RJ.

Foto Marlisa Bertora

La Hagen abre nossa revista favorita

JANISTA SIDERAL ATORMENTA NINA

Nem mesmo **Nina Hagen** ficou livre das campanhas para prefeitos das capitais. Sua coletiva em São Paulo contou com a entusiasmada participação de um representante da Juventude Janista. Ele pretendia convidá-la para participar de uma festa em prol da candidatura de Jânio, mas só conseguiu fazer um longo discurso sobre os OVNIs e os shows de Nina.

O jovem janista foi sutilmente colocado para fora pelos seguranças, enquanto Nina batia palmas e, com os dedos em cruz, exorcizava o interlocutor.

Uma revelação: ele confirmou fazer parte de um partido interessado em manter contato com os extraterrestres.

OUÇA ESSA II

As exigências do Centro de Recurso Musical dos Pais são como querer eliminar a caspa através da decapitação.

Frank Zappa, falando a um comitê de mulheres de senadores americanos que pretendem impor rótulos para censura etária em alguns discos de rock que consideram "pornográficos".

MACCA CONTRA-ATACA

Foto Gramitz - LFI

McCartney lua-de-mel com a tela

Apesar do estrondoso fracasso de *Give my Regards to Broad Street*, **Paul McCartney** e o cinema continuam em franca lua-de-mel. Desta vez, o velho Macca assina a faixa-título da trilha de *Spies Like Us*, filme dirigido por **John "Thriller" Landis** e estrelado por **Dan Aykroyd** (um dos *Irmãos Cara-de-Pau*) e **Chevy Chase**. Além disso, Paul finaliza o álbum que está gravando com os produtores **Hug Padgham** e **Phil Ramone**.

Foto Paul Cox - LFI

Os inimitáveis Z Z Top

PARECE MAS NÃO É

A velha arte da imitação é a nova onda no Canadá. Sósias perfeitos, no som e na imagem, de roqueiros consagrados podem ser vistos quase todas as noites nos clubes noturnos de Toronto. Os mais cotados — quer dizer, imitados — são os barbudos do boogie texano **Z Z Top** e **Bruce Springsteen** e sua **E Street Band**, cada um com três *clones* cada!

MARÉ BAIXA PARA O COUNTRY

Os anos 80 não estão sendo dos melhores para a música country, que só conseguiu ganhar seis discos de ouro entre 81 e 85. Aí estão eles: *Feels So Right*, do **Alabama** (1981); *Seven Years Ache*, de **Rosanne Cash** (1983); *Waitin for the Sun to Shine*, de **Ricky Skaggs** (1983); *Somebody's Gonna Love You*, de **Lee Greenwood** (1984); *Right or Wrong*, de **George Strait** (1984); e *Why Not Me?*, do **The Judds** (1985).

MADONNA VERSÃO CAROLA

Amy Grant pode ser considerada bonita como **Madonna**. Mas seu negócio é o rock bíblico. Fazendo shows sempre com platéias superiores a dez mil pessoas, é a primeira cantora de *gospel* a virar sucesso na música pop. Seu novo compacto *Wise Up* sobe nas paradas americanas e seus dois LPs, *Unguarded* e *Straight Ahead* já venderam mais de 500 mil cópias. O que mostra que, na terra de Billy Graham, tudo pode acontecer.

PRINCE EXUMADO

Foto LFI

Prince goes to Hollywood (outra vez)

O velho truque: tão logo algum músico faz muito sucesso (se morre é melhor ainda), *todas* as suas velhas gravações, fitas de demonstração, faixas recusadas e o que mais houver são exumadas e lançadas em disco. Desta vez os ilustres desconhecidos **Pepe Willie** e **Jeffrey Pink**, que foram "patrões" de **Prince** (quando ele tinha dezesseis anos) em uma banda de funk, estão oferecendo às gravadoras o álbum *Minneapolis Genius: Featuring The Band 94 East*. **Prince** toca nas seis faixas (gravadas entre 75 e 76), tem uma co-autoria, mas não canta em nenhuma. Se ninguém se interessar, lançam o disco eles mesmos. **Prince**, que não se manifestou, esta mais preocupado com sua volta às telas. Depois do sucesso de *Purple Rain*, vem aí *Under The Cherry Moon*, em que ele faz o papel de um músico de bar, na França. A direção é de **Mary Lambert**, famosa pelos videos que fez de **Madonna** (não deixe de ler a primeira entrevista de Prince em três anos, na pág. 43)

Fique on.

Briansk é uma cidade da Rússia às margens do Desna.
Shapandu também é uma cidade e fica na Birmânia.
Se você conhecia algumas destas cidades, ligue-se mais na Cidade.
Largue das coisas inúteis e module a sua freqüência.
Porque a vida é como dizia o venerável mestre Adub:
Airefirep an uo edadic an acif êcov uo.

RADIO CIDADE
A MAIS FM DE TODAS

Foto Simon Fowler LFI

Wonder entre as dez mais: não é novidade

STEVIE CAMPEÃO

Stevie Wonder alcançou com a música "Part Time Lover" o décimo lugar na parada *Hot 100* da revista *Billboard*, que pesquisa execução e vendas nos EUA. É a vigésima-sexta vez que ele ocupa um posto entre as dez mais", só perdendo para **Elvis Presley** (38 vezes) e para os **Beatles** (33 vezes). **Diana Ross** também ganha de Stevie, mas só se forem computados, além dos sucessos solo, seus hits com **The Supremes**, elevando seu total para 30 balaços *top ten*

ACREDITE SE QUISER

Miles Davis foi visto na platéia de um show de **Nik Kershaw** (para quem não conhece, um subderivado de **Paul Young, Limahl** e congêneres). Aqueles que acusam o grande Miles de abusar nos flertes com a música pop devem estar de cabelos em pé.

UMA BOMBA NO NATAL

Não vá se engasgar com as nozes **Colera, Olho Seco, Ratos de Porão, Garotos Podres, Inocentes** e **Vírus 27**, todos do bravo punk rock paulista, vão detonar um supershow natalino às 24 horas do dia 24 de dezembro, na cidade de São Paulo.

Foto Claudia Dantas

Mick e Tim: pop australiano visita o Brasil

A VISITA DO INXS

Nem as mais de 24 horas de viagem transatlântica, nem mesmo a perda de toda a bagagem — numa complicada conexão em Los Angeles — conseguiram tirar o bom humor do guitarrista **Tim Farris** e do vocalista **Michael Hutchence**, a dupla de compositores do grupo australiano **INXS** que visitou Rio e São Paulo por uma semana antes de partir para Buenos Aires, onde o grupo se apresentou num ecletico festival de rock cujo *cast* incluía tambem **John Mayall**. Farris e Hutchence vieram lançar na América do Sul o novo álbum do INXS, *Listen Like Thieves* produzido por **Chris Thomas** (Sex Pistols, Pretenders)

Stamp

T-SHIRTS

ESTAMPAS EXCLUSIVAS

Aguarde novos lançamentos

Reembolso Postal
Entrega rápida

GRÁTIS

OFERTA
Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha

Este adesivo dentro de cada embalagem.

REF. 201 Cor: az, vd
REF. 202 Cor: br
REF. 203 Cor: az, vd
REF. 204 Cor: br
REF. 226 Cor: az, br, pr
REF. 206 Cor: az, vd, br
REF. 207 Cor: br, az, pr, vd
REF. 227 Cor: br
REF. 228 Cor: pr
REF. 229 Cor: br
REF. 211 Cor: vm, vd, az, br
REF. 212 Cor: vm, vd, az
REF. 213 Cor: az, vd
REF. 214 Cor: br
REF. 215 Cor: vd, az
REF. 216 Cor: br, pr
REF. 217 Cor: pr
REF. 218 Cor: pr
REF. 219 Cor: br
REF. 220 Cor: az, vd, br
REF. 221 Cor: br
REF. 222 Cor: vd
REF. 223 Cor: BR

DESCONTO

Enviando cheque nominal ou vale postal, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade)
Preencha o cheque ou vale postal já com o desconto calculado

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G) 100% algodão

REF	COR	TAM.	REF.	COR	TAM

Nome
End
Cidade
Est. ..... CEP .....

Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 198
CEP 02013 - São Paulo - SP

Bizz 05

PARADA BIZZ

CONVENÇOES
( ) o numero entre parênteses indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) retorno à parada

A parada Bizz é feita com a confrontação de dados de execução e vendagem de discos. Eles são extra dos de 59 lojas e 70 rádios AM e FM das principa s cidades do país. Pesquisa da GEM Comunicação

25 MAIS

1 (2) "Dona" - **Roupa Nova** (RCA)
2 (1) "Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)
3 (6) "Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)
4 (8) "De Volta pro Aconchego" - **Elba Ramalho** (Barclay)
5 (5) "Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
6 (4) "Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)
7 (9) "Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
8 (15) "Forever By Your Side" - **Manhattans** (RGE)
9 (10) "Coração Aprendiz" - **Fafá de Belem** (Som Livre)
10 (13) "Forever Young" - **Alphaville** (WEA)
11 (11) "Heaven" - **Bryan Adams** (CBS)
12 (20) "Roque Santeiro" - **Sá e Guarabyra** (RCA)
13 (3) "I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)
14 (N) "Vírus do Amor" - **Rita Lee** (Som Livre)
15 (7) "I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)
16 (25) "Steady" - **Jules Shear** (EMI-Odeon)
17 (N) "Decadence Avec Elegance" - **Lobão** (RCA)
18 (N) "Viva, Bravo" - **Menudo** (RCA)
19 (N) "Manequim" - **Ney Matogrosso** (Barclay)
20 (19) "Fórmula do Amor" - **Leo Jaime/Kid Abelha** (CBS)
21 (R) "Everybody Wants to Rule the World" - **Tears for Fears** (Polygram/Barclay)
22 (12) "Sincero" - **Lulu Santos** (WEA)
23 (17) "A View to a Kill" - **Duran Duran** (EMI-Odeon)
24 (N) "Santa Fé" - **Moraes Moreira** (CBS)
25 (21) "We Don't Need Another Hero" - **Tina Turner** (EMI-Odeon)

	OS 10 MAIS VENDIDOS	AS 10 MAIS TOCADAS
1	(2) *Roque Santeiro* - **Nac - Vários** (Som Livre)	(2) "Dona" - **Roupa Nova** (RCA)
2	(8) *Libra* - **Julio Iglesias** (CBS)	(1) "Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)
3	(1) *Nós Vamos Invadir sua Praia* - **Ultraje a Rigor** (WEA)	(3) "Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)
4	(5) *A Gata Comeu* - **Inter - Vários** (Som Livre)	(4) "Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)
5	(7) *Brothers in Arms* - **Dire Straits** (Polygram)	(7) "Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
6	(N) *Vulgar e Comum E Não Morrer de Amor* - **Wando** (Arca)	(9) "Forever Young" - **Alphaville** (WEA)
7	(N) *A Festa Vai Começar* - **Menudo** (RCA)	(N) "Heaven" - **Bryan Adams** (CBS)
8	(N) *Revoluções por Minuto* - **RPM** (CBS)	(5) "Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
9	(R) *Trem da Alegria* - **Clube da Criança** (RCA)	(N) "Coração Aprendiz" - **Fafá de Belém** (Som Livre)
10	(N) *The Dream of the Blue Turtles* - **Sting** (CBS)	(N) "Forever by Your Side" - **Manhattans** (RGE)

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consulta-lo

SENHA, A MODA
QUE FALA POR MIM.

Saldiva & Associados

Senha

GREETINGS FROM ASBURY PARK, NEW JERSEY/ THE WILD, THE INNOCENT AND THE E STREET SHUFFLE/ BORN TO RUN/ DARKNESS ON THE EDGE OF TOWN/ THE RIVER/ NEBRASKA/ BORN IN THE USA - Bruce Springsteen (CBS)

Foi preciso que alguns singelos segundos de videotape apresentassem o rosto e a voz deste rapaz (e não mais do que isso) ao grande público brasileiro — via "We Are The World" — para que a gravadora CBS resolvesse investir no catálogo do maior artista do rock norte-americano, Bruce Springsteen. O que me leva a matutar: a campanha de divulgação de Bruce Springsteen no Brasil tem sido tão descaradamente (e erroneamente) calcada em "We Are The World" que, aposto que, no primeiro show que Bruce fizer em Pindorama, não vai dar outra: a platéia pedindo que ele cante "We Are The World"! Vai ser constrangedor, gente boa.

Mas não é só aqui que Bruce está sendo mal (ab)usado. De "Rambo do Rock" a "Última Esperança para a América", Bruce tem esbarrado com uma série de qualificações que pouco ou nada têm a ver com seu rock. Da mesma forma que 90% das pessoas não perceberam que "Born in The USA" *não era* um hino patriótico, e sim uma porrada na pobreza e na hipocrisia pós-Vietnã, no Brasil praticamente ninguém sabe que Bruce é a voz do povão mais ferrado, do zé-mané desempregado, e não um simples pop star. De menestrel urbano/romântico quase dylanesco *(Greetings...)* a neo-beat poético/funkado *(The Wild, The Innocent...)*, de amargo repórter do front do coração *(Darkness...)* a jubilante celebrador da inocência e da juventude *(Born to Run)*, Bruce é o campeão dos desiludidos com o rock. A América pintada por ele é tão preta-e-branca quanto a foto da capa de *Nebraska*.

José Emílio Rondeau

... ALL THE RAGE — General Public (RCA)

Na Inglaterra pós-punk existiu um grupo multirracial que atualizava ritmos dançáveis ancestrais — como o ska — e emprestava a eles um discurso anos 80 tão político quanto divertido e sensual. O grupo chamava-se The Beat e não viveu além de 1984, após ter martelado nas paradas hits memoráveis — "Mirror in the Bathroom", "Save It for Later" e "Doors of My Heart". A metade menos nobre do Beat formou o Fine Young Cannibals (Porão, em BIZZ 4). A dupla célebre do Beat — o lourinho Dave Wakeling e o *toaster* Ranking Roger — formou o General Public, uma espécie de Beat passado a limpo, mas sem o impacto da novidade. *J.E.R.*

GULDA PLAYS GULDA — Friedrich Gulda (Polygram)

"Já é tempo de renunciarmos a esses rótulos tolos", diz o pianista Friedrich Gulda, referindo-se à distinção preconceituosa entre "clássico" e "popular". E é nesse campo que ele vem trabalhando nos últimos anos, procurando uma fusão entre as formas eruditas e os tipos de melodia e de ritmo típicos do jazz ou do rock. Este disco traz interessantes exemplos dessas pesquisas: um "rock barroco", uma sonatina usando processos de composição típicos do blues e um Prelúdio e Fuga que concilia a tradição de Bach com a improvisação do jazz. Gulda toca também duas "Cantigas para Crianças" de Chick Corea, com quem tem colaborado intensamente. *L.M.C.*

IN SQUARE CIRCLE — Stevie Wonder (RCA)

Após um silêncio de três anos — quebrado apenas pela morna trilha do filme *A Dama de Vermelho* e pelo projeto Live Aid —, Stevie Wonder ressuscitou dos pântanos complacentes de Los Angeles com um álbum inteligente e instigante. O lado 1 pode não ir muito além de elucubrações sobre o amor, mas o lado 2... Stevie, no topo de sua forma, transforma temas quase banais em pequenas gemas ("Spiritual Walker" e "Land of Lala") e, com o auxílio da melhor tecnologia que pôde empurrar para dentro de seus estúdios caseiros, construiu uma sinfonia com sons da natureza (grilos, pássaros e riachos) na bela "Overjoyed". Mas o ponto alto é "It's Wrong", uma diatribe afro-americana contra o Apartheid. *J.E.R.*

MAHLER (SYMPHONY N.º 5) — Bernard Haitink (Polygram)

Comemorando a vinda de Bernard Haitink ao Brasil com a Concertgebouw de Amsterdã, é relançado seu registro de 1972 da "Sinfonia n.º 5" de Gustav Mahler (cujo quarto movimento, o "Adagietto", foi popularizado como trilha sonora do filme *Morte em Veneza*). A regência de Haitink já foi acusada de ser fria e impessoal, mas isso é resultado de sua opção de não tomar liberdade alguma em relação à partitura, de seguir escrupulosamente as mínimas indicações do compositor. Esse rigor textural é responsável por leituras muito severas mas muito fiéis ao espírito de Mahler. Completa este álbum o primeiro movimento da "Sinfonia n.º 10", que ficou inacabada. *L.M.C.*

ESTAÇÃO DA LUZ — Alceu Valença (RCA)

Numa época em que a maioria dos artistas busca uma crescente internacionalização, Alceu Valença faz o caminho inverso e regionaliza sua música cada vez mais. Como se isso fosse possível, já que desde sua explosão nacional, uma década antes, Alceu se destacava justamente por seu regionalismo. *Estação da Luz* é um disco que apura e sofistica este sotaque regional, celebrando o verão com toadas apaixonadas ("Olinda"), imagens delirantes ("Os flamboyants estão sangrando", frase de "Chuva de Cajus") e frevos new republic ("Chego Já"). *J.E.R.*

REUNION AT BUDOKAN 1981 — Modern Jazz Quartet (WEA)

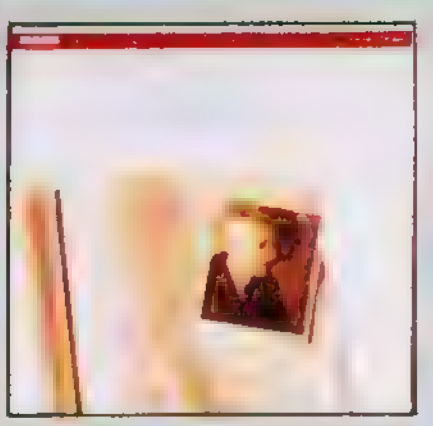
Jazz ou clássico? No caso do MJQ fica difícil responder, mas a melhor resposta seria "nem um nem outro, mas ambos". Se alguém quiser conhecer essa mistura, pode começar com *Reunion...*, gravado ao vivo num festival japonês, a primeira apresentação do MJQ após sete anos de inatividade.

A emoção do reencontro pode ter influenciado as performances do grupo, todas aqui impecáveis — o piano erudito e sutil de John Lewis continua puxando o quarteto, ajudado pelo vibrafone veloz e bluesístico de Milt Jackson. Em termos de criatividade, o MJQ continua inigualável e podemos pescar pitadas de swing, bebop, blues, fuga clássica e, principalmente, J.S. Bach. Para quem curtiu as invencionices recentes de Claude Bolling, ouvir o MJQ original é uma oportunidade mais do que interessante. *A.D.*

TOMMY BOY GREATEST HITS — Vários (Polygram)

Foi assim que tudo começou: alguns DJs furungando com delays, extrapolando as possibilidades dos toca-discos e deixando de apenas tocar música para também criá-la. Adicione alguns artistas com o dom da palavra que conseguem fazer gingar até mesmo um discurso sobre "Ciência e Fé". E o que é que você tem? Hip-hop?

Esta coletânea reúne as raízes e os criadores do hip-hop. Todo mundo diz "presente", de Afrika Bambaataa ("Planet Rock" e "Looking for the Perfect Beat") e "Jellybean" (40% das mixagens) a Arthur Baker (o inesquecível mix de "Jazzy Sensation"). Bom pra cabeça e excelente pros pés. *J.E.R.*

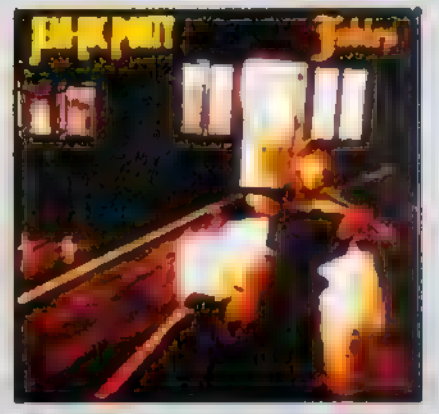


BARTÓK (CONCERTO FOR ORCHESTRA) — Antal Doráti (Polygram)

Esta já é a quarta vez que o húngaro Antal Doráti grava o *Concerto para Osquestra*, última obra de seu compatriota Bela Bartók, a quem esteve ligado por íntima amizade. Ao longo dos anos, sem perder a vivacidade e a precisão rítmica que caracterizavam sua interpretação de juventude desta peça, Doráti foi ganhando dela uma visão mais aprofundada e madura. O equilíbrio entre ardor e lirismo é o que marca esta nova versão do Concerto, gravada em 1983 com a Concertgebouw de Amsterdã. Completa o lado B a "Duas Imagens" op. 10, um Bartók jovem, ainda influenciado por Debussy. *L.M.C.*

VOICES CARRY — Til Tuesday (CBS)

No meio do frenesi de produção em massa que vem caracterizando a indústria do rock (afinal, é indústria, né?), é mais do que refrescante encontrar uma banda estreante com personalidade e qualidade suficientes para prometer um futuro imperdível. Este é o caso do Til Tuesday, um quarteto de Boston construído em torno da guitarra ganchuda do inglês Robert Holmes e da voz hipnótica de Aimee Mann. Todas as letras são de Mann e — definitivo refresco — falam do mundo sob um agudo ponto-de-vista feminino (preste atenção em "Don't Watch Me Bleed" e "Maybe Monday"). E as canções não conseguem esperar 30 segundos antes de chegarem ao refrão — sempre um refrão inesquecível. Isso sem falar no potencial visual da banda e, principalmente, de Aimee. Se você ainda não viu os clips do Til Tuesday, corra atrás. *J.E.R.*



FABLES — Jean-Luc Ponty (WEA)

Ponty popularizou ao extremo o jazz-rock com que recheou 12 álbuns através de uma década de carreira, sempre sob a pecha crítica de pouco criativo. E a "estrelice" de Ponty chegou a um determinado ponto em que o artista nem mais precisava de banda no estúdio. Prova disso foram seus últimos LPs, dois petardos hipereletrônicos.

Mas o violinista francês resolveu mudar. *Fables* é, no mínimo, inovador, a começar pela presença de uma nova banda e de um novo tipo de violino.

É mantida, porém, a tradição de ótimos guitarristas convidados que sempre marcou a carreira de Ponty. Aqui o novato Scott Henderson recria bem o estilo de Alan Holdsworth (o mestre de Eddie Van Halen) no solo que faz na faixa "Cats Tales". Para os pontymaníacos, *Fables* é imperdível. Mas quem busca *bastante* inovação terá de esperar o novo disco da recém-reformada Mahavishnu Orchestra. *A.D.*

CHANGE TODAY? — TSOL/ SLEEP IN SAFETY — 45 Grave/ TIME STANDS STILL — Chris D. & DIVINE HORSEMAN/ Plasticland (RGE)

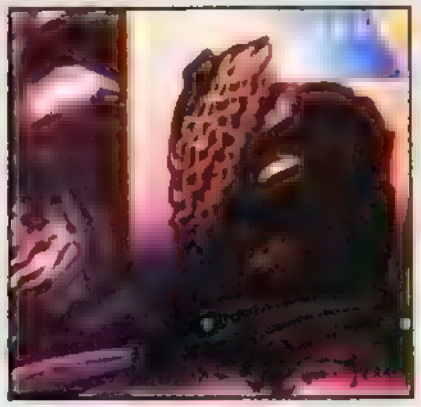
Milagres acontecem. Sabe-se lá por que, chegam ao Brasil vários discos do selo independente Enigma, que abriga inúmeras bandas participantes do renascimento do rock americano. São grupos da Califórnia (e um do Wisconsin), ponto-chave dessa rearticulação. TSOL (ou True Sounds of Liberty) é o mais conhecido deles, tendo iniciado carreira (81) no *hardcore* rock de intenções políticas. Variaram seu som a cada disco, influenciados pelo *revival* psicodélico, mas sempre no terreno do pós-punk. 45 Grave, apesar do toque gótico na capa e nas letras, também faz um rock possante, de eventuais ressonâncias metal, e traz uma pérola do surf-punk: "Surf Bat". Chris D. é o conhecido produtor de Los Angeles (Gun Club, Dream Syndicate) e gravou seu próprio *country-drunk-rock*, com a colaboração de John Doe (do X), Kid Congo (dos Cramps), Dave Alvin e Bill Bateman (dos Blasters), entre outros. De Wisconsin vem Plasticland, o menos americano desse grupos (com melodias e harmonias vocais para os órfãos dos Beatles), mas nem por isso menos recomendável. *A.A.*

SIGA-ME — Vinícius Cantuária (EMI-Odeon)

Ex-companheiro de Caetano e autor de "Lua e Estrela", Cantuária rasga sedas ao protetor na patética "Banda Nova": "Eu tava torto na vida até você me chamar/ Pra tocar na sua banda/ E não pra vê-la passar" (sic!). É uma chuva de chavões por todo o LP, como em "Na Canção" (um rock tchaptchura): "Você vive fingindo/ Mas eu não ligo/ Isto é o comum por aí". Ou no regginho "Dia D": "Hoje é o dia D, meu amor/ Eu vou ligar pra você/ Quero seu DDD, meu amor/ Eu vou falar com você". Com a adesão de músicos talentosos (o tecladista Nico Resende e o quase lendário João Donato), declara, em "Diz que Faz": "Tentei de tudo/ Mas você sempre quer mais". Na contracapa, Cantuária aparece descendo a escada. Pode acabar desaparecendo de vez. Ele mesmo diz: "O lance é olhar pra frente/ Que atrás vem gente". *J.E.M.*

SHOCK — The Motels (EMI-Odeon)

Esta banda de Los Angeles já está na estrada faz tempo. A cantora Martha Davis, líder e compositora, com a voz que soa como um cruzamento de Chriessy Hynde com Cyndi Lauper, anda pelos palcos desde o começo dos anos 70, quando trabalhava na Warfield Foxes. A produção de *Shock* é de Richie Zito, um discípulo de Giorgio Moroder que já atuou como guitarrista de Elton John. E reflete a influência de Moroder — som dançante, recheado de sintetizadores e percussão programada. Um leve toque oriental (na abertura de "Annie Told Me") e um som de cítara no começo de "Icy Red" diferenciam um pouco estas faixas do resto. Letras quase todas refletindo algum tipo de bode (desilusões amorosas, o clima da metrópole em "New York Times"), em músicas que vão com precisão a seu alvo: ou seja, fazer a moçada chacoalhar noite adentro. Um destaque para capa e contracapa, um trabalho gráfico superinteressante, dentro do melhor estilo da arte new wave, já datada, mas ainda impressionando. *J.E.M*



STELLA — Yello (Polygram)

Ah, os plácidos lagos da Suíça... De lá, além dos relógios e dos queijos, vêm também alguns sujeitos esquisitos, como Dieter Meier e seu bigodinho de *gentleman*. Filho de banqueiro (!) que se fez performer, Meier foi responsável, ao lado de Boris Blank e Carlos Peron, pela formação de um dos mais excêntricos grupos que já soaram no vinil ou pisaram em um palco.

Trata-se do Yello, que, em seu quinto LP, e já como duo (Peron se foi), chega ao Brasil. Na melhor tradição dos não-músicos (como ensinou Brian Eno), eles experimentaram todos os recursos eletrônicos (Blank) e poéticos e vocais (Meier). Depois se divertiram produzindo música dançante derivada do rock, do funk e, atualmente, do break. Mas nem por isso ela é vulgar — pelo contrário, é um som altamente climático e por vezes impressionante. Ouça "Desert Inn", por exemplo. (Neste disco eles contaram com a ajuda, entre outros, da cantora Rush Winters e do guitarrista Chico Hablas.)

No entanto, a edição nacional apresenta problemas na capa (uma má reprodução da ilustração/foto de Ernest Gamper) e na ausência de um encarte com as letras, que representam 50% exatos dos atrativos da banda. *A.A.*

THE HEAD ON THE DOOR — The Cure (Polygram)

O que veio primeiro — o Cure ou Robert Smith? O fato é que, da mesma forma que o Pink Floyd era o principal veículo de Roger Waters, da mesma forma que o Dire Straits é Mark Knopfler, o Cure é a banda de Robert Smith, um gorducho metido a esquizofrênico, letrista e cantor. Como a maioria das pessoas, sou inclinado a achar que Smith faz gênero. Mas não posso deixar de admirar sua música. O novo álbum — uma espécie de ressurreição do Cure — abriga Beatles ("Six Different Ways"), guitarradas gálicas ("Push") e até mesmo um hit-disco ("Close to Me")! Bom, isso se você se sentir confortável com o balbuciar que Smith colocou entre uma batida e outra. Às vezes dá medo. Não leve muito a sério. *J.E.R.*

CIRCULAR — Ritchie (CBS)

Ritchie, como Lulu Santos e Lobão (todos originários do grupo carioca Vímana), sempre manteve um certo escrúpulo roqueiro e uma relação mais ou menos dúbia com o pop. Agora, cansado de guerra, o inglês resolveu apelar. Ele diluiu demais seu tecnopop e escolheu as faixas mais fracas para abrir o novo disco. Só no finalzinho do lado I vai-se tornando reconhecível

Além do mais, a fórmula que o parceiro Bernardo Vilhena utiliza em muitas letras (o amor mediado/condicionado por aparatos tecnológicos, tais como telefones, elevadores e aviões) já está surrada. Como curiosidade, a boa regravação de "Favela Music", de Jim Capaldi. *A.A.*

IN TRANCE — Scorpions (RCA)

Editado originalmente — lá fora, claro — em 76, *In Trance* é o terceiro LP na carreira dos Scorpions. O batera era, então, Rudy Lnnerz, enquanto a guitarra solo ficava nas mãos de Roth, que sobrepõe solos a distorções, criando uivos, bombardeios, vôos rasantes e cavalos relinchando no melhor estilo hendrixiano.

O grupo era mais maneiro e menos engajado no atual estilo americano de pauleira pop. Klaus, Rudy e Francis estão em cima, com o brilho habitual. E o tardio lançamento brasileiro vale mais por Roth, para os mais fissurados que ainda não tinham tido coragem para pegar o importado, e pela loiraça transando com a guitarra na capa. No mais, os destaques ficam por conta de "Dark Lady" e "Top of the Bill", onde se vê menos padronização que nos Scorpions de hoje. *Leopoldo Rey*

wea: A música dos anos 90

LULU SANTOS -
"NORMAL"

ULTRAJE À RIGOR -
"NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA"

TITÃS - "TELEVISÃO"

KID ABELHA E OS
ABÓBORAS SELVAGENS -
"EDUCAÇÃO SENTIMENTAL"

EPIC
MARVEL

A revista que está revolucionando o mundo dos quadrinhos apresenta

IRMANDADE DO AÇO

Assista o retorno das valentes e sensuais guerreiras da ilha Ildana. Num ritual cruel e fantástico, elas vão selecionar as mulheres que poderão ingressar no lendário exército dessa estranha e misteriosa irmandade.

Dreadstar
Cilada! Um plano infalível do diabólico Lorde Papal para aniquilar Dreadstar.

Não perca! nas bancas

© 1985 MARVEL COMICS GROUP

RÁPIDO & RASTEIRO * RÁPIDO & RAST

O fusion acústico sobe nos tamancos. **ESTRADA DA LUZ** (Polygram) é o sétimo LP, e o primeiro aqui, da banda do flautista português **Rão Kyao.** O grupo mescla folclore, lirismo e harmonias bem trabalhadas, como em "Savana", onde a riqueza do baixo de Carlos Araújo remete a Charlie Haden, ou no som ancestral de "Canção de Trabalho". Tem até baião, "Tróia", e mais reflexos do nosso Nordeste em "Nascentes" (I e II) ⊗ Um heavy metal com toque ligeiro o suficiente para fazer o grupo figurar em FMs e nas TVs. É o trabalho do **Night Ranger** em **7 WISHES** (WEA). A origem da moçada é uma banda de funk, a Rubicon. Entre os destaques, a guitarra de Brad Gillis (ex-Ozzy Osbourne) e o tecladista Alan Fitzgerald (ex-Sammy Hagar) ⊗ Mais uma trilha sonora de mais um filme de verão. **AREIAS ESCALDANTES** (EMI-Odeon) traz as contribuições de **Lobão, Ira!, Lulu Santos, Titãs, Ultraje, Capital Inicial, May East** (a música é razoável; só falta uma cantora), **Gang 90** e **Leninha.** O melhor fica com **Edgard Scandurra,** do Ira!, em "Longe de Tudo" ⊗ Raimundo **FAGNER** (CBS) aparou um pouco o cacto da voz, esbanjou na produção e espalhou o "teclado-novela-das-sete" de Lincoln Olivetti por todo o disco. Tem muita gente que gosta. **Beth Carvalho** deu a maior mão no sambão "Te Esperei" ⊗ **Herb Alpert** está vivo, passa bem e pode ser visto pelo circuito de Las Vegas. O pistom latino da Tijuana Brass aderiu à eletrônica em **WILD ROMANCE** (CBS). Na percussão, a enésima intervenção de Paulinho da Costa, o brasileiro de um milhão de dólares ⊗ **CONQUEST** (EMI-Odeon), do **Brass Construction,** é um funk aguadão. Tim Maia e sua banda dão neles de dez ⊗ E quase no mesmo saco, o da wave evaporada, entram **BOY IN THE BOX** (EMI-Odeon), do gatinho **Corey Hart,** e **DON'T SUPPOSE** (EMI-Odeon), de **Lihmal.** Quanto a Lihmal, salvo pelo gongo pela autoria e arranjo de "Never Ending Story", ambos de Giorgio Moroder.

José Eduardo Mendonça

ROCK SHIRTS

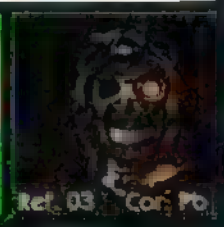
Camisetas e bonés exclusivos com estampas dos grupos e ídolos do rock.

GRÁTIS

Preço Cr$ 70 000

na compra de 5 camisetas você ganha uma à sua escolha. Cores: verm. • am. verde • azul • preta • branca

Reembolso Postal

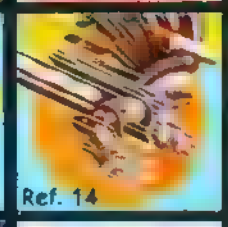


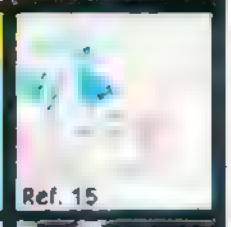
Camuflado - Cr$ 56.000

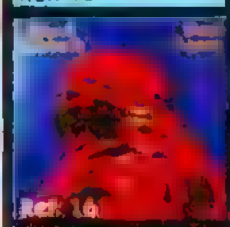
Vermelho ou preto Cr$ 45 000

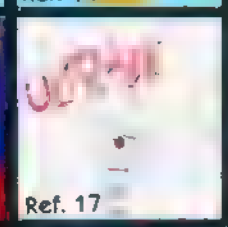
GRÁTIS na compra de 5 bonés, um à sua escolha.

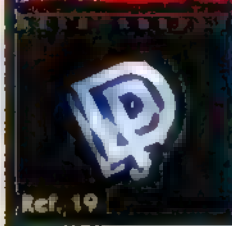
Escolha o aplique do grupo que você quiser acima. Pedido mínimo: 2 bonés
Mandamos também os apliques separados para você aplicar em sua roupa por Cr$ 12.000 cada.
Pedido mínimo: 3

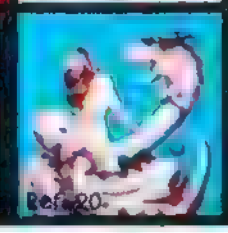












Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G)

REF.	COR	TAM.	REF.	TAM.

Nome .
End. .....
Cidade ..... Est. ..... CEP

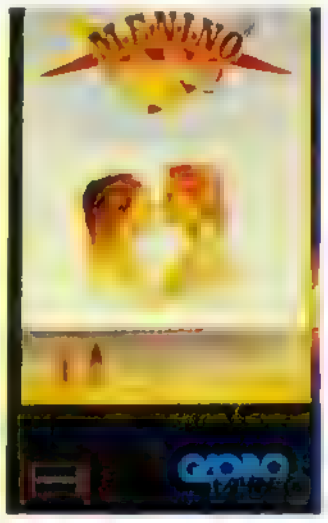
Mande seu pedido para a Av. Carinás, 788
CEP 04086 - SP - Capital
Preços válidos até 31/12/85

BIZZ 05

DESCONTO 10% - Enviando cheque à Rock Shirts ou ordem de pagamento para a conta 046.777-4 - ag 197 - Bradesco - SP - Capital
Preencha os valores já descontados os 10%.

LANÇAMENTOS

MENINO DO RIO (1981)



Direção: Antonio Calmon. Com André de Biase, Cláudia Magno. Lançamento Globo-Vídeo

Ligeira wave praieira. Com surfistas, asa-delta, festinhas à beira-mar e historinhas de amor. De quebra, músicas de Lulu "Normal" Santos e participaçao de Evandro "Blitz" Mesquita

OS CONDENADOS (1974)

Direção: Zelito Viana. Com Izabel Ribeiro, Cláudio Marzo. Lançamento GloboVídeo.

Baseado na obra homônima do modernista Oswald de Andrade. Na São Paulo dos anos 20, a prostituta Alma d'Avellos lê para os freqüentadores de seu bordel o diário trágico de João do Carmo, um tímido telegrafista nordestino que se mata por sua causa

MUSICAL

THE COMPLEAT BEATLES

Para os eternos fas, um deleite Malcolm McDowell *(If, Laranja Mecânica)* narra a ascensão e queda dos magos de Liverpool. As cenas incluem desde o começo, no Cavern Club, até a melancolia final de *Let It Be*, onde o grupo já se encontrava irremediavelmente dividido

RIGOLETTO (1983)

Foto Ansa

Direção: J.P. Ponnelle. Com Luciano Pavarotti, Edita Gruberová, Ingvar Wixell.

Uma encenação anticonvencional da ópera de Verdi, que sacode a poeira acumulada sobre esta ópera, a respeito da qual parecia já nada mais haver de novo a se dizer. Nas mãos de Ponnelle, a história do Rigoletto assume um tom de verdadeiro delírio felliniano

THIS IS ELVIS

Direção: Andrew Solt, Malcolm Leo.

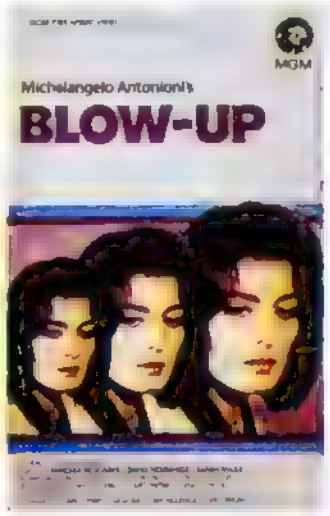
Desde a gravação de seu primeiro disco (*The Sun Sessions*, ver BIZZ 3) até sua morte em 77 por excesso de álcool e barbitúricos, Elvis marcou o século como a expressão maior do rock, influenciando trezenas de cantores e bandas que surgiriam depois. Neste vídeo, trechos de documentários, entrevistas e clips

EVERLY BROTHERS

Para saudosistas e para quem quer conhecer o trabalho de uma das maiores bandas de country rock, com hits como "Bye Bye Love" (regravado por Simon e Garfunkel), "Wake Up Little Susie" e "All I Have to Do Is Dream", seu primeiro compacto a chegar no topo das paradas na Inglaterra e nos Estados Unidos

DRAMA

DEPOIS DAQUELE BEIJO (Blow-Up, 1966)



Direção: Michelangelo Antonioni. Com Vanessa Redgrave, Sarah Miles, David Hemmings. Legendado

Baseado num conto de Julio Cortazar. Thomas é um bem-sucedido fotógrafo de moda. Um dia, fotografa um casal de namorados num parque. A mulher o persegue e pede o rolo de filme. Intrigado, Thomas vai ampliando as fotos até descobrir a imagem de um homem com um revólver na mão. De volta ao parque, encontra o cadáver do homem do casal de namorados. No estúdio, os negativos desaparecem. A objetiva capta o que o olhar não percebe. Trilha de Herbie Hancock e notável participação dos Yardbirds tocando "Stroll On" num porão londrino.

O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO (1969)

Direção: Gláuber Rocha. Com Maurício do Valle, Odette Lara. Lançamento GloboVídeo

O messiânico matador de cangaceiros Antônio das Mortes (Vaile), também personagem de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, vai a uma cidade para matar um bando de jagunços. Misticismo e mitologia glauberiana num filmaço.

FICÇÃO

O EXTERMINADOR DO FUTURO (The Terminator, 1984)

Direção: James Cameron. Com Arnold Schwarzenegger, Linda Hamilton

Um andróide do ano 2029 volta no tempo, a 1985, para destruir a futura mãe do homem que liderará a rebelião humana contra a tirania dos robôs que dominarão o planeta 44 anos mais tarde. A grande estrela do filme são os efeitos especiais criados por Stan Winston. A escolha de Arnold para o papel do Exterminador foi exemplar — ele tem a mesma expressividade de um pedaço de metal

ZARDOZ (1984)

Direção: John Boorman. Com Sean Connery, Charlotte Rampling. Legendado

Diretor de *Amargo Pesadelo*, Boorman situa aqui seus personagens no ano 2293, com uma sociedade super high-tech, dirigida por intelectuais eternamente jovens. Um mundo assexuado e com seres imortais é sacudido pela entrada em cena de Zed (Connery) que, de revólver em punho, se propõe a desmistificar as instituições do mundo novo. Um visual chocante na comunidade de Vortex. Zed subverte as coisas introduzindo numa sociedade fria o desejo sexual, a guerra e a morte

COMÉDIA

A DAMA DE VERMELHO (The Woman in Red, 1984)

Direção: Gene Wilder. Com Gene Wilder, Kelly LeBrock, Gilda Radner. Legendado

Uma refilmagem do filme francês *Pardon Mon Affair* (de 1977), na visão do aloprado diretor de *O Irmão Mais Novo de Sherlock Holmes*. Embalado por músicas de Stevie Wonder e Dionne Warwick, Wilder conta a história de um pai de família exemplar que um dia se apaixona por uma estonteante jovem (LeBroke), que vê de relance num estacionamento, com o vestido vermelho levantado pelo vento. O executivo se mete em todo tipo de confusões para tentar saber quem é a mulher de vermelho e como conquista-la sem que sua mulher perceba. Uma divertida comédia de costumes sobre a fidelidade conjugal, a amizade e a atração sexual

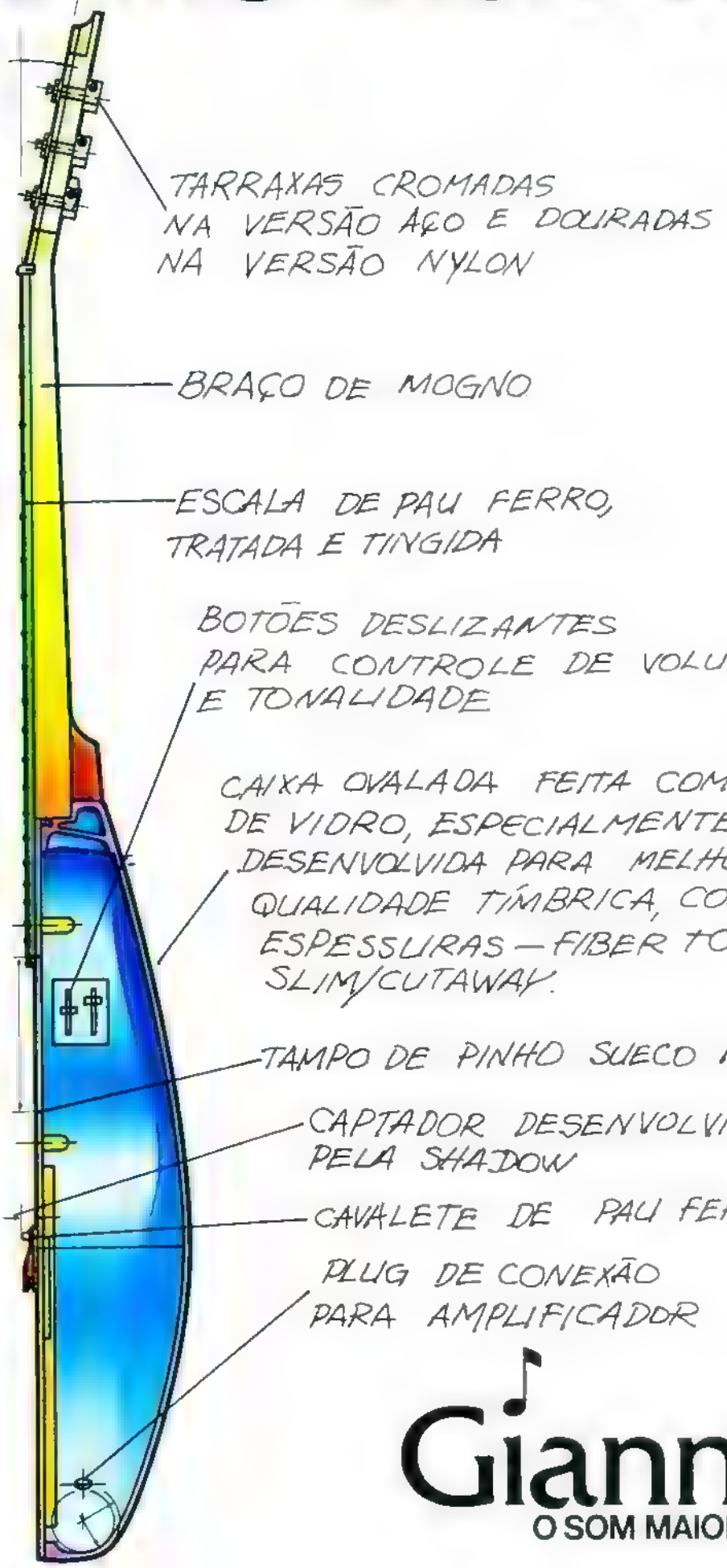
Levantamento feito a partir da distribuidora CIC e do Videoclube Omni Vídeo (SP)

Fotos Estúdio Abril

FIBER New Line

FIQUE POR DENTRO DESTE SOM

Branda, Vieira & Associados



A Giannini está lançando uma nova linha de violões que você não pode deixar de conhecer: Fiber New Line. Eles possuem características técnicas que permitem um resultado final muito superior a maioria de seus concorrentes. Os Fiber New Line podem ser tocados tanto acusticamente como amplificados pois foram desenvolvidos de maneira a realizar bem as duas funções. E, com certeza, depois que você conhecê-los por inteiro, não vai tocar em mais nenhum Fiber New Line – A fibra do som.

Você encontra a Linha Fiber New Line nas versões Fiber Tone, Cutaway e Slim, nas cores caixa preta com tampo Red Cedar, caixa café com tampo sunburst e caixa cinza com tampo moonburst. A versão Fiber Tone só é fabricada em caixa preta com tampo Red Cedar

Giannini
O SOM MAIOR

Dire Straits

Mark Knopfler
no Live Aid

Uma tarde em Manhattan com Mark Knopfler

Se você viu o Live Aid na tevê, certamente não esqueceu daquele rapaz loiro, de banda vermelha na cabeça, que estraçalhou na voz e na guitarra na zilionésima apresentação de seu grande hit de 79, "Sultans of Swing". No momento em que, no palco, Mark Knopfler e seu Dire Straits davam uma mão ao pessoal da Etiópia, no mundo inteiro saíam das lojas milhares de exemplares do último LP da banda, *Brothers in Arms*, uma obra-prima que hoje encabeça paradas de sucesso onde quer que a gente vá.

Vivendo entre uma casa em Londres e um apartamento no Greenwich Village, em Nova York, Knopfler consegue conciliar sua exaustiva vida com a banda e atividades paralelas como compositor de trilhas sonoras e competente produtor de feras como Tina Turner, Bob Dylan e Aztec Camera. Atingido pelo sucesso já maduro, aos 28 anos, conseguiu sobreviver ao pique massacrante de um pop star e admite: "Se tivesse 18 anos, poderia estar morto". Hoje é um cara tranqüilo.

Foi este cara tranqüilo que recebeu para uma entrevista *Marco Antônio de Menezes*, nosso homem em Nova York. O papo aconteceu no restaurante Conservatory, do hotel Mayflower, um recanto tradicional e sossegado pertinho do Central Park. Mark estava de jaqueta de couro preta sobre malha de algodão branca, jeans e botas de couro marrom. Como cabe a um roqueiro.

Era um dia chuvoso e cinzento, e o primeiro no qual os aquecimentos dos prédios da cidade estavam ligados. Um dia como Mark gosta. Apesar do cansaço de uma tour mundial, de milhares de entrevistas e depois de ter adiado um primeiro papo por ter passado a noite toda no aniversário de Sting, Mark teve disposição para falar durante uma hora. Sobre sua carreira, suas atividades pré-roqueiras — como professor de inglês, repórter, crítico de rock e até trabalhador braçal em uma fazenda. E, mostrando grande senso crítico, sobre o perigo da manipulação de massas por certas bandas de rock e a confusão americana criada pelo discurso da Era Reagan.

BIZZ — Eu senti no seu show ontem, no Radio City Music Hall, que você tem com o público uma relação diferente. Não tem aquela coisa de criar apoteoses, climas extasiantes. Há uma espécie de distanciamento.

Mark — *Eu não quero entrar naqueles esquemões de manipulação do público. As pessoas devem reagir ao que estiver acontecendo. Não devem receber ordens para reagir.*

BIZZ — O seu público mantém um certo senso crítico, em vez de se envolver naquela coisa de massa.

Mark — *Algumas bandas gostam de atuar como se estivessem em comícios fascistas. Nós não trabalhamos assim.*

BIZZ — Pela primeira vez o Dire Straits está liderando nos Estados Unidos simultaneamente as paradas de LPs e compactos. Levando em conta a grande diferença de popularidade do grupo entre os EUA e o resto do mundo, isto não soa como uma doce vingança?

Mark — *Ter sucesso na América muda as coisas. Uma gravadora aqui é diferente de uma gravadora em qualquer outro lugar do mundo. Eles obviamente estão mais interessados em vender milhões de discos. Estou muito feliz porque agora, para nós, a América é o que tem sido o resto do mundo há anos. Estamos acostumados com o sucesso, ele esteve com a gente desde o começo.*

BIZZ — Será que esta popularidade aqui tem a ver com este respeito ao público, com esta falta de manipulação?

Mark — *Não acredito. Tivemos um compacto de muito sucesso, que ajudou a vender o LP* Brothers in Arms. *Tivemos vídeos de muito sucesso e uma tour mundial muito bem-sucedida, o que também ajudou a vender o LP. Nós não tocávamos aqui há quatro anos. Isto também vendeu o disco. É um bom disco, com mais de uma boa música, e as pessoas conhecem mais de uma. Na verdade é uma combinação de circunstâncias. Também chamou muito a atenção nossa aparição no*

Foto Lehr/ Sipa Press

Dire Straits

Live Aid. E houve interesse sobre outras atividades nossas, como minha participação no disco de Tina Turner, com a autoria e a produção de "Private Dancer".

BIZZ — Por falar em Tina Turner, você esteve envolvido com outros projetos paralelos, como a participação na produção de discos de Bob Dylan e Aztec Camera, na feitura de trilhas sonoras dos filmes *Comfort and Joy*, *Local Hero* e *Cal*, além de participações em gravações com Bryan Ferry e Van Morrison. Você disse recentemente que pretendia parar com estas atividades para se dedicar inteiramente à banda. Você quer falar sobre isto?

Mark — *Eu não disse que pretendia parar de fazer* sessions *(participações em shows e gravações de outras bandas). Amo estas participações. Eu acho que não gostaria mais de perder muito tempo produzindo discos de outros, porque acho que há gente que sabe fazer isto melhor que eu. Não acho que eu seja um produtor muito bom. Mas quero poder continuar encontrando tantos músicos quanto possível. E ainda gosto de fazer trilhas sonoras. Eu acho que a gente aprende fazendo o que sabe fazer melhor, e acho que o que faço de melhor são os concertos. Produção é um trabalho duro, exige muito. Cada disco que você faz é diferente. Você pode ter que organizar músicos, escrever músicas ou procurar por elas. Alguns artistas são mais produtores que outros, e por isto há gradações nesta história. Alguns artistas têm um conhecimento razoável da tecnologia avançada existente em estúdios. Há tantas variáveis! E, ainda, músicos têm temperamentos diferentes, trabalham de modos completamente diferentes. Um produtor tem de ser muito flexível. Tem de organizar uma porção de coisas administrativas, organizar o tempo. Isto não é comigo, e eu não vou entrar nesta.*

BIZZ — Como a banda foi afetada com a saída de David Knopfler (irmão de Mark) e do baterista Pick Withers?

Mark — *Acho que a banda está melhor. Mais pessoas entraram. Há oito caras tocando comigo agora. Tem muita percussão no fundo. Tem Chris White, um grande saxofonista. É um músico de estúdio em Londres há anos. Nós nos conhecemos durante a gravação da trilha de* Comfort and Joy. *Vou fazer mudanças o tempo todo. Acho que no final da excursão vou começar um trabalho com outros músicos. A banda vai descansar. Como um enorme animal pré-histórico que vai dormir. Há sessenta pessoas, cinco caminhões, cinco ônibus, cozinha, luz, som, com gastos de vinte e dois mil dólares por dia. Alguns músicos entram em hibernação, um tempo para recuperar sua sanidade. O equipamento vai para outros shows e outros depósitos. Eu vou dar um tempo e compor. Talvez faça outros projetos. E quase certamente vou tocar com outros músicos.*

BIZZ — Como é que você se dá com esta história de ter um apartamento seu aqui e uma casa em Londres?

Mark — *É bom. É difícil mas é essencial ter bases em ambos os lugares. No ano passado passei nove meses no estúdio em Londres. Mixando o disco ao vivo, fazendo as trilhas, produzindo o Aztec Camera. Fiquei por lá um tempão. E é bom estar aqui agora, porque acabo fazendo coisas diferentes. Para algumas pessoas estas mudanças constantes podem ser perigosas, mas eu não sou o tipo do cara que se perde. Eu levo uma vida com um pique realmente rápido. Há uns dias tive uma folga na excursão. Mas acordei quinze para as sete da manhã para fazer um programa de TV. Depois passei o dia fazendo um vídeo. Daí fui tocar com David Letterman. Daí fui para o show do Sting no Radio City Music Hall. E, então, do show para a festa de aniversário do Sting. Foi um dia de umas vinte horas direto. É assim um dia em Nova York quando não tenho show. É um dia ocupado, mas neste tempo não assino grandes contratos nem faço coisas assim. Eu tinha vinte e oito anos quando a banda começou a fazer sucesso. Até aí eu tinha feito tantas coisas, minha personalidade estava formada. Se eu tivesse dezoito anos, provavelmente estaria morto.*

"Eu tinha 28 anos quando o grupo começou a fazer sucesso. Mas minha personalidade já estava formada. Se na época eu tivesse 18 anos, hoje estaria morto"

BIZZ — Antes de formar a banda, você foi professor universitário, repórter e trabalhou em uma fazenda. Dá para falar sobre este tempo?

Mark — *Eu sempre quis fazer música. Mas, como você sabe, é muito difícil. Eu ensinei principalmente inglês. Para crianças que não se ambientavam ao sistema escolar por uma razão ou outra. Para adultos, secretárias, banqueiros, engenheiros, operários, babás espanholas, estudantes em tempo parcial e integral... Tive até tempo de ensinar guitarra para algumas crianças. Depois entrei num jornal como foca (um repórter iniciante). Me dei muito bem. Fiquei dois anos como repórter de um grande jornal inglês* (Yorkshire Evening Post).

BIZZ — Que tipo de matérias você escrevia?

Mark — *Eu era muito rápido em taquigrafia, para fazer anotações. Por isto cobri muitas coisas em tribunais, acidentes, mas fiz de tudo.* (Foi, inclusive, crítico de rock, o que não mencionou na entrevista.)

BIZZ — E o trabalho na fazenda?

Mark — *Era um trabalho manual. Eu fui casado com a filha de um fazendeiro, e acabei na fazenda. Quando terminei a universidade procurei trabalho como músico de rock, mas tive de trabalhar na fazenda por um tempo para sobreviver. Você sabe como é. Tem hora que você não consegue achar um emprego e acaba pegando qualquer um que aparecer.*

BIZZ — Em "Money for Nothing", você fala da diferença entre o trabalho manual e o intelectual. Aquele papo sobre os carregadores numa loja de aparelhos eletrônicos que viam a MTV e falavam sobre como aqueles "bichas do rock ganhavam dinheiro fácil" *(ver matéria sobre o clip na pág. 68)*. Você não acha que no fundo este cara entende que tocar guitarra é também um trabalho e como tal deve ser pago? Você não acha estúpido um cara que faz uma comparação destas?

Mark — *Este cara representa uma certa mentalidade dura da América. Ele tem uma espécie de admiração não reconhecida pelos pop stars porque eles ganham muito dinheiro sem trabalhar duro. O que ele diz é mais ou menos isto: "Olha que cara esperto". Este raciocínio é errado. Mas ele pode estar certo em uma coisa: lá naquele vídeo existem muito lixo. É engraçado. Ouvir aquele cara falar foi muito engraçado.*

Foto Saddn/Sipa Press

A formação do Dire Straits nunca foi conhecida por sua estabilidade. O grupo já entrou em seu segundo baterista e, poucos meses atrás, ganhou o terceiro guitarra-ritmo de sua carreira. Jack Sonni (à direita), que foi contratado numa situação que pareceu conto de fadas. Jack era funcionário da Rudy's Music Shop, uma loja de instrumentos musicais em Nova York. Mark Knopfler costumava freqüentar a loja e tornou-se cliente e, mais tarde, amigo de Jack. Quando Hal Hindes (guitarrista do Straits que substituíra David Knopfler, irmão de Mark) foi demitido da banda, Mark não pensou duas vezes: chamou o velho amigo Jack. A reação de Jack? Bom, dê uma olhada no pedaço do reboco que falta no teto da loja — foi daquela altura o pulo de Jack.

BIZZ — Muita gente achou que a música era uma gozação com a MTV. Você esperava esta reação?

Mark — *Eu não sabia como eles iriam recebê-la. Se iriam rir ou se ficariam irritados. No fim riram, ficaram lisonjeados com a coisa. Porque de certa forma é um reconhecimento de que a MTV é um fato na sociedade. A música explora o problema do* macho man, *este tipo que a gente encontra em todo lugar no mundo. O machismo é um enorme problema mundial. Eu não queria chegar muito perto do cara. Fiquei escondido num corredor da loja. Eu até penso um dia em voltar na loja pra ver se o encontro de novo.*

BIZZ — Como foi que o Sting entrou nesta música?

Mark — *O Sting estava de férias em Montserrat, onde gravávamos* Brothers in Arms. *Eu queria aquela frase no fundo: "I want my, I want my MTV" (Eu quero minha MTV). E é claro que tinha percebido que a frase é musicalmente muito semelhante a uma frase em "Don't Stand So Close to Me", do Police. Daí a empresa que tem os direitos do Sting me disse que queria uma participação. São cinco notas (cantarola duas vezes a frase). Sting não participou da gravação. Ele só colocou a voz depois.*

BIZZ — Vocês vão fazer um concerto ao vivo no Hyde Park, em Londres, no mês que vem. É a primeira vez que é feito um show ao vivo lá desde que os Rolling Stones tocaram em 1969. Como é esta história?

Mark — *Não vai ser no mês que vem. Não está marcado. E eu não tenho certeza de que a gente vá fazê-lo.*

BIZZ — Como surgiu a idéia?

Mark — *Pediram para a gente fazer. Mas não consigo lembar quem pediu. Acho que nosso empresário pensou que seria interessante terminarmos a tour com um concerto assim em Londres.*

BIZZ — O que você acha de todos estes concertos beneficentes, que vêm se multiplicando?

Mark — *O Live Aid foi sem dúvida um evento especial. E nós gostamos de tocar lá. Você fala na proliferação destes eventos, mas nenhum foi tão importante quanto o Live Aid. Há uma diferença, por exemplo, entre o Live Aid e o Farm Aid (idéia do Bob Dylan e organização de Willie Nelson, para ajudar os fazendeiros americanos).*

BIZZ — Do Farm Aid a gente pode até discordar.

Mark — *Pois é. E depois o Live Aid estava lidando com um problema imediato. É como dizer que a prevenção é melhor que a medicina. É claro que seria melhor se a gente pudesse ensinar às pessoas por que a pobreza existe, educar as pessoas. Mas nós temos um problema imediato, são aquelas pessoas morrendo.*

BIZZ — Como aconteceu de a Tina Turner gravar "Private Dancer"?

Mark — *A faixa tinha sido feita para nosso LP* Love Over Gold *(82). Mas eu não quis colocá-la no disco. Eu gravei o* backing track *e fiquei imaginando que queria uma mulher para cantá-la. Porque é para uma mulher. Meu empresário conhecia o empresário de Tina. E a coisa rolou por aí.*

BIZZ — "The Man's Too Strong" é uma música política?

Mark — *Acho que é. É sobre arte e política. Arte e governo. É um estudo sobre a culpa, sobre alguém que se comportou de maneira errada. O que me parece é que a verdade sempre vem à tona, não importa o quanto você tente reprimi-la. Alguns governos chegam a queimar livros. Pode funcionar no curto prazo, mas no longo prazo é uma estratégia fadada ao fracasso.*

BIZZ — Reagan fez um governo conservador e foi reeleito com maioria esmagadora. Os jovens votaram nele. Ao mesmo tempo, a gente vê aqui uma explosão do rock sem precedentes. Será que os roqueiros do passado votariam em Reagan?

Mark — *Bom, pra começar nem todos eles votaram em Reagan. As linhas de identificação é que se tornaram confusas. As mesmas coisas têm significados diferentes quando vistas de perspectivas diferentes. Por exemplo, fala-se muito agora sobre patriotismo. Isto tem um lado saudável e um lado feio. Algumas palavras como esta vêm sendo usadas de forma cínica pelo governo. A boa cidadania é uma coisa desejável. Não há nada errado em amar seu país. Mas vejo uma porção de movimentos doentios deste governo com relação às massas. Reagan tentou usar Bruce Springsteen. Mas* Born in the USA *é exatamente o contrário de Reagan. A música diz que os país está errado, mas pode ser facilmente usada como peça de comício. É sobre esta confusão que estou falando. Reagan invocou duas vezes o espírito de* Rambo. *Eu nem sei se ele viu este filme. Mas este é um tema muito grande. A gente poderia ficar aqui conversando sobre isto para sempre.*

RETROSPECTIVA 85

Quem viveu, viu — quem não viu, veja agora como foram os últimos doze meses

JAN

Fotos Jorge Rosemberg

DEZ DIAS QUE ABALARAM BRIZOLA

O governador do Rio pode não ter gostado do "Rock in Rio" — tanto que ordenou a demolição da "cidade do rock". Mas quem passou dez dias com Rod Stewart, Paralamas do Sucesso (fotos), Nina Hagen, Queen e Iron Maiden teve muito o que festejar o resto do ano.

JAN

ALIMENTANDO O PLANETA

Numa fria noite californiana, 40 das vozes mais famosas do rock norte-americano se reuniram para gravar a música que se tornaria o símbolo da campanha contra a fome dos países africanos: "We Are The World".

Foto Flávio Colker

FEV

Foto Abril

JAGGER SOLO E TROPICAL

Para ilustrar (e promover, claro) seu primeiro LP solo, Mick Jagger veio ao Brasil rodar um clipão à la Thriller *e* Blue Jean, *com direção de Julien Temple. No clip, participação de nativos e "nativos" como Norma Bengell e Ritchie. Só que até agora ninguém viu a versão final.*

O ROCK DA CAPITAL

Musicalmente adormecida por décadas, Brasília, em 85, transformou-se em foco gerador de algumas das melhores bandas de rock do país, como Plebe Rude, Capital Inicial e Legião Urbana (foto), a mais famosa delas

LULU A MIL

Os doze meses do ano quase não foram suficientes para comportar as múltiplas atividades de Lulu Santos. No primeiro semestre ele produziu álbuns para o Premeditando o Breque e para os Titãs, pondo assim a primeira pá-de-cal na nefasta rixa entre os roqueiros cariocas e paulistas. E ainda gravou seu próprio LP para 85, o pesado e neopsicodélico *Normal*.

FEV

Foto Rui Mendes

RPM

Em fevereiro a gravadora CBS lançou um "pau-de-sebo", que misturava o batalhão de estreantes que acabara de contratar. Em velocidade vertiginosa, uma dessas bandas acabaria se transformando numa das mais importantes e famosas do país, a RPM (foto), liderada pelo baixista e cantor Paulo Ricardo (esq.).

DIABRURAS DE UM PEQUENO PRINCE

Foto Sunshine / Grapevine Sipa Press

Outro que não sossegou em 85 foi o diminuto Prince. Depois de uma estrondosa explosão de popularidade que o elevou à categoria de artista mega-platinado — por força de Purple Rain, *disco, filme e turnê — ele começou março recebendo um Oscar pela música do filme. Em abril lançou novo álbum* (Around the World in a Day), *anunciou logo depois sua "aposentadoria" dos palcos, veio passear no Rio de Janeiro, voltou aos EUA para produzir o novo disco de Sheila E., criou e produziu um novo grupo, o The Family, e ainda anunciou o início das filmagens de seu novo longa-metragem,* Under The Cherry Moon

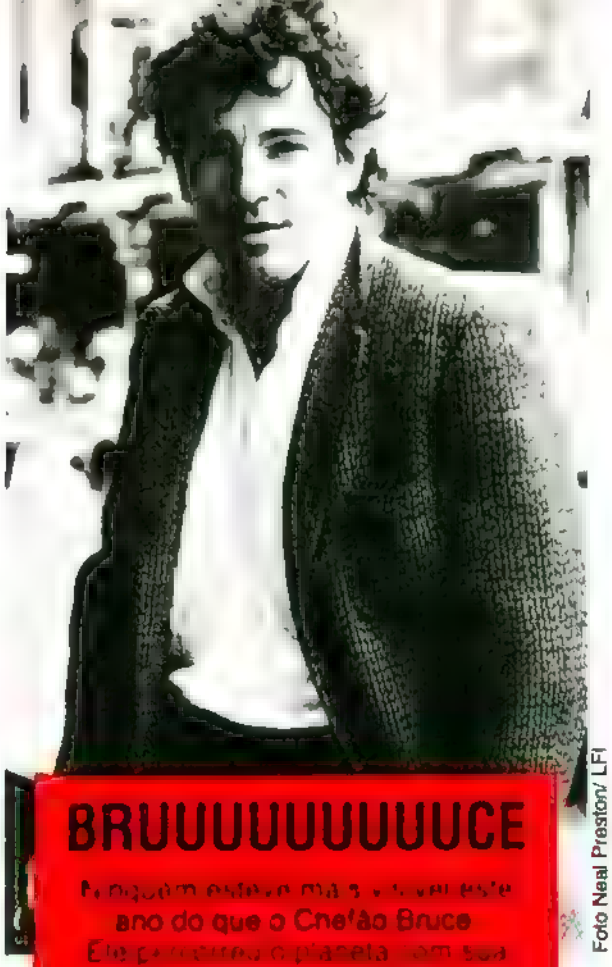


Foto Neal Preston/ LFI

BRUUUUUUUUUCE

Ninguém estava mais à vontade este ano do que o Chefão Bruce. Ele percorreu o planeta com sua turnê *Born in the USA* e tornou-se a voz principal do rock norte-americano.

MAI

THE FIRM, UM FRACASSO

A barca furada do ano foi, sem sombra de dúvida, a "superbanda" montada por Jimmy Page e Paul Rodgers junto com Tony Franklin (baixo) e Chris Slade (bateria). Após um massacre geral da crítica para disco e show, não é à toa que Page só reapareceu no Live Aid, com Robert Plant e J.P. Jones, para uma arrasadora "Stairway to Heaven".

JAZZY STING

Com o Police de férias (até quando ninguém sabe), Sting estrelou filmes como *Duna, A Prometida* e *Plenty* (com Meryl Streep, ainda sem título em português). Nas horas vagas, reuniu uma banda de feras da nova geração do jazz americano — como Branford Marsalis — e foi gravar seu LP solo, *The Dream of the Blue Turtles,* sob o sol do Caribe.

Foto AM Records

JUL

O número zero, aquele que não foi para as bancas

A NOSSA SARDINHA

23 de julho. BIZZ amanhece nas bancas, encerrando um longo e tenebroso jejum informativo no meio musical brasileiro.

MAI

Foto Pedro Rubens / Abril

IÊ IÊ IÊ DOS 80

Rita iniciou o ano tropeçando no Rock in Rio, mas se reabilitou com seu brilhante novo disco, que começou a gravar em maio.

ANO DYLANESCO

Bob Dylan arregaçou as manguinhas e suou a camisa em 85 — lançou o excelente *Empire Burlesque*, fez clips com Dave Stewart e ainda inspirou o Farm Aid.

Foto Vereecke-LFI

Foto Steve Rapport/ LFI

HOLLYBOWIE

Bowie deixou o vinil de lado em 85 — só lançou *remixes* — e preferiu cultivar sua carreira cinematográfica. No primeiro semestre, uniu-se ao também infatigável diretor Julien Temple para filmar *Absolute Begginers*, longa sobre os jovens jazzistas dos anos 50. No semestre seguinte, Bowie fez um ficção-científica, *Labyrinth*, no qual contracena com bonecos.

NASCEM QUATRO ESTRELAS

Invadindo as praias e arrombando as registradoras, o Ultraje a Rigor recebeu seu disco de ouro pelo LP de estréia apenas um mês depois do lançamento.

Foto Carlos Fenerich - Abril

Foto Janet Van Ham. Gamma / Liaison

TROCANDO O MEDO POR LÁGRIMAS

Por força exclusiva de vídeos simples e canções pop exemplares — ainda que de temática intrincada, neurótica —, a dupla inglesa Tears for Fears virou superestrela em 85. Em junho eles lideravam, pela primeira vez, as paradas da *Billboard*.

VENTOS DO DIVÓRCIO

Primeiro foi Dulce Quental, que em março deixou o Sempre Livre. Depois, em agosto, Cazuza divorciou-se do Barão Vermelho, que ajudara a fundar. E, por último, semanas mais tarde os Ronaldos demitiram Lobão.

Foto Claudia Dantas

RÁPIDAS E RASTEIRAS

Consagrados no Rock in Rio, os Paralamas do Sucesso receberam seu primeiro disco de ouro — 100 mil cópias vendidas de *Passo do Lui* — em julho. Visitantes ilustres aqueceram o inverno — Holger Czukay, Arto Lindsay, Buddy Guy e Junior Wells. Pat Metheny e Hubert Laws aproveitaram sua estada no Rio de Janeiro para participar das gravações do novo disco de Milton Nascimento. Neil Young voltou às raízes country com o disco *Old Ways*.

GUERRA À FOME

JUL

Tudo começou em 1984, quando Bob Geldof criou o BandAid para gravar a faixa "Do They Know It's Christmas", cujas vendas reverteriam para as populações carentes da África. O projeto cresceu e culminou com o multimilionário, hiperestelar Live Aid, dois shows (um em Londres, outro na Filadélfia) simultâneos que motivaram duetos inéditos, como o de Phil Collins e Sting. Em outubro a renda de todo o projeto já atingira os 100 milhões de dólares. E Bob Geldof estava prestes a ser indicado para o Nobel da Paz.

Foto Gamma

Foto Simon Fowler LFI

Foto Sipa Press

VIRGEM UMA OVA

[illegible] pimba! Madonna [illegible] para o superestrelato internacional. Botou sua vozinha em todas as rádios e o estilo cigana [illegible] em todas as capas de revista. Estreou a comédia *Procura-se Susan Desesperadamente*, apareceu nua em *Playboy* e *Penthouse* e até casou.

Foto Helmut Werb Aero - Sipa Press

SOU MAIS EU

Após lançar seu EP solo *Crazy from the Heat* e rodar alguns clips hilários, Dave Lee Roth foi sumariamente demitido do Van Halen e substituído por Sammy Hagar. Desencanado, Roth começou a rodar um longa-metragem no melhor estilo "eu sou mais eu" (com o mesmo título do EP) e andou saçaricando com uma atriz latino-americana chamada Sônia Braga.

AGO

JAZZ A GRANEL

Em agosto os brasileiros quebraram um longo jejum jazzístico, com a vinda de artistas como Bob McFerrin (dono do dedão musical da foto) e Sonny Rollins para o primeiro Free Jazz Festival.

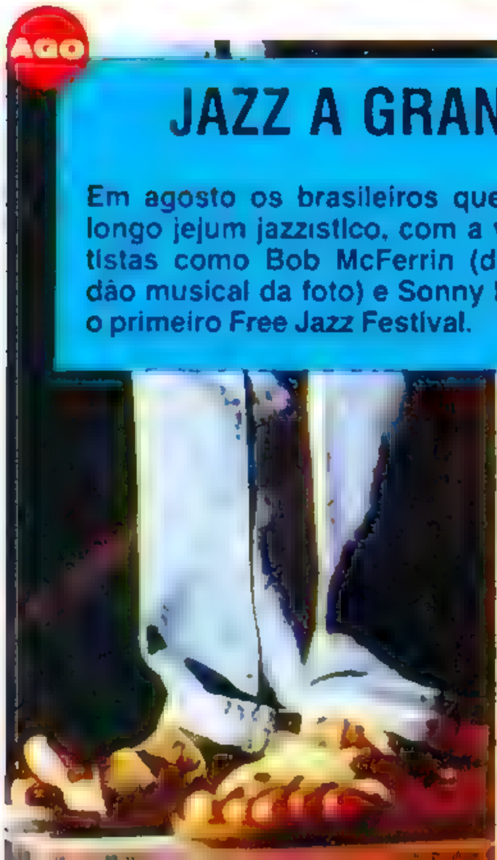


Foto Angelo Pastorello

ASSIM SE PASSARAM 20 ANOS...

Contrariando os planos do Sr. Tempo, Gilberto Gil continua rejuvenescendo. E comemorou, em novembro, duas décadas de carreira com uma série de shows, exposições e palestras. O próprio Gil admitiu que pretende acabar se transformando em "velhinho transviado".

NOV

Foto Cortesia WEA

Foto Claudio Edinger

No pequeno espaço da loja, bugigangas, quinquilharias e raridades musicais para roqueiro nenhum botar defeito

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Encalacrada no bairro nova-iorquino de Greenwich Village, esta loja tem nas estantes as mais raras relíquias da história da música pop. Um passeio de *Marco Antônio de Menezes*

Nova York tem de tudo. Desde o mais novo e o mais caro até toda espécie de quinquilharias. Uma loja da cidade junta o barato, o caro, o novo e principalmente raridades, tudo em torno de um assunto: rock. É a It's Only Rock'n'Roll, plantada na rua Oito, no bairro boêmio de Greenwich Village, coalhado de clubes de jazz e rock.

Num espaço de uns 100 metros quadrados, a loja concentra uma coleção vasta de discos raros, livros e revistas esgotados, roupas, souvenirs, cartazes, fotos, camisetas.

Um pequeno chaveiro, distribuído na promoção de *Born to Run*, de Bruce Springsteen, pode ser levado para casa por 150 dólares.

À esquerda, depois da entrada, dois balcões têm todos os livros e revistas de rock, jazz e música popular que você possa imaginar, do mundo todo. E camisetas. Das mais comuns, como da atual tour de Madonna, às mais raras, como as dos últimos tempos do Led Zeppelin. E muito heavy metal em camisetas, emblemas, faixas, lenços, cartazes e fotos coloridas.

Neste setor os preços são razoáveis, ou mesmo abaixo dos de outras lojas de Nova York. Mas, à medida que você avança para o lado direito, os preços vão ficando bem salgados. Primeiro, duas estantes (cuidadosamente trancadas) com revistas, livros, álbuns e fotos raríssimas dos Beatles, Stones, Elvis e outros. Difícil encontrar outro lugar no mundo que tenha, por exemplo, *A Pixerama Foldbook of the Rolling Stones*, vendido em 1964 por 1 dólar e hoje cotado a 80.

No centro ficam as estantes de discos, com preciosidades, raridades e piratarias. Alguns dos mais raros são os chamados *picture discs* promocionais esgotados, como o *Roxanne*, do Police, em forma de um escudo policial, o *Born to Run*, de Springsteen, e uma coleção dos mais recentes, como o de Julian Lennon.

Como o espaço é pouco, tudo é ocupado. Milhares de cartazes, na base de quatro dólares cada, ficam apertados entre máquinas de fliperama que pertenceram originalmente aos Stones, Kiss e Maiden. Nas paredes, caríssimos, originais de cartazes como o de uma excursão do Grateful Dead ao Egito, em 1969, ou o de um belo dragão, para uma excursão dos Stones que nunca chegou a acontecer. Uma estante, trancada a sete chaves, contém objetos promocionais originais dos Beatles. Uma foto dos quatro, com os autógrafos, custa 650 dólares. Uma assinatura de John Lennon vale 275. Um submarino amarelo, dado como brinde na época, vale hoje até 200 dólares.

Tem mais. Um dos 200 balões em forma de zepelim, fabricados em 1969 para a promoção do Led, pertence à lista dos objetos quase sem preço. Outra preciosidade: uma bandeira inglesa com o anúncio da Charisma Records para o Genesis, de 1972. Uma embalagem de suco de laranja Bruce Juice, grátis na época de *Born to Run*, vale 20 dólares.

Marc Zakarin e Debra Knowles, como bons "antiquários", não vendem por nada alguns de seus tesouros. Um deles é um cartaz que ficava originalmente na fachada do histórico teatro Fillmore East, um templo do rock de Nova York nos anos 60. O cartaz, na parede do escritório, é cercado por fotos de freqüentadores, como o indefectível Boy George.

Espaço
reservado
para o seu
prazer

Ligue-se no sucesso

***Marina**/Todas*

Tunai

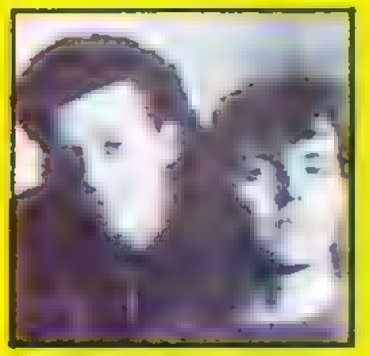
Valéria e Alma de Borracha

Os Melhores

***The Cure**/ The Head on the Door*

***The Style Council**/ Our Favorite Shop*

***Dire Straits**/ Brothers in Arms*



***Tears For Fears**/ Songs From The Big Chair*

PolyGram Discos

JOHN CAGE

Melhor Impossível

18.ª Bienal de São Paulo — 05 e 06/10

Um banquete para os cinco sentidos, dos quais o auditivo foi o grande privilegiado e o único a não sofrer de congestão. Ou seja, a Bienal foi o grande acontecimento *musical* do ano e ninguém me convence do contrário.

É claro que grande parte do brilho se deve à presença de John Cage (ver matéria na pág. 56). Durante todo o domingo, peças suas eram executadas quase que simultaneamente em diferentes pontos do imenso prédio. Dez com louvor para pelo menos três grupos/intérpretes: os cantores Anna Maria Kieffer (organizadora do evento) e Theophil Mayer; o grupo de percussão PIAP (sublime, botou o próprio Cage de pé, aos aplausos); e o Núcleo Música Nova.

A performance que mesclava obras de Cage a poemas de Augusto de Campos teve seus grandes momentos, mas poderia ter sido mais enxuta — o que teria evitado reações como do nosso caro fotógrafo Rui Mendes, urrando "tortura! tortura!" na saída. Finalizando, o interessante *Círculo Mágico Ritual*, de Conrado Silva, reunindo músicos de diferentes origens e formações em quase vinte sintetizadores. Uma colaboração que deve dar, ainda, muitos frutos. *J.A.L.*

Foto Geraldo Luiz Gomes

"Cartão Postal do Paraíso" peça de Cage composta para doze harpas

JEAN-LUC PONTY

Mestre Absoluto

Teatro Municipal (RJ) — 04/10/85

Para os fãs do jazz-rock-progressivo que Jean-Luc Ponty vem desenvolvendo há mais de dez anos não podia haver melhor pedida. Mas mesmo aqueles que não são totalmente aficionados do violinista francês saíram chapados.

Se sua música não traz surpresas, Ponty continua o mestre absoluto do violino elétrico, fazendo misérias com o novíssimo Zet 5 String Electronic Violin, um instrumento que, acoplado a um sintetizador, permite variações infinitas de sonoridades. Quando não toca este violino ou o Barcus-Berry elétrico, ele passa para o teclado Prophet, ficando mais no acompanhamento.

Quanto à sua banda atual, o destaque fica para o baterista Sunny Emory — que destrói com um solo em "Open Mind". *A.C.M.*

Foto Claudia Dantas

Jean-Luc Ponty: ainda o mestre do violino elétrico

CAETANO

Traído pela produção

Carnegie Hall (Nova York) — 24 e 25/09

A presença do cantor em NY começou em euforia, com uma festa no Palladium, o clube da moda. Os três dias que a separaram dos shows deveriam ter sido suficientes para os acertos finais. Não foram.

A estréia, na terça, simplesmente não ocorreu, por falta de público. Na quarta, reunindo a platéia dos dois dias, só dois terços do teatro estavam cheios. Caetano abriu com "Podres Poderes" e, em inglês impecável, citou a letra da música, culpando a "incompetência da América católica". Depois tentou de tudo para animar a apresentação, sem muito sucesso. Falou de sua percepção pioneira da importância do reggae (e provou cantando "Nine Out of Ten"), mas conseguiu melhores resultados com "Shy Moon". O repertório em português correu sem novidades.

Na véspera, o *New York Times* fez os maiores elogios ao brasileiro, lembrando as apresentações no Public Theater, há dois anos. Não bastou, provando que um sucesso não autoriza o artista a desprezar os esquemas promocionais. *M.A.M.*

Foto Claudia Thompson

Caetano fez de tudo para animar seu show, mas não teve sucesso

NINA HAGEN

Ida e Volta até 77

Ginásio do Ibirapuera (SP) — 08/10

Duvido que grande parte do fracasso da turnê de Nina Hagen pelo Brasil não seja devida a uma produção à la terceiro mundo, cujos responsáveis são Sandro e André Sameli e seu Latitude 3001.

Nem em São Paulo eles capricharam. O som dos instrumentos estava mal equalizado e o vocal de Nina, aquele vocal, ficou grande parte do tempo coberto por ecos.

O grupo Tokyo abriu o espetáculo. E Nina entrou com tudo. No final, o melhor — sua versão do sucesso de Sinatra, "My Way". Ela simplesmente levou todos os corpos para a cena londrina de 76/77 e seus devastadores Sex Pistols.

De qualquer forma, foi um supershow. Afinal, *ela* não é nenhuma amadora. *S.M.*

Foto Angelo Pastorello

Nina Hagen em São Paulo: o fim de uma turnê que não deu certo

THE CURE

Na estrada desde 76, o Cure está estourando agora no Brasil. BIZZ viu o show em Londres, e *Pepe Escobar* dá a ficha da banda

Foto Ormuzd Alves

Porl Thompson, Robert, Simon Gallup, "Lol" Tolhurst, Boris Williams: ao vivo, em Londres, a peste do Sr. Smith

Ele mascara seus desejos ocultos com olhos maquiados de negro, batom vermelho e longos fios de cabelo cuidadosamente espicaçados. Anda meio gordinho. Toca guitarra desde os seis anos. Acha que o amor não deve ser levado a sério. Sua droga favorita é "ser feliz"... Não se considera um angustiado profissional. Os outros — especialmente a imprensa inglesa — o consideram um sonâmbulo pirado. Robert Smith, mago em constante efervescência, é, literalmente, fogo na roupa.

O "Fornalha" — como o chamam os amigos — é o criador da idéia/banda The Cure, surgida em uma vilazinha de Sussex, Inglaterra. No início, o grande objetivo de Robert era "não ter que trabalhar". Quando a banda assinou com a Fiction Records, em 78, e soltou seu primeiro compacto, "Killing an Arab", em 79, ele foi obrigado a mudar de idéia. A Cura — para males indiscriminados de carne e espírito — irrompeu como uma peste negra, antecipando fertilizações cruzadas típicas do melhor som dos anos 80. Aquela era uma época de ouro. Ian "Dead Souls" Curtis e seu Joy Division; a viúva negra Susan Janet, ou Siouxsie; os Bunnymen. E Robert Smith, com sua guitarra rítmica, seca, dramática, a voz no limite da fragilidade demencial.

Não, ele não era apenas mais um lunático talentoso na cornucópia pós-punk. Mesmo considerando "absurdo" gravar discos, logo moldou o som absolutamente anticonvencional da peste/cura. A princípio, o som seco de guitarra, baixo, bateria, sem efeitos, sem eco, de *Three Imaginary Boys*. Mas em *Seventeen Seconds* já entra um torturante clima heroinômano, auxiliado

por uma sintetização gélida, mixada "lá no fundo". *Pornography*, antecedido por *Faith*, é um triunfo da estética do desespero terminal: os "irmãos siameses" de "sorriso de vudu", cantados por Smith sob uma batida fúnebre e em tons menores, são as duas faces do próprio e esquizo Robert: o cidadão calmo e *cool*, amante do sexo e do ócio, e o sonhador delirante, induzido pela droga. *Pornography* cometia a suprema pornografia de descrever delírios "pesados". Encarado pelos moralistas como uma apologia da popular "Joana D'Arc", chegou a ser proibido na Inglaterra. Robert não ligou muito. Estava mais preocupado com suas intermitentes aparições com os Banshees, como guitarrista convidado — fornecendo o adequado contraponto dramático às irônicas colagens artísticas de Siouxsie.

"Eu a beijei na água/ E fiz cantar seus lábios secos/ Eu a vi como um bebê japonês" (The Walk)

Japanese Whispers, uma coletânea de compactos do final de 82 ao final de 83, é a peste/cura para as massas, espécie de hóstia introdutória à face mais leve e animal de Robert. Do feeling jazzístico de "Speak My Language" aos "beijos alcoólicos e lentos" do trenzinho do amor em "The Upstairs Room". De "Let's Go To Bed", mortífera em pista de dança (Robert depois passou a odiá-la), à locomotiva sintetizada oriental de "The Walk".

De Banshee no palco a Banshee em vinil. As guitarras na versão de Siouxsie para "Dear Prudence", de Lennon/Macca, são de Robert. Ele e Steve Severin, baixista de Siouxsie, cultor de zoológicos e cemitérios, também formam o Glove, um verdadeiro pesadelo psicodélico. Gravam o LP *Blue Sunshine*, em cima de um filmeco dos anos 70 sobre vítimas psicopatas de uma partida contaminada de LSD. O resultado é de arrepiar os neurônios de qualquer fã certificado de Syd Barret. Durante as gravações, feitas em menos de um mês, Robert e Steve atravessavam as noites vendo filmes de horror e psicopatia em vídeo, dormindo e tendo sonhos alucinados. As imagens — dos filmes e dos sonhos — imprimem o ritmo do disco, sob os temas da orgia, da punição, do assassinato e do gozo.

Como Cure e Banshee, Robert caiu no mundo — dos EUA ao Japão, passando por Europa e Oceania. Para os amigos, mandava postais com um enorme "Help!" e, atrás, escrito a mão, um constante "Onde estou?". Quando botou os pés no chão, saiu a provável obra-prima do Cure, reunindo quase toda a ambígua riqueza temática e instrumental de sua história: *The Top*. Temos o rush alucinante de heroína em "Give Me It" e a psicodelia *hard* de "Shake Dog Shake" ("Acordo na escuridão/ Uma sobra do gosto da raiva no fundo da boca/ Cuspo na parede/ Tusso um pouco mais/ Raspo minha pele com gilete/ E me maquio em um novo sangue.../ Me siga até onde está o verdadeiro barato"). Temos as intimações cristãs ou escabrosas de "Piggy in the Mirror" ("Sou a besta à espreita/ Sou o nervo deslocado/ Enquanto danço, danço/ De costas para o cadáver em minha cama"). Ou é o pesadelo medieval da faixa-título, "The Top". O som se arrasta como um dinossauro ferido, cravado de *overdubs* de guitarra. O clima é de um conto aterrorizante de Edgard Allan Poe. Mas tudo não passa de uma aventura da imaginação do mago Smith.

Concert é um apenas competente álbum ao vivo. Em Londres circulam fitas piratas de vários shows da fase 84/85, de muito melhor qualidade e vitalidade. Até agora — vergonha suprema — este era o único LP do Cure lançado no Brasil. O catálogo *inteiro* deve ser lançado aqui pela Polygram com a máxima urgência. É uma informação essencial para a garotada.

Em agosto deste ano, Robert e comparsas lançaram *The Head on the Door*, na Europa e EUA, que chega agora ao Brasil. Dos comparsas dos anos 70, permanece o infalível Laurence Tolhurst, multiinstrumentista seguríssimo. Porl Thompson (já presente em "The Top") fica com guitarras e teclados adicionais, Simon Gallup com os baixos e Boris Williams com bateria e percussão. Dave Allen, exfera baixista dos ex-feras Gang of Four, co-produz com Robert, como em *The Top*.

É uma bomba. Nova reunião imaginária dos temas-chave: Espanha, Japão, Arábia e Índia, entre as etnias. E relações sadomasô, punição, sonho, imagens de filmes, sangue, pássaros e a cópula amor/morte entre os fios condutores. "Estou paralisado pelo sangue de Cristo", tremula, espectral, a voz de Robert sobre um clima flamenco orientalizado. Em "Sinking", Robert como que comenta o fluxo do tempo e a inevitabilidade da morte. É a sério? É literatura? "Se ao menos pudesse lembrar alguma coisa..." No futuro, ao se lembrarem dessa época, Robert Smith e sua peste/cura, com Morrison e seus Doors, Lou e seus Velvets, Siouxsie e seus Banshees, Big Mac e seus Bunnymen, e alguns poucos mais, continuarão *on the top* como uma das grandes bandas de sempre.

UM SHOW ELETRIZANTE

12 de setembro de 85, Wembley Arena. *É a apresentação londrina do Cure, em sua "Head Tour" pelo Reino Unido, lançando o LP* The Head on the Door. *A banda, mergulhada em fumaça e jogos de luz, compõe um todo com a platéia vestida de negro e de cabelos tão espicaçados quanto Mr. Smith. O primeiro acorde da bela "Kyoto Song" já eletriza o público, preparando-o para "In Between Days", o hit do novo disco. Escutá-lo e ficar parado é impossível. A banda, esbanjando competência, também é a mesma do vinil.*

O som do grupo evoluiu muito desde 79, época do sucesso de "Killing an Arab". Não só pela entrada de novos instrumentistas mas também pela sua concepção, mais dançável e completa. O show não tem um momento baixo. Depois de "In Between..." eles vêm com "Push", outro sucesso do último álbum. Robert, ótimo showman, *comanda a dança, e parte para "Screw" (uma das faixas prediletas da crítica londrina).*

Eram 22h15 (a apresentação começou às 21h00) quando o teatro veio abaixo, diante da primeira tentativa do Cure de deixar o palco. Eles voltam para tocar "Close to Me" e este é, talvez, o grande momento do show. Um novo "thank you", um novo protesto do público. O vai-e-volta se repete, e de novo, pela terceira vez. A banda brindou-nos com "Six Different Ways" e "Wednesday", até que os fãs, finalmente, se satisfizeram. C.G.

RATT

Há muito tempo não acontecia nos EUA um sucesso tão estonteante quanto o que o Ratt alcançou. Por *Leopoldo Rey*

Robbin Crosby e Warren de Martini, as guitarras do Ratt

Existe muita gente dizendo que Los Angeles é a nova Meca do *hard and metal* rock. Isso devido aos inúmeros grupos novos lá surgidos, lançados pelas gravadoras no afã de conter a infiltração crescente da pauleira inglesa. Desde 80 muitos deles, ainda que sem qualquer originalidade, conseguiram lançar discos. Alguns conseguiram se destacar. Como o Ratt, hoje sucesso absoluto de vendagem e execução, em discos e videoclips. Seus shows têm sido muito concorridos. Mas de onde vem essa banda?

Muitos pensam que o Ratt (o nome é uma homenagem aos maus elementos que frequentam as ruas das cidades da costa oeste americana) saiu de San Diego para Los Angeles, na Califórnia, onde alcançou o sucesso. Na verdade, apenas o vocalista, Stephen Pearcy, e o guitarrista, Robbin Crosby (que tem um parentesco distante com Bing Crosby), são daqueles lados Os demais Ratts, todos na média dos 25 anos, são de outros pontos. O baterista Bobby Blotzer nasceu em Pittsburg e cresceu em New Jersey; o baixista Juan Croucier veio de Cuba; o outro guitarrista, Warren De Martini, de Chicago

Percy e o guitarrista Jake E. Lee moravam em um porão horrível de Hollywood, onde seu grupo The Mickey Ratt ensaiou com outros músicos, como os baixistas Joey Chris e Matt Thorme e o batera Khurt Mayen. Então Robbin veio tocar com eles, antes da partida de Jake para acompanhar Dio (e depois Ozzy). Pearcy chamou seu amigo Blotzer para o lugar dele, e Blotzer, por sua vez, conhecia Croucier, o último a chegar. Não demorou para Pearcy concluir que estava tudo um horror. Ele não queria mais trabalhar como balconista, e resolveu investir criativamente na banda. Incrementaram então o visual com collants e panos coloridos amarrados pelo corpo, brincos, camisetas punk e maquiagem. E diminuíram o nome para Ratt apenas As coisas não melhoraram imediatamente. Pearcy, Crosby e De Martini foram morar em um apartamento de um único quarto, com mais dois *roadies* e toda a aparelhagem. Era a "Mansão Oeste do Ratt", de onde partiam para tocar no circuito de clubes e escolas de Los Angeles Sobrava pouca grana, então confeccionavam eles mesmos camisetas e *buttons* com a marca da banda e os vendiam para sobreviver. Só dava para comer enlatados, mas a sorte começava a mudar

Concerto Crucial

Abrem um show do Z.Z. Top e são chamados a bisar. Conhecem Marshall Berle, que começa a empresariá-los, e mais tarde bancam seu primeiro LP, no selo independente Time Coast. As pernas cobertas de camundongos da foto de capa são de Tawny Kipaen, atriz, modelo e então namorada de Robbin O disco é bem recebido (na ocasião

T T

chegou a vender cinqüenta mil cópias) e, fato inédito para produções independentes, começa a tocar nas FMs de L.A. Rende também elogios na *Billboard*, *Circus*, *Kerrang* e outras publicações, inclusive da Inglaterra e do Japão. Nesse meio-tempo, eles deram uma nervosa apresentação no Beverly Theater. Nela estava Doug Morris, o presidente do selo Atlantic (WEA) que, mesmo não o considerando um grande show, contratou-os. Warren não esperava por isso e até chorou. Tudo começou a dar certo naquela noite, quando Croucier decidiu permanecer de vez no Ratt (ele também tocava no iniciante Dokken e acompanhara por dois meses, em estúdio, o Quiet Riot). Ajudou sua decisão o fato de não agüentar mais as brigas de Don Dokken com o resto da sua banda. O LP seguinte, *Out of Cellar*, foi o passo definitivo para o sucesso, com mais de um milhão de cópias vendidas. Os concertos-festa do Ratt ajudam a aumentar o status da banda. Eles declaram que 1984 é o Ano do Rato no calendário chinês e o Ano do Ratt no calendário roqueiro. Uma verdadeira invasão foi preparada com o lançamento de *Invasion of Your Privacy*, o LP seguinte.

Agora em 85 atravessamos uma fase em que rádios e TVs (inclusive a MTV) estão se afastando do rock pesado ou tetrico demais, e o Ratt resolveu mudar de estratégia. Bobby declara não serem mais heavy metal. Warren diz que fazem rock de qualquer tipo. Juan arremata: "Muitas bandas fazem *speed* ou *power* rock (rápido e brabo). Nós estamos em uma mais maneira, com harmonia, bem curtível"

Robbin Crosby tem uma versão toda sua para o atual estágio do grupo: "Somos uma banda punk melodiosa, para dançar. Queremos que todos se agitem com nosso ritmo, como em 'Lay It Down' e 'You're in Love'. Quando necessário pegamos pesado, como em 'Got Me on the Line' e 'You Should Know by Now'".

Pearcy falou do título do disco: "Agora que todos nos conhecem resolvemos invadir a sua privacidade. Não é isso que os ratos fazem? Queremos iniciar uma peste, que leve à compreensão do nosso rock, que não é heavy metal, algo totalmente superado. Bandas que tentam soar como AC/DC parecem Judas Priest"

Pelo jeito eles estão pouco se lixando para aqueles que os têm acusado de traidores do metal, fazendo rock comercial estilo "arena", com letras fáceis. Seus fãs não ligam e se divertem. O que se vê nos shows é a maior eficiência, afinação e harmonia prontas para os grandes ginásios (é o que dá nome ao rock "arena"). É o ritmo imprimido por Croucier e Bobby, que é a marca registrada desses ratos com caras de piratas. É uma *rattmania*, com certeza, e eles gostam disso: "Somos uma família que festejando unida permanece unida. E adoramos Ratt'n'Roll"

ROCK ÀS

PAMPAS

Porto Alegre está localizada na depressão central do Rio Grande do Sul. Sua noite é fria, seca, com punks na calçada, mods, darks, psicodélicos procurando um bar antes da chuva. Por *Marcel Plasse*

Fotos Ejnico Sa's

O trio Defalla, parede entre o sexo e a dança

"Eu era rato de esgoto cloacal Eu era um verme e pensava que era o tal", começa a banda Fanzine, em sua versão de "Boy Subterrâneo", música dos Replicantes.

Quem fornece a trilha sonora para essas escapadas tem os pés no chão. "Em Porto Alegre, tu tá entrando num estúdio que está tecnologicamente vinte anos atrás de um paulista, que, por sua vez, já está atrás de um estúdio de terceira de Londres. Isso sem falar dos instrumentos...", avalia Matz, baterista da banda Engenheiros do Hawaii "Por isso é estranho ouvir as nossas músicas depois do Mark Knopfler, com borboletas voando no final da tarde."

A cena gaúcha, no entanto, já foi menos privilegiada. Cau, baterista da banda mais persistente da cidade, Taranatiriça, lembra que quando estrearam, em setembro de 79, o circuito era constituído de palquinhos de colégio. "Só gostavam do som que a gente fazia os malucos da época." Não há saudades. *Totalmente Rock* é o nome do LP que resume a atual fase do grupo: rock'n'roll descontraído, dançante, com superexecução nas FMs.

O Taranatiriça foi o primeiro a sair em LP (via a gravadora gaúcha Acit). Além deles, compactos, coletâneas e até fitas caseiras têm percorrido as FMs disponíveis (alternativas e esquemão). Os novos grupos, algumas vezes apenas com equipamento emprestado e vaga concorrida numa garagem, aos poucos vão se impondo no mercado

"Enquanto o Terceiro Mundo espera o juízo final Eu quero uma vaga no ônibus da corrida espacial", insinuam Os Replicantes. Eles eram andróides de vida curta no filme *Blade Runner*. Hoje, são o grupo de maior futuro no Estado. Seu começo, como em todas as aventuras, foi inusitado

Na cara-de-pau, invadiram a festa de um amigo com os instrumentos e começaram a carreira. "Nossa idéia inicial era diversão", confessa o baterista Carlos Gerbase. "A gente queria aprender a tocar, e com as nossas músicas, porque as dos outros eram muito complicadas. Se isso significava fazer uma banda direto, nós fizemos."

"Quando 'Nicotina' (a primeira gravação) pintou no rádio, muita gente criou coragem pra fazer o seu próprio grupo", afirma o vocalista Wander Wilder. "Se nós podíamos tocar, por que nao?" Esta proposta se radicaliza no palco. "A gente executa umas músicas que nem ensaiou direito", assume o guitarrista Cláudio Heinz. "Porque não nos interessa se erramos um pouquinho Não é problema." Heron Heinz, o baixista, complementa: "O que nos interessa é tocar cada vez mais rápido, fazer um show com 50 músicas em duas horas".

"Surfista Calhorda" é um grande hit ("Requi na caranga muito louca pra dar banda/ Cheque na carteira recheada de paranga/ Prancha importada assombrando a meninada/ Corpo de atleta e rosto de baby johnson"). A performance é sombria. Do punk ao dark com muita velocidade. Ousados, chegam a exorcizar demônios expressionistas numa versão acelerada de "Bela Lugosi is Dead", clássico do Bauhaus. "Não seguimos nada à risca. Se existissem várias bandas punks na cidade, estas não gostariam tan-

Os Eles, retratando o cinismo de uma geraçao

Atahualpa, detentores do troféu performance

to de nós", raciocinam.

Nos palcos de Porto Alegre, até "Sympathy For The Devil" (lembram?), dos Rolling Stones, pode virar *dark wave*. A idéia, desta vez, é da banda Urubu-Rei, que estreou como minimalista, percorreu a new wave (com vocal feminino e guitarra raspada) e agora ataca as linhas do pop britânico numa versão mais *cool*, cantada por Júlio Reny — ele, por sua vez, tem seu próprio trabalho solo (banda Km Zero).

O dark também compõe o visual do trio Defalla (roupas escuras, cruzes e correntes). O que se ouve, no entanto, é uma parede pós-punk onde mixam-se os mais diversos elementos. "Nosso som é algo entre o sexo e a dança", tenta definir o guitarrista Edu K. (também Km Zero e Fanzine). A bateria tribal, cheia de tom-tons, vai direto aos pés, o baixo pulsante comanda a cintura e a guitarra arrebenta os tímpanos. Criancinhas apaixonadas decoram as letras: "Sodomia!/ Você não diz que dói/ Mas veja suas lágrimas/ E se pergunto o que foi/ Você só diz: não pare mais". A crítica, claro, fica atônita. "A crítica não entende o tipo de música que a gente está propondo", constata a baterista Biba (também Fanzine e Urubu-Rei).

O troféu performance vai para a banda Atahualpa (ex-Atahualpa i us Panqui). Trata-se de um motel de alta rotatividade, por onde circulam componentes do Urubu-Rei, o baixista do Taranatiriça e um ex-repórter policial. A formação não é lá muito estável. Nunca se sabe o que vai acontecer no palco, ou quem vai tocar o quê. Os Replicantes ainda estavam na garagem, ensaiando, quando os Atahualpas invadiram a noite subtropical, levando seu *hardcore* no último volume, de preferência de uma caixa estourada: "Se eu for bonzinho ainda vou descobrir/ Um plano infalível pra aumentar meu salário/ Se eu for bonzinho ainda vou ganhar/ Uma boneca inflável no meu próximo aniversário". O baterista Castor (que toca guitarra no Urubu-Rei) é o mais alucinado: ou ele quebra a baqueta, a bateria ou desmaia.

"A grande satisfação em tocar no Atahualpa é liberar tudo aquilo que não se pode liberar no nosso trabalho em outros grupos", resume o vocalista, tecladista e arranjador Gordo Miranda (também Fanzine e Urubu). Com isso, ganha o espectador: microfonia, cadeiras voando, espuma de extintor de incêndio, músicas que terminam pela metade.

O guitarrista do Engenheiros do Hawaii, Getz, no entanto, não vê sentido em subir num palco e ficar fazendo microfonia. "Em Porto Alegre, o palco faz microfonia por si só. Então, se eu encontrar espaço pra pôr um solo supermelodioso, eu vou fazê-lo."

Há, inclusive, os que não sobem no palco. É o caso da Fanzine, uma idéia de Pedro Santos, ex-Asdrúbal, que praticamente contratou alguns instrumentistas para reinventar músicas de outros grupos. "Fanzine é uma banda que só existe em fita", esclarece Miranda. "Depois de uma sessão de gravação, a gente nunca sabe o que vai acontecer." A motivação é o amor de fã. Já transformaram dois hardcores (dos Replicantes e Atahualpa) em tecnopop e balada psicodélica.

"Porto Alegre tem poucos músicos, por isso a gente toca em tantos grupos", diz Miranda. E cada trabalho num estilo.

Os Eles optaram pelo rock eclético. Até o final do ano estarão somando sete músicas em execução nas FMs, incluindo uma religiosa, para o Natal. Polêmicos, preferem criticar as pessoas que vivem correndo atrás da última moda da civilização. Cantam: "Essa menina é que nem filme mudo/ É só imagem", "O que a gente faz é retratar o cinismo da nossa geração", como prefere o vocalista Leandro.

"O cara que eu mais vejo em Porto Alegre caminha de pernas abertas, cada pé indo prum lado", observa Getz. "Ele gosta do 'The Wall', mas tão vendendo U2, daí ele compra U2, pensando: 'Onde é que eu me enquadro?', cada vez mais angustiado."

O Engenheiros do Hawaii é um trio pop-retrô que faz reggae e ska quadrados, que veste uma camisa surf e quer continuar segurando a barra classe-média que seus pais tocaram para frente. "Engenheiros do Hawaii foi um dos nomes mais antipáticos que a gente conseguiu bolar", resume Matz, o baterista. Uma de suas canções diz: "Eu sonho com a elegância, extravagância do Duran Duran/ A gente não tem nada a ver". E o alto-falante faz: BOOM!

invadindo as FMs

Foto Antonio Ribeiro/Abril

MARINA

"Esta coisa meio
Jovem Guarda
não tem a ver comigo"

A independente Marina, livre enfim do rótulo de "gata romântica" que tentaram armar

A recepção calorosa das platéias de Manaus, Belém, São Luís, Porto Velho, Brasília e demais cidades visitadas na turnê pelo Centro e Norte do Brasil não foi suficiente para satisfazer a sempre exigente Marina. De volta ao Rio, no início de setembro, ela decidiu mudar tudo, cancelando inclusive shows importantes como os do Projeto SP e do Parque Laje, no Rio, transferidos para o final de novembro.

"Eu simplesmente achei que tava faltando tesão", explica Marina, "e isso é fundamental no som ao vivo. Depois de quase quatro anos trabalhando com aquela banda, senti necessidade de uma mexida."

Entre as mudanças, a procura de uma sonoridade mais compacta. Ela dispensou um dos teclados e uma vocalista, mantendo um quinteto básico: baixo, bateria, guitarra, teclado e saxofone. E, além das músicas do recente LP *Todas*, Marina mostra também algumas canções inéditas. Ela conta que em *Todas* investiu no seu lado de cantora, ficando muito satisfeita com o resultado ("Foi como um orgasmo"). Terminado o disco, no entanto, a compositora brotou com tudo. De uma tacada só, num violão semi-acústico Ibanez que tinha acabado de comprar em Nova York, ela escreveu cerca de oito canções com o parceiro (e irmão) Antônio Cícero. Eram tão fortes que quatro delas estão no show, num momento acústico.

"Daí a importância desta onda radical, para acabar com a coisa brasileirinha"

Todas foi editado no final de julho e a música de trabalho, "Difícil", não chegou a decolar. Coisa que não a surpreendeu. "Eu queria começar com a música do Kiko, 'Eu Te Amo Você'. Acho 'Difícil' uma canção muito requintada para o padrão atual, mas a Polygram insistiu tanto... O resultado é que as rádios acabaram preferindo 'Nada Por Mim' (Paula Toller e Herbert Vianna), que está estourada. Tudo bem, tenho uma relação muito boa com o pessoal de rádio e pretendo fazer um remix de 'Difícil', tenho muito material que sobrou da gravação."

Independente, hoje em dia Marina não sofre pressão alguma por parte da indústria do disco. Ela lembra que na época que tentaram rotulá-la como a "gata romântica" a primeira coisa que fez foi cortar o cabelo. Ao surgir em 79, em meio à invasão feminina, com o LP *Simples Como Fogo* (WEA), destoou do clima tacanho da época empunhando uma guitarra preta. Hoje o panorama já é bem mais ativo e, mesmo sem gostar de tudo — "esta coisa meio Jovem Guarda não tem a ver comigo" —, ela está ligada aos novos. Gravou Lobão, Julio Barroso, Léo Jaime, Zambianchi, Paula Toller e Herbert Vianna, entre outros, e está cantando no show "Ainda É Cedo", do Legião Urbana. "O meu trabalho no começo era como um atentado ao pudor. Daí a importância desta onda radical de hoje, para acabar com esta coisa brasileirinha. É o que dizemos em 'Muda Brasil', e temos que mudar mesmo. Não é apenas acabar com a ditadura e voltar vinte anos, temos que começar algo novo."

Antônio Carlos Miguel

PRINCE

Foto Jane Hale/ Gamma/ Liaison

Rolling Stone

Exclusivo para BIZZ

Prince atravessa com seu velho Thunderbird branco o bairro negro onde nasceu. Vai apanhar seu pai para uma partida de bilhar. É o que mais gosta de fazer o pianista aposentado John Nelson, que hoje faz 69 anos.

As velhas ruas trazem a Prince mais um sentimento de comodidade que de más lembranças, enquanto vagueamos pelas ruas principais de sua pacata Gopher Prairie, no norte de Minneapolis. À medida que fala, some de sua voz aquele som arranhado de Kung Fu, que usa sussurrando quando encontra estranhos ou vai receber um prêmio.

Alguns dados biográficos. John Nelson era líder do trio de jazz Prince Rogers. Conheceu a cantora Mattie Shaw num salão de danças. Mattie era 16 anos mais nova. Tinha na voz traços de Billie Holyday. Juntou-se ao trio e ficou com ele por alguns anos. Depois, casou-se com John e saiu do grupo.

Ela apelidou seu marido por causa do nome do trio. O filho que nasceu em 1958 já trazia o Prince em sua certidão de nascimento. Mattie e John separaram-se dez anos depois. Para Prince começava uma confusão doméstica que iria se refletir em seu trabalho, como nas letras do disco e no roteiro do filme *Purple Rain.*

Para se divertir, Prince aprendeu a tocar mais de vinte instrumentos. Aos 13 anos, formou sua primeira banda, Grand Central, que freqüentemente tocava em hotéis e ginásios locais para duelar com seus competidores negros — o Cohesion, da ridicularizada Zona Sul, e o Flyte Time, que originou o Time, depois da entrada de Morris Day.

PRINCE

"Nós vínhamos neste MacDonald's aqui", aponta Prince. "Eu não tinha dinheiro, então ficava só do lado de fora, sentindo o cheiro. A pobreza torna as pessoas zangadas, traz à tona seu pior lado. Eu era inseguro e brigava com qualquer um. Não conseguia ficar com uma namorada por mais de duas semanas. Nós discutíamos por qualquer coisa."

Prince estaciona num beco, atrás de uma rua com lindas casas. Encostado em uma árvore, está um homem parecido com o cantor Cab Calloway. Vestido de terno e gravata, um sorridente John Nelson. "Feliz aniversário", diz o filho. "Obrigado", responde ele, rindo. Nelson diz que neste aniversário não está se permitindo nem mesmo um pedaço de bolo. "Estou tentando perder os cinco quilos que ganhei quando ia visitá-lo em Los Angeles", diz, apontando o filho. "Ele come como eu gostaria de comer. Só que se exercita, o que eu não faço."

Nelson tira da garagem um BMW violeta. No banco de trás, uma cópia do LP *Around the World in a Day*. Seguindo Prince de perto, acena e sorri sempre que olhamos para trás. É impossível imaginar que o velho crápula em *Purple Rain* tenha sido inspirado em John Nelson.

Prince joga bilhar ao som envolvente de sua Family

"Aquela coisa sobre meu pai foi parte da história de Al Magnoli (diretor e co-autor do filme)", explica Prince. "Usamos parte do meu passado e de meu presente para fazermos uma história mais pop, mas era uma história. Meu pai nunca teve nada a ver com armas. Ele nunca blasfemou e nunca bebeu." Prince olha pelo retrovisor o carro que o segue. "Ele não parece ter 69 anos, parece? Ele é tão legal. Tem muitas namoradas." Prince passa por dois garotos andando de bicicleta. "Ei, Prince", diz um deles. "Ei", diz o motorista, acenando. "Tudo bem?"

Alguns minutos mais tarde, os dois carros estacionam em frente a um galpão, um celeiro de concreto no parque industrial de Eden Prairie. Lá dentro, The Family, uma banda de rock-funk com a qual Prince começou a trabalhar, ensaia músicas e coregrafias novas. O grupo é tão chocante quanto as calças do mestre da bateria, Jellybean Johnson. No final de um número, os membros da Family caem de costas, contorcendo-se como ovos fritos.

Prince vai para a mesa de bilhar perto da mesa de som e cerca as bolas em triângulo, envolvido pela batida da próxima música da Family. Nelson dá um alô profissional à banda e pega seu taco. Prince, filho de seu pai e pai desta banda, está sorrindo. Na noite anterior, estava aqui, neste armazém, prestes a romper com três anos de silêncio. Agora, vestindo um abrigo de ginástica, botas azuis, um pequeno crucifixo, dança um pouco com a Family, toca alguns minutos de guitarra, canta por um segundo e toca teclado a quatro mãos com Susannah Melvoin, gêmea idêntica de Wendy (as meninas da banda).

Prince me vê parado na porta e vem me cumprimentar, dando a mão. "Oi. Não quer comer ou be-

O quase imberbe príncipe examina a guitarra antes da atuação

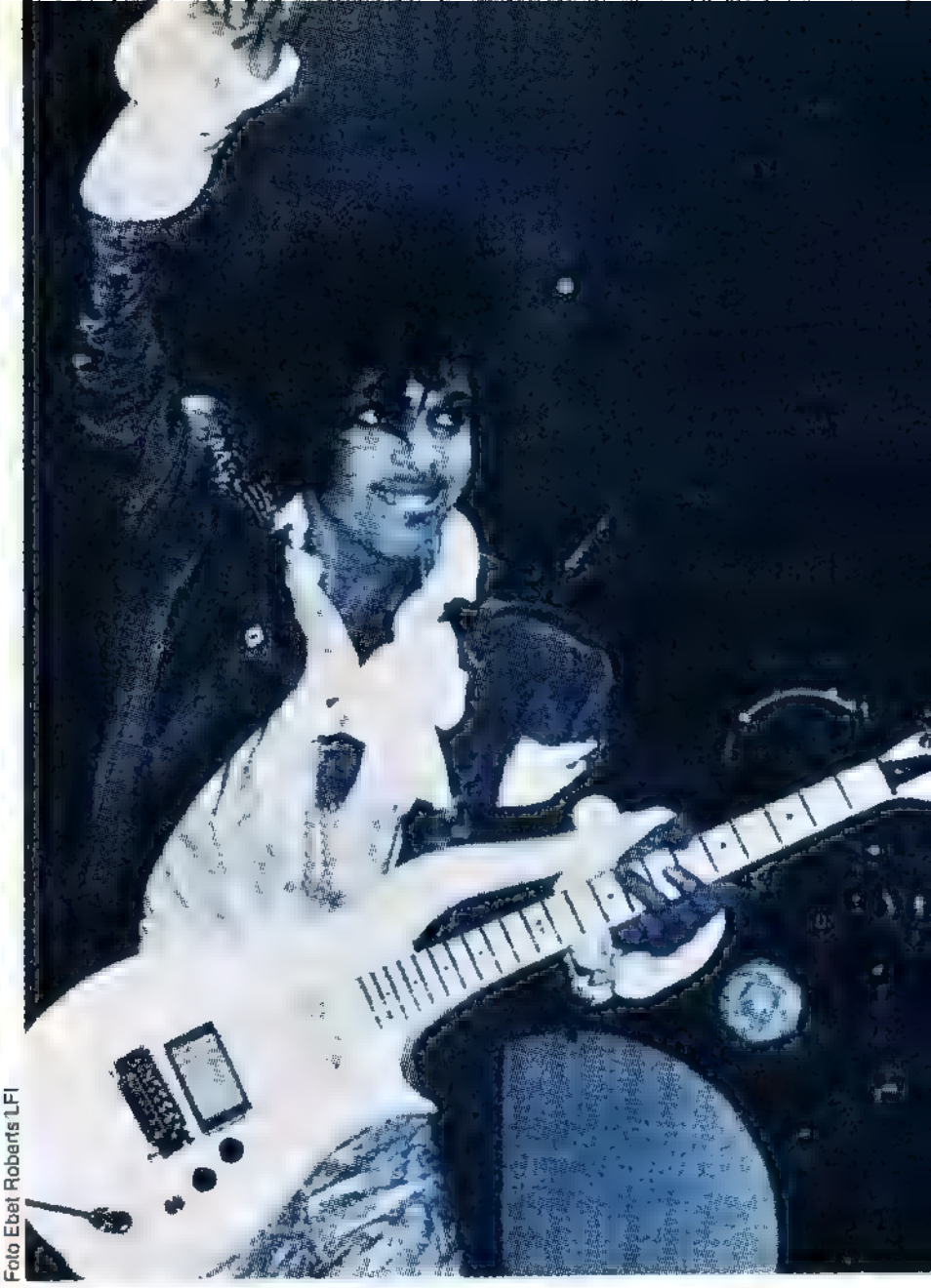


Foto Ebet Roberts LFI

Estrela no palco, ser comum em sua cidade natal

ber alguma coisa?'' Na frente da banda há uma mesa cheia de frutas e sacos de batatas fritas. Numa prateleira, seis tipos diferentes de chá. Nenhuma droga, nenhum café.* Prince toca mais uma ou duas músicas, assiste mais alguns minutos e aí se despede, saindo do galpão em direção ao carro.

''Eu não estou mais acostumado com isso'', murmura Prince, olhando fixamente através do pára-brisa. ''Eu realmente pensei que nunca mais daria entrevistas.'' Rodamos por vinte minutos, conversando sobre o céu de Minnesota, sobre o ar e a polícia. Gradualmente, sua voz se transforma, trazendo inflexões, gestos e risos.

Logo depois de passar por um terreno que abrigará um estúdio de gravação chamado Paisley Park, descemos uma tranqüila rua de subúrbio e subimos para a famosa Purple House.

Prince acena para um guarda, só e desarmado, em frente a uma cerca com correntes. A casa, nada extraordinária — com um recuo de alguns metros por questões de uma mínima segurança —, está quieta. Nenhuma fonte na frente, nenhuma piscina no fundo, nenhuma imagem sagrada de Lúcifer. ''Chegamos'', diz Prince, sorrindo. ''Entre.''

''Oi'', diz a empregada Rande, da cozinha. ''Tem dois recados para você.'' Prince agradece e me oferece alguns biscoitos de chocolate feitos em casa. Toma um gole d'água e continua a me mostrar a casa. ''Este lugar'', diz ele, ''não é uma prisão, e as únicas coisas veneradas aqui são Jesus, amor e paz.''

''Aqui foi onde escrevi e gravei todo o LP *1999*''

Embaixo da sala há um pequeno e estreito quarto de trabalho com equipamentos de gravação e uma mesa cheia de livros de anotações. ''Aqui foi onde escrevi e gravei todo o LP *1999*'', diz Prince. ''Tudo neste quarto.'' Numa mesa baixa a um canto estão os três Grammys (os Oscars da indústria fonográfica americana). ''Wendy'', conta Prince, ''ficou com o Oscar'' (pela trilha de *Purple Rain*). O espaço de trabalho conduz ao quarto principal. É bonito e... normal.

Numa pequena área fora do quarto, um estéreo, uma vista para o lago e um lugar confortável para se esticar no chão e conversar. E nós conversamos. É sua primeira entrevista, em três anos.

Algumas horas mais tarde, Prince se ajoelha em frente à TV para mostrar o vídeo de ''Raspberry Beret''. Explica por que começou o clip com uma longa limpeza de garganta. Pára e pensa. ''Eu liguei a MTV para ver a première de 'Raspberry' e o vídeo-jockey Mark Goodman estava falando com um cara que tinha descoberto a mensagem por trás do clip de 'Darling Nikki'. Eles também estavam tentando descobrir o que a tosse queria dizer, e estava meio engraçado. Mas eu não o estou censurando por tentar. Eu gosto disso. Sempre tive pequenas mensagens escondidas, e sempre as terei.''

Depois, coloca no vídeo ''4 the Tears in your Eyes'', que acabou

Foto Kees Tabak/ Sunshine/ Sipa Press

Aqui, com um look *de* Purple Rain

Foto Janet Van Ham Gamma. Liaison

Em fevereiro deste ano, no palco em L.A.

PRINCE de mandar para o pessoal do Live Aid. "Espero que eles gostem", diz, encolhendo os ombros.

O telefone toca e Prince atende na cozinha. "Nós estaremos aí em vinte minutos", diz ele, desligando. Vindo para baixo, vira a cabeça e sorri. "Vou só trocar a roupa." Volta dois minutos depois vestindo outro abrigo, "o único tipo de roupa que tenho". E as botas? "As pessoas dizem que uso saltos porque sou baixo", diz ele, rindo. "Uso salto porque as mulheres gostam."

Alguns minutos depois, indo em direção ao First Avenue Club, Prince fala sobre o lugar mais famoso de Minneapolis. "Antes de *Purple Rain*", diz ele, "todos os garotos que vinham para o First Avenue nos conheciam e era como um grande e divertido show de moda." Depois veio o sucesso de Hollywood e o lugar virou ponto de atração turística.

Agora, no entanto, parece que a onda do turismo diminuiu. De acordo com Prince — que vai lá dançar pelo menos duas vezes por semana, quando não está envolvido em um grande projeto —, o velho clube está voltando a ser o que era. "Havia muitos que ficavam pelo clube antigamente. E o novo exército, vou chamá-los assim, está se aprontando para voltar. The Family está aqui. Mazarati voltou também, e Sheila E. e sua banda estarão vindo logo. O clube será o mesmo que antes."

O ídolo vai à danceteria e se mistura aos tipinhos

Paramos em frente ao First Avenue. Do lado de fora, uma multidão de sábado à noite, penteando cabelos, fumando cigarros, de mãos dadas. Olham com interesse quando Prince sai do carro. "Quer subir para o terraço?", pergunta o porteiro. "Não", diz Prince. "Estou com vontade de dançar."

Alguns metros fora da pista estão os membros do The Family, tirando uma noite livre de ensaios. Prince se junta à banda entre risadas e beijos. Prince e outros três membros do Family entram na pista cheia de tipinhos e funkettes e começam a dançar. Muitos dos garotos pelos quais Prince passa não o vêem, ou fingem que não ligam. O resto vira um pouco a cabeça para ver o homem passar, e então simplesmente continua seus próprios movimentos.

Uma hora depois ele está de novo na estrada, voando para fora da cidade. Depois de perguntar se havia alguma coisa no mundo que ele quer mas não tem, duas loiras dirigindo o Porsche do papai passam correndo. "Eu não", diz Prince com um riso forçado. "Tenho a elas."

Ele alcança as garotas, abaixa sua janela e atira uma bola de pingue-pongue que estava no chão do carro. Elas olham para ver que tipo de idiota está jogando bolas de pingue-pongue às 2 h da manhã. Quando percebem quem é, acenam e buzinam. Prince fecha a janela, sorri silenciosamente a acelera.

Esta cidade, diz ele, é sua liberdade. "A única vez em que me sinto prisioneiro", continua, "é quando penso muito e não posso dormir por ter tantas coisas na cabeça. Você sabe. Coisas tipo eu poderia fazer isto ou aquilo, poderia trabalhar com esta banda. Quando farei aquele show? Há tantas coisas. Há mulheres. Tenho que comer? Eu não gostaria de ter que comer."

Alguns minutos depois ele me deixa em casa. Meia quadra adiante, pára no sinal da rua Lake. A rua à esquerda leva de volta à Minneapolis noturna, à direita fica o caminho para Purple House, na quietude do subúrbio. Prince vira à esquerda, de volta às poucas luzes que ainda brilham na cidade que ele nunca deixou.

BIZZ — Por que você decidiu que agora é hora de falar?

Prince — Muitas coisas foram ditas sobre mim, e muitas estão erradas. Houve muitas contradições. Eu não ligo para críticas, apenas não gosto de mentiras. Sinto ter sido muito honesto em meu trabalho e minha vida, e é difícil tolerar pessoas dizendo tantas mentiras descaradas.

BIZZ — Você lê o que tem sido escrito sobre você?

Prince — Um pouco, não muito.

Foto Grapevine/ Sunshine/ Sipa Press

Considerado por alguns (detratores?) uma versão hardcore *do aguado Michael Jackson, Prince faz olhinhos argutos*

Às vezes alguém me conta uma engraçada. Acabei de escrever uma música chamada "Hello", que vai para o lado agitado de "Pop Life". Ela diz, no fim: "A vida é cruel o suficiente sem palavras cruéis". Eu recebo muitas palavras cruéis. Muitas pessoas recebem. Eu vi pessoas serem tão críticas com Stevie Wonder quando ele fez *Journey Through the Secret Life of Plants*. Stevie fez tantas músicas ótimas, para as pessoas dizerem: "Você falhou. Não faça assim! Volte!". Eu nunca diria: "Stevie, você falhou". (Prince põe o novo disco de Miles Davis). Ou Miles. Os críticos dirão: "Oh! Como este Miles está liquidado". Por que dizer isso? Por que mesmo dizer para Miles que ele se liquidou? Se você não gosta, não fale sobre a coisa. Vá comprar outro disco! Não muito tempo atrás eu conversava com George Clinton, um homem que conhece e faz muito pelo funk. George me falou o quanto gostou de *Around the World in a Day*. Você sabe o quanto suas palavras significam. Mais do que as daqueles mariquinhas de óculos, vestindo camisetas de jacaré, que ficam escondidos atrás de máquinas de escrever.

BIZZ — Você odeia críticas de rock? Você acha que eles têm medo de você?

"O psicodelismo resgatou músicas e cores"

Prince — *(Risos)* Não, não acho que é um bom negócio. Ei. *Eu* tenho medo deles! Um dia, no começo da minha carreira, entrei em uma briga com um crítico de Nova York, aquele gato miserável, um verdadeiro vira-casacas. Ele disse: "Vou te contar um segredo, Prince. Críticos escrevem para outros críticos e às vezes é mais divertido ser sórdido". Eu só fiquei olhando para ele. Mas quando pensei sobre isso, e me coloquei em seu lugar, percebi que aquilo é o que ele tinha que fazer. Consegui perceber seu ponto de vista. Eles podem fazer tudo o que querem. E eu também. Posso pintar a tela que quiser com meus discos. E tento colocar isso em cada ação que faço.

BIZZ — E que tela você pintou em *Around the World in a Day?*

Prince — *(Risos)* Ouvi algumas pessoas dizerem que não falo sobre nada nesse disco. Onde muitos outros erram é que não estou tentando ser um grande feiticeiro visionário. "Paisley Park" está no coração de todos. Não é alguma coisa para a qual apenas eu tenha as chaves. Eu estava tentando dizer algo sobre olharmos para dentro de nós mesmos, para encontrarmos a perfeição. Perfeição está em cada um. Ninguém é perfeito, mas pode ser. Talvez nunca a alcancemos, mas é melhor se esforçar do que não.

BIZZ — Soa religioso. Você fica chateado quando dizem que você está voltando no tempo com *Around the World in a Day?*

Prince — Não. O que eles dizem é que a influência é dos Beatles. A influência não foi dos Beatles. Eles foram brilhantes pelo que fizeram, mas não sei como isso iria funcionar hoje. A arte da capa foi feita assim porque

Foto Ebet Roberts LFI

"Mamãe eu quero, mamãe eu quero."

Foto Jane Hale Gamma Liaison

Prince faz mais de vinte mil delirarem no show em Detroit, berço da Motown

PRINCE pensei que as pessoas estavam cansadas de olhar para mim. Quem quer outra foto dele?

BIZZ — O que você acha de as pessoas chamarem seu disco de "psicodélico"?

Prince — Não ligo, porque este foi o único período da história recente que resgatou músicas e cores. O Led Zeppelin, por exemplo, fazia você se sentir diferente a cada música.

BIZZ — Sua fama afeta seu trabalho?

Prince — Muita gente pensa que sim, mas não afeta nem um pouco. Eu acho que a coisa mais esperta que fiz foi gravar *Around the World* logo depois de ter acabado *Purple Rain*. Não esperei para ver o que iria acontecer com *Purple Rain*. É por isso que os dois discos são completamente diferentes. As pessoas pensam: "O disco não tem a metade da força de *Purple Rain* e *1999*". Você sabe como seria fácil abrir *Around the World* com a guitarra solo que está no final de "Let's Go Crazy"? Você sabe como teria sido fácil apenas colocá-la em outro tom? Isto calaria todos os que dizem que o disco não era nem metade tão bom. Não quero fazer um disco como os primeiros.

BIZZ — O que você acha das comparações que fazem entre você e Jimi Hendrix?

"O último disco que ouvi inteiro foi de Joni Mitchell"

Prince — É só porque ele é negro. Esta é realmente a única coisa que temos em comum. Ele toca a guitarra diferente de mim. Se eles realmente ouvissem minhas coisas, ouviriam uma influência maior de Santana que de Jimi Hendrix. Hendrix tocava mais blues, Santana tocava mais bonito. Você não pode comparar pessoas, realmente não pode, a não ser alguém que esteja espalhafatosamente tentando enganar alguém. E você não pode notar nada, a não ser que toque as músicas. Há tantos sons que uma guitarra pode fazer. Deus sabe que tento fazer uma guitarra soar como algo novo para mim mesmo.

BIZZ — Existe algum grupo atual que você ouve e com o qual aprende muito?

Prince — Não. O último disco que adorei do começo ao fim foi *The Hissing of Summer Lawns* (de Joni Mitchell). Eu respeito os sucessos do povo, mas não gosto de grande parte da música popular. Nunca gostei. Gosto mais das coisas que ouvia quando pequeno. Hoje as pessoas não escrevem músicas. Elas são um monte de ruídos, muita repetição. Isso aconteceu quando os produtores tomaram conta. É por isso que não há mais shows ao vivo. Os produtores vieram, e agora ninguém mais quer ver essas bandas.

BIZZ — Incomoda que estranhos façam peregrinações até sua casa?

Prince — Não, nem um pouco. Mas há tempo e lugar para tudo. Muitas pessoas têm a idéia de que sou sexualmente selvagem. Pode ser 2 da tarde, e vem alguém fazer propostas estranhas pelo interfone.

BIZZ — Mas não são só as pessoas à sua porta que acham você uma pessoa sexualmente pervertida.

Prince — Sou até certo ponto. Mas

não vinte e quatro horas por dia. Ninguém pode ser alguma coisa vinte e quatro horas por dia, não importa o que seja. Você tem de comer, dormir, pensar, você tem de trabalhar. Eu trabalho muito, e não há muito tempo para outra coisa quando estou fazendo um disco.

BIZZ — Você fica incomodado quando as pessoas vasculham seu passado, quando querem saber sobre sua sexualidade, ou coisas assim?

Prince — Todo mundo acha que tenho um péssimo temperamento e que não gosto de pessoas fazendo isto ou aquilo. Eu tenho senso de humor. Achei aquela gozação no *Saturday Night Live (hilariantíssimo programa da TV americana)*, com Billy Crystal me imitando, a coisa mais engraçada que vi! Ele estava cantando "I am the wo ld, I'm the children!" E aí Bruce pringsteen vinha para o microfone : era empurrado. Estava hilariante. Nós assistimos ao programa quando queremos rir. Foi ótimo. Claro que isso não é a realidade. Achei também o comercial sobre o Prince Spaghetti a coisa mais bonitinha do mundo. Meus advogados e empresários acharam que aquilo devia parar. Eu nem tinha visto o comercial até alguém tentar proibi-lo. Muitas coisas são feitas sem meu conhecimento, porque fico em Minneapolis e os outros em outros lugares. É bom e ruim eu morar aqui. É ruim no sentido de que não posso ser um rockstar e fazer tudo absolutamente certo. Não posso ir a festas e shows beneficentes, ter isto e aquilo. Mas gosto daqui. É realmente doce.

BIZZ — Como você se sente quando vai para Nova York ou Los Angeles e vê o tipo de vida que poderia estar levando?

Prince — Los Angeles é um bom lugar para trabalhar. E eu gostava mais de Nova York quando não era conhecido e não era amolado quando saía à rua. Você ficaria surpreso. Há algumas pessoas que literalmente te perseguem dentro de uma danceteria! Não ligo para tirar fotografias, se isso for feito de uma maneira apropriada. É muito simples dizer: "Prince, posso tirar uma foto sua"? Não sei por que as pessoas não podem ser mais humanas nas coisas que fazem. Agora, quando estou visitando, gosto de passar desapercebido e tentar coisas. Gosto de ir a shows e festas e ver se posso sair sem que tenham tirado uma foto minha. É divertido. É como brincar de polícia e ladrão.

BIZZ — Você tem feito shows beneficentes em várias cidades, dado shows grátis para deficientes físicos e doado muito dinheiro para a escola Marva Collins, de Chicago. Você quis mostrar isso depois de ter sido acusado de não estar presente na gravação de "We Are the World"? Você está querendo dizer: "Ei, eu estou fazendo minha parte?"

Prince — Não. Nunca fui rico, então tenho pouca consideração por dinheiro agora. Somente respeito no sentido de poder alimentar alguém. Dou muitas coisas, presentes e dinheiro. O dinheiro é mais bem gasto com aqueles que precisam dele. Isso é tudo que tenho a dizer. Não gosto de me vangloriar por isto.

BIZZ — As pessoas pensam que você é um ditador no estúdio, que você quer controlar tudo. Em Los Angeles, no entanto, vi Wendy e Lisa mixarem uma música enquanto você estava em Paris. Como você se sente com essas acusações?

Foto Jane Hale- Gamma Liaison

De novo no show em Detroit, já devidamente desguarnecido da incômoda camisa de babados

"Fiz meu primeiro LP totalmente sozinho"

Prince — Eu fiz meu primeiro LP totalmente sozinho. No segundo usei Andre (Cymone), meu baixista em "Why You Wanna Treat me So Bad?". Ele cantou uma parte pequena, que não dava para ouvir. Seu nome não saiu nos créditos do disco. Assim começou tudo. Tentei explicar isso para ele, mas quando você está lá no alto não há muitas explicações para qualquer coisa. As pessoas vão pensar o que quiserem. A razão de eu não ter usado músicos muitas vezes se deve às horas em que costumo trabalhar. Juro por Deus, não digo isso por atrevimento, mas não há uma pessoa por aí que possa ficar acordada tanto tempo quanto eu. Música é o que deixa acordado. Há vezes em que trabalho vinte horas no estúdio e caio no sono na cadeira, mas ainda serei capaz de dizer ao engenheiro o que quero fazer. Uso muitos engenheiros em turnos, porque quando começo alguma coisa gosto de ir até o final. Há muito poucos músicos que ficariam acordados tanto tempo.

BIZZ — Você sente que os outros reconhecem o quanto você trabalha?

Prince — Existem muitos comentários sobre as bobagens que fazemos nos palcos e nos discos. Morris *(Day, vocalista do Time)* foi muito criticado por isso.

BIZZ — Que tipo de bobagem?

Prince — Tudo. A música, as danças, as letras. O que eles não percebem é que é exatamente isso que queremos. Não procuramos coisas que são legais ou não. Se eu fizer algo que acho que pertence a outra pessoa, ou soa como outra pessoa, então faço algo diferente.

BIZZ — Por que Morris Day diz tantas coisas negativas sobre você depois que deixou a banda?

Prince — As pessoas que partem geralmente fazem isso — devido a uma necessidade de expressar algo que não podem fazer enquanto estão na banda. É simples assim. Morris, por exemplo, sempre quis um número so-

Foto Jane Hale Gamma Liaison

"O psicodelismo é um movimento que conseguiu resgatar cores e sons"

PRINCE

lo. Mas quando você está sem grana e vendendo sapatos em algum lugar, você não pensa em pedir uma coisa dessas. Acho que Morris agora está tentando criar sua própria identidade. Uma das maneiras de fazer isso é tentar fingir que você não tem passado. Jesse *(Johnson, primeiro guitarrista do Time)* é o único que saiu e contou o que houve, o que realmente aconteceu com a banda. Ele disse que havia atritos porque ele estava numa situação que não lhe servia. Jesse queria estar na frente o tempo todo. E eu não acho que Deus põe todos no mesmo saco. Às vezes eu dizia: "Não acho que você deveria ser o homem de frente. Acho que Morris deveria". Wendy, por exemplo, diz: "Não quero isso. Quero estar bem onde estou. Posso ser mais forte para a banda no lugar que ocupo". Eu pessoalmente amo essa banda mais do que qualquer outro grupo com o qual toquei por essa razão. Todos sabem o que têm de fazer. Eu sei que há alguma coisa que eu tenho que fazer.

BIZZ — O que você acha dos membros da sua banda, Revolution?

Prince — Bobby foi o primeiro a se juntar. Apesar de não ser um baterista espetacular, ele me observa como nenhum outro baterista o faria. Às vezes um grande baterista, como Morris Day, está mais preocupado com a velocidade, está preocupado em me fazer atravessar. Mark Brown é o melhor baixista que conheço atualmente. Eu não teria qualquer outro. Se ele não tocasse comigo eu eliminaria o baixo da minha música. O mesmo vale para Matt *(Fink, o tecladista)*. Ele é mais ou menos um técnico. Pode ler e escrever como um perito, e é um dos mais rápidos do mundo. Wendy me faz parecer bem aos olhos das pessoas que me assistem.

"Meu envolvimento com a música aumenta dia a dia"

BIZZ — Como assim?

Prince — Ela mantém um sorriso em seu rosto. Quando eu sacaneio, ela ri. Não é premeditado. Ela faz assim. É um bom contraste. Lisa é como minha irmã. Ela toca o que uma pessoa normal não tocaria. Ela toca duas notas com um dedo, assim o acorde é muito maior. Ela é mais abstrata. E também curte Joni Mitchell.

BIZZ — E sobre as outras bandas? Apollonia, Vanity, Mazarati, The Family? O que você quer expressar através delas?

Prince — Tenho muito a ver com elas. Chegam a mim com uma idéia e tento levá-la adiante. Eu não dou nada a elas. Não digo: "OK, você vai fazer isto e você aquilo". Quero dizer: foi idéia de Morris fazer as graças que fazia. Isso era sua personalidade. Nós dois gostamos de Don King e tiramos um monte de coisas dele.

BIZZ — Por quê?

Prince — Por que ele é extraordinário e pensa que tudo é tão emocionante, mesmo quando não é.

BIZZ — As pessoas acham que você controla essas bandas.

Prince — Basta você olhar para o trabalho de Sheila E. para ver que ela se mantém sozinha. O mesmo acontece com The Family. Nós dois jogávamos pingue-pongue e eles tocavam muito bem.

BIZZ — Depois desses anos todos, a música ainda te dá aquele ímpeto de antes?

Prince — Aumenta cada vez mais. Um de meus amigos se preocupa, achando que vou entrar em parafuso. Nós sempre dizemos que farei a parte final de uma música num dia e... *(Risos. Deixa a cabeça cair como um morto.)* Fica mais interessante a cada dia. Mais do que qualquer coisa, eu tento não me repetir. É a coisa mais difícil de fazer no mundo. Há tantas notas que um ser humano pode reunir. Eu escrevo muito mais do que as pessoas pensam, e tento não copiar. Acho que esse é o problema com a indústria de música hoje. Quando uma pessoa consegue um hit, tenta fazê-lo de novo, e da mesma maneira. Acho que nunca fiz isso. Escrevo o tempo todo. Quero mostrar a você meus arquivos, onde estão minhas coisas antigas. Há toneladas de músicas que gravei lá. Tenho o álbum seguinte a *1999*. Poderia pôr os dois juntos e tocar para você. Você iria ficar alucinado. E poderia gravá-lo e provavelmente iria vender tanto quanto *1999*. Mas sempre tento fazer algo diferente e conquistar novos territórios. Na cabeça das pessoas, parece que Prince está "voando alto demais". Gostaria que elas entendessem que sempre pensei que fosse mau. Eu não teria entrado neste negócio se não achasse isso.

1eaneration apresenta

Heavy Metal

Ilustração Cleber V. Garcia/ Foto Estudio Abril

★ Enquanto se prepara para uma excursão em novembro, o retornado **UFO** dá os retoques no novo LP. A base foi feita em Oxford, a mixagem em Amsterdã, e a Chrysalis prometeu lançá-lo agora em outubro, precedido de um compacto. De sua parte, o ex-UFO (tecladista) **David Peyronnel** estréia em LP com seu novo grupo **Tarzen.**

Fotos L F I

Hagar: reforço para o Van Halen

★ Até o início de outubro, pelo menos, o *affair* envolvendo **Van Halen** *versus* **David Lee Roth** *versus* **Sammy Hagar** continuava sem uma definição oficial, mas já sabemos que David foi mesmo afastado. É certo também que Sammy ensaia ferrenhamente com Alex, Eddie e Michael com a intenção, a essa altura já concretizada, de gravar produto novo. Depois fariam uma turnê apresentando esse material, mais os antigos sucessos de ambos os lados. E confirmo que Sammy e Roth nunca se deram — isso deve estar deixando o segundo de beiço caído, pois diversas vezes se ofenderam através da imprensa internacional. Sammy, além do mais, tornará o grupo mais forte, pois, além de cantar, colocará sua excelente guitarra pau a pau com a de Eddie... "E sem os gritinhos de David. Que o cinema o tenha", declarou Eddie recentemente.

★ **Robert Plant** lançou compacto pela Esparanza Records contendo, de um lado, "Little by Little" (do álbum *Shaken'n'Stirred)* e "Doo Doo A Doo"; do outro, uma versão ao vivo (gravada em Dallas, em junho último) de "Easily Lad". Existe um outro (de 12 polegadas) que, além dessas três, tem "Rockin' at Midnight", também ao vivo em Dallas. Originalmente essa música está no *Honeydrippers Vol. 1.* Enquanto isso aguarda-se a propalada volta do *Led Zeppelin* em um novo álbum. Para tanto, Page, Plant e J.P. Jones teriam um novo companheiro batera na figura de **Tony Thompson** (atual Power Station e Chic), que tocou com eles no Live Aid. Isso descarta **Jason** — o filho de **John Bonham,** que toca no **Airrace** — e **Phil Collins.**

★ O veterano **Jonathan King** está trabalhando num ambicioso projeto com quatro renomados roqueiros: **Paul Di Anno** (vocalista, ex-Maiden), **Pete Willis** (guitarra, ex-Def Leppard), **Janiick Gears** (guitarra, ex-Gillan e Whitespirit), **Neil Murray** (baixo, ainda no Whitesnake) e **Clive Burr** (baterista, ex-Maiden). Com produção do próprio King, estiveram nos estúdios londrinos da CBS, onde gravaram "I Will Be There" (hit do **Russ Ballard),** "It's Illegal, It's Immortal, It's Unhealthy but It's Fun" e "Living in a Fucking Timewarp". O trabalho está sendo apresentado a diversas gravadoras e se alguém se interessar será lançado. Pelo time pode dar certo, mas é bom salientar que muito nome famoso tem tentado isso, sem conseguir.

★ Já a Capitol inglesa planeja soltar uma compilação dos discos *Head On* e *Shock Tactics* do extinto grupo **Samson.** Acontece que **Bruce Dickinson** (Iron Maiden) era anteriormente o Bruce-Bruce, vocalista da banda comandada por **Paul Samson,** que estaria produzindo essa coletânea.

★ O **Angelwitch** foi um power-trio muito falado em 80, quando da ressurreição do H.M., como uma das bandas de grande futuro no rock. Gravaram um disco aclamadíssimo por todos e, em 81, quando seu número de fãs crescia assustadoramente, acabou inesperadamente. Seu líder, o guitarrista/vocalista **Kevin Heybourne,** nunca desistiu da idéia e agora refez tudo com **Dave Hogg** (bateria) e **Kevin Riddles** (baixo). O batera **Dave Dufort** (irmão de **Denise Dufort,** das Girlschool), também um ex-Angelwitch, segue carreira com sua banda **Troy.**

O novo álbum do Angelwitch chama-se *Screemin and Bleedin,* e não tem sido bem recebido pela crítica européia.

O Judas Priest vem de disco novo

★ O **Judas Priest** já deu os toques finais no novo LP (ainda sem título), produzido por **Tom Allon** no Compass Point Studio de Nassau, Bermudas. A mixagem foi em setembro, em Los Angeles, e o lançamento deverá ocorrer entre dezembro e janeiro próximos. **Rob Halford,** seu *frontman,* vem prometendo novidades para os novos concertos.

★ O **Iron Maiden,** antes de lançar o álbum duplo *Live After Death,* tascou nas terras da Rainha Elizabeth um compactão contendo de um lado "Running Free" e "Sanctuary" (gravadas ao vivo na Long Beach Arena, Califórnia, neste ano). Do outro lado está "Murders of the Rue Morgue", gravada em 84 no Hammersmith Odeon, Londres. Só "Running Free" está no novo álbum, com produção de **Martin Birch.**

1eaneration veste a gente do jeito que a gente é.

No início era o tédio. Depois veio o punk. Uma bomba na letargia dos anos 70, tão devastadora quanto a de surrealistas, dadaistas, lúcidos loucos do *flower power* e da revolta estudantil dos anos 60
Por *Pepe Escobar*

KADARIA

O SOM DA PUN

Siouxsie, Princesa das Trevas, veio com a safra punk de 76 e sintetizou a linha "gótica"

Os ícones do rock anos 50 se auto-imolaram. Eddie Cochrane em um acidente de carro Elvis sanitizado pelo Exército Chuck Berry na cadeia. Jerry Lee Lewis aniquilado por escândalos Buddy Holly morto em desastre aéreo. Little Richard evangelizado

Os ícones do rock anos 60 eram czares obscenamente ricos. Parodiavam glórias passadas. Padeciam de pretensão de "artistas". Muita farmacologia. Muito trânsito entre os ricos e os entendiados. Pouco rock

Crise econômica. Veio o *glitter*. Bowie, Marc Bolan, Gary Glitter, Roxy Music. Uma estética temporariamente agradável. Depois, o peso renovado da crise. Desemprego, subúrbios desolados, estudantes revoltados

Na Inglaterra cinzenta, pré-apocalíptica, surgia uma nova geração. Músicos, cantores, fãs, arruaceiros, parasitas. Todo mundo querendo uma anarquia. Não acontecia absolutamente nada

Anticristo

Era uma garotada proletária. Cabelo curto, roupa seca e em cima. Pouco a fazer, a não ser olhar feio. Uma massa de energia bruta reprimida. Só faltava um anticristo messiânico para mudar este poder latente em um rock destruidor

No meio da década, já se espalhavam as raízes das bandas punk. A London SS, com Mick Jones (depois Clash), Brian James (depois Damned) e Tony James (depois Generation X). Joe Strummer, o Lula do punk, com os 101'ers. Dave Vanian (depois Damned) era coveiro Hugh Cronwell (depois Stranglers) dava ácido para seus alunos na Suécia. Três morcegos suburbanos adoravam o Who, tocavam músicas dos anos 60 e se autodenominavam The Jam. Na terra desolada da adolescência, vagavam a *colored* Poly Styrene (depois X-Ray Spex), Billy Idol (depois Generation X e superídolo), Howard Devoto (depois Magazine). Seriam os líderes das bandas punk/rock da *primeira onda*, pós-Sex Pistols.

Já corria solta a renascença do rock. Fontes principais: Iggy Pop, o apocalíptico psicótico; MC5, os hippies radicais; David Bowie, o camaleão enigmático; a tradição Mod do Who e Small Faces em começo de carreira. E os New York Dolls: uma bomba de arrogância e tendências autodestrutivas. A primeira banda dos anos 70 a sugerir que uma nova geração estava começando a transformar estilo em revolta Acabaram como James Dean: um final trágico, inevitável e perfeito

Malcolm McLaren estava por trás de tudo. Um dos maiores sismógrafos da cultura jovem em todos os tempos Como ele inventou os Sex Pistols todo mundo sabe Johnny Rotten Lydon era o que faltava: a personificação definitiva da atitude punk, envolta em hostilidade cínica. Desde seu primeiro show, em novembro de 75 — um escândalo — os Sex Pistols cristalizaram uma frustração reprimida generalizada. Sozinhos, instigaram um movimento, dando-lhe forma estilo e direção. Rotten, com sua cabeça de morte, era o ícone.

Tolos e Violentos

Estava provado. Qualquer um podia tocar rock'n'roll puro e frenético. Bastava arrumar algum equipamento e aprender alguns acordes. E veio o nome: *punk*. A partir das *garage bands* americanas dos anos 60, produtoras de sons caseiros, rápidos, tolos e violentos

Estourou a subcultura: imprensa alternativa, moda, alusões indiscriminadas a sadomasoquismo, fascismo e transexualismo. Tudo muito bem calculado pelo contingente da moda: os primeiros discípulos dos

Malcolm MacLaren (esquerda) encontrou em John Lydon a pose e a voz "perfeitas"

Pistols. Entre eles, Si .ste, ex-Susan Janet, futura Dama Negra, Sid Vicious, futuro Pistols e autodesignado mártir de uma era

O rock sempre flertou com a violência como metáfora. Rotten destruiu a pose e a substituiu pela realidade. A ruiva era a mais importante at os Pistols. Seu som era propositadamente demencial, destrutivo e epressivo. Contra o monolito d dústria da música e o horror d sórdido planeta. Tocaram para *socialites* entupidos de tédio e pó, e para armadas de garotos barras-pesadas em clubecos precários. Já no final de 76, bombardeavam com napalm a psique européia

As principais bandas logo definiram suas imagens individuais. Os Pistols como depravados mendigos anarquistas. O Damned como palhaços do horror pastelão. O Clash como guerrilheiros urbanos e poetas políticos infiltrados na mídia. O Jam como herdeiro do Who. Os Stranglers como intelectuais cínicos (e odiados pelos punks por sua "herança hippie"). Os Vibrators como personagens de história em quadrinhos.

Chegou a hora de passar para o vinil. Começaram a estourar os pequenos selos independentes. Mas as multis estavam de olho. O punk era viável comercialmente. Logo foi absorvido pela estrutura corporativa capitalista. Em novembro de 76 os Pistols saem à rua com "Anarchy in the U.K.". O enraivecido tema da juventude do mundo moderno, cru, clássico, exalando um niilismo furioso, empurrando a perene possessão demoníaca do rock para extremos impensáveis.

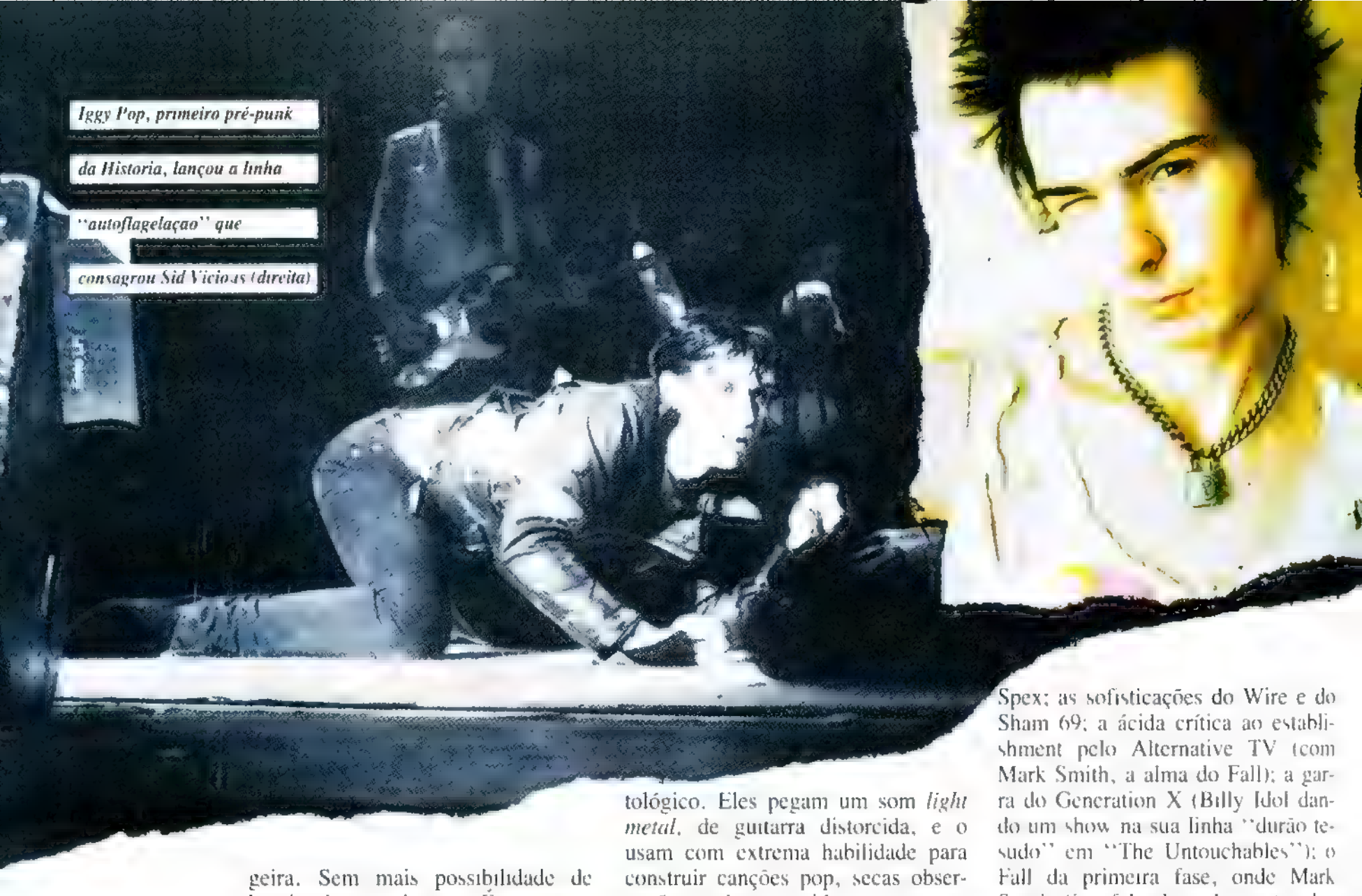
Depois, a queda, lenta, inexorável. Escândalos, pancadarias, navalhadas. Tumulto generalizado. Onde quer que os Buzzcocks (com o romântico desiludido Pete Shelley na guitarra), Clash, X-Ray Spex ou os Heartbreakers do ex-Doll Johnny Thunders tocavam, era o caos. O Roxy Club, em Londres, meca punk, pegava fogo (até os donos do clube acabaram com o negócio em abril de 77). As multis começaram a atacar pesado. A CBS pegou o Clash e os Vibrators. A United Artists, os Stranglers e os Buzzcocks. A Polydor, o Jam. O Damned continuou na Stiff, pequeno selo independente que logo lançou duas bombas: Elvis Costello e Ian Dury e seus afunkalhadíssimos Blockheads.

A Stiff tinha um contrato com a Island, que lhe garantia farta distribuição na Europa

Bomba após Bomba

77, ano mágico e caótico, foi o estouro generalizado. Este que vos fala esteve na Inglaterra boa parte do ano e acompanhou a voragem do processo. Uma bomba atrás da outra. Em janeiro, saiu o *Low*, de Bowie, ditando os caminhos para a futura cópula música/eletrônica. Patti Smith, a papisa punk/simbolista americana, quebra uma vértebra em um show. Em março, Iggy e Bowie tocam juntos ao vivo. Sid Vicious entra arrasando nos Pistols, no lugar de Glen Matlock (esse foi tocar depois com Iggy). O Clash lança seu antológico compacto "White Riot". Em abril, o Damned faz o primeiro show punk inglês nos EUA. Os Stranglers lançam seu primeiro LP, logo convertido em hino da moçada cavernosa. Em maio, os Sex Pistols assinam com a Virgin, depois do pau com a EMI. Em junho, o Jam briga com o Clash. Os Pistols tocam em um barco no meio do rio Tâmisa, sai o maior cacete e Malcolm McLaren é um dos presos. Em quase todo show punk, ou na rua, sai briga. Todos os músicos, incluindo Bob Geldof nos primeiros flertes do Boomtown Rats com a pop music, e Gaye Advert, a bela morena baixista dos Adverts, levam porrada ou navalhada. Em agosto, morre Elvis, aos 42. Em setembro, Marc Bolan, um deus na Inglaterra, aos 29. O Clash solta *Complete Control*, co-produzido pelo bruxo do reggae Lee Perry. O pau come solto e está acabando uma era.

Os selos gigantes, as grandes salas de show, a espetacularização através da mídia — especialmente da TV — e toda a máquina da indústria da música absorveram e trituraram o punk. Virou moda. Passa-



Iggy Pop, primeiro pré-punk da Historia, lançou a linha "autoflagelaçao" que consagrou Sid Viciosas (direita)

geira. Sem mais possibilidade de bombardear o sistema. É a mesma história de sempre. A indústria da música manteve a ilusão de rebeldia no punk por algum tempo. Usou as mesmas e velhas cenouras: dinheiro, sexo, drogas e fama. Extraiu os dentes podres do punk e o converteu em mais um meio de produção de grana. "Anarquia", pediam os Pistols. "Rebelião", pediam os Clash. Os Stranglers, no seu segundo LP, cínicos e sabendo a época em que viviam, limitaram-se a constatar: "Chega de heróis".

Serra Elétrica

Mas persistiram — e ainda persistem — grandes sons. As melhores bandas continuaram fazendo bons discos — alguns até mesmo excepcionais. Quem nao os conhece, hoje, deve escutá-los correndo. Quem conhece deve refazer a viagem. Entram aí todas as podres pérolas da primeira fase: Pistols (com a devastação de "Holydays in the Sun" ou "No Feelings"), os dois primeiros LPs do Damned, o primeiro do Clash, o Jam em sua fase ultra-Who, os dois primeiros Stranglers. E os formidáveis Buzzcocks. Seu segundo LP, já de 78 (*Another Music in a Different Kitchen*), é antológico. Eles pegam um som *light metal*, de guitarra distorcida, e o usam com extrema habilidade para construir canções pop, secas observações sobre a vida e o amor. "Fiction Romance", a primeira do lado A, vai na veia: um riff pesado e discordante por trás do qual articula-se o drama do romântico desiludido tentando enfrentar a dura realidade.

Dos destroços punk, em 78, surgiram históricas resplandecências. Como *A Tonic for the Troops*, o segundo LP dos Boomtown Rats, onde empregam várias formas de rock, reggae e Bob Geldof manda pau nas letras. *Real Life*, do Magazine de Howard Devoto (que antes fazia dupla infernal com Shelley nos Buzzcocks), é uma hóstia sagrada. Dá vários passos além do conglomerado dos três acordes com som de serra elétrica. E traz a memorável "Shot by Both Sides" ("estou chocado pelo que corre no coração da malta"), com seu *chorus* no limite do desespero elétrico.

E com as melhores bandas da segunda fase, muitas depois batizadas de *new wave* pela mídia internacional, temos a herança platinada do punk: os Adverts com um LPzinho interessante, *Crossing the Red Seas*; os esgares alucinados do Chelsea; as aberrações de Slaughter and the Dogs; a *no music* das Slits; as pop songs suburbanas do X-Ray Spex; as sofisticações do Wire e do Sham 69; a ácida crítica ao establishment pelo Alternative TV (com Mark Smith, a alma do Fall); a garra do Generation X (Billy Idol dando um show na sua linha "durão tesudo" em "The Untouchables"); o Fall da primeira fase, onde Mark Smith fica falando pelos cotovelos enquanto a banda vai levando, monocórdia; o quase-heavy metal do 999; e as extremas sofisticações do XTC e do Squeeze. Toda esta torrente sonora e prima contemporânea da linha decadente estetizada americana, com Patti Smith, os inacreditáveis Tubes, os herdeiros de *garage bands* Ramones, os neo-simbolistas Richard Hell e Tom Verlaine (a imprescindível cabeça do Television), Mink de Ville, e os Heartbreakers de Johnny Thunders. Em tudo isso, a ser ouvido e reouvido com extremo prazer, está esparso o sêmen punk, tanto na raiz quanto em espírito.

Como toda vanguarda suicida, o punk foi uma bomba de efeito limitado. Um séquito de milionários do rock ganhou a companhia de outro (Johnny Rotten, hoje, é um dândi; o Clash foi deserdado pela audiência mais radical). Mas mexeu com a energia e a psique da garotada a nível planetário. Claro que política e socialmente não conseguiu mudar muita coisa. Não há brechas no Grande Ovo Corporativo Multinacional. Tudo entra na dança do vil metal. Não tem nada não. Foi um movimento do cacete. Os sons continuam aí para provar.

E NO BRASIL?

***"Nós estamos aqui para revolucionar a MPB. Para pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar nas flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer."* Clemente, *da banda* Inocentes**

Três nomes compõem a espinha dorsal da presença e atuação punk no Brasil. São eles: Fábio, da loja e selo independente New Face; Clemente, da banda Inocentes; e o escritor Antônio Bivar.

Em 1979, Fábio resolveu abrir uma loja, a Punk Rock Discos, localizada nas Grandes Galerias, centro de São Paulo. Tranqüilamente instalado, sem maiores pretensões, foi de repente surpreendido por um bando de gente *esquisita*. E aí pensou: "Ué, aqui também tem?"

A primeira turma a chegar foi a do Clemente, que já tocava punk desde 77. E o bando foi aumentando. Chegaram, entre outros, Redson, do Cólera, João, atual vocalista do Ratos de Porão, os integrantes da banda Olho Seco, do mesmo Fábio..., apenas para citar os mais expressivos. Em 82 Fábio fez o primeiro registro em vinil dos pioneiros Inocentes, Cólera e Olho Seco. Batizaram o LP de *Grito Suburbano*. Pronto. Com este contingente e um disco em punho já era possível um "movimento" punk brasileiro, por eles mesmos denominado "o que foi sem nunca ter sido".

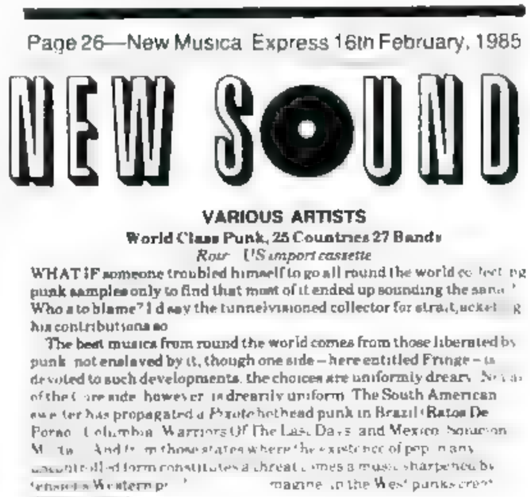
Parênteses: os chamados punks brasileiros vieram da periferia, jovens desempregados e pobres, por excelência. Falta contar o que aconteceu quando o Brasil viu aquele bando, já denominado de "marginaizinhos", vestidos de preto, pulseiras de cravos etc., perambulando pelo centro de São Paulo, seu maior reduto.

Clemente: "Eu era preso todo final de semana. Invadiam os shows com calibre doze em punho e levavam todo mundo. Os moicanos apanhavam mais. Um dia, numa cela, eu disse: 'Maldita polícia' ". Esta é a primeira frase da letra "Polícia", que assim termina: "São nossos inimigos ou não/Não posso confiar em quem tem uma arma na mão".

João emenda: "No Brasil pensam que punk é animal. Como o Jô Soares faz, com aquele tipinho que ele inventou".

Em 1982 Antônio Bivar entra em cena. Tinha acabado de chegar de uma estadia de um ano em Londres, onde viu o punk renascer, principalmente através do primeiro registro, o fanzine *Punk's Not Dead*. Esbarrou nas Grandes Galerias e, com certeza, pensou: "Ué, aqui também tem?"

Fábio: "Ele chegou na loja e disse: 'Vou chamar a imprensa'. Eu pensei: 'Que nada'. No dia seguinte tinha câmeras, jornais etc.". Além de agitar todo mundo que conhecia, Bivar procurou um outro Fábio, este programador do Sesc Pompéia e armou um festival. Mas é claro que vizinhos horrorizados ficaram de tocaia à espera do primeiro pretexto para acabar com a festa. Não foi difícil. À primeira briga na rua, de três punks "indecentes" — como os chamam os decentes —, ligaram para a polícia, que veio imediatamente. Afinal, os punks eram seu prato predileto.


Page 26—New Musica Express 16th February, 1985

NEW SOUND

VARIOUS ARTISTS
World Class Punk, 25 Countries 27 Bands
Roir US import cassette

WHAT IF someone troubled himself to go all round the world collecting punk samples only to find that most of it ended up sounding the same? Who's to blame? I'd say the tunnelvisioned collector for [illegible] his contributions so.

The best musics from round the world comes from those liberated by punk not enslaved by it, though one side – here entitled Fringe – is devoted to such developments, the choices are uniformly dreary. [illegible] of the Core side however is drearily uniform. The South American [illegible] has propagated a *Pixote* hothead punk in Brazil (Ratos De Porao), Columbia (Warriors Of The Last Days) and Mexico [illegible] [illegible]

Destaque para Ratos de Porão, chamados de "um Pixote punk de cabeça quente"

Depois disso Bivar escreveu um dos relatos mais apaixonados do movimento aqui e lá fora — *O que é Punk?* (Ed. Brasiliense). Além disso, ele fazia as vezes de correspondente no fanzine norte-americano *Maximum Rock'n'Roll*, o principal veículo nesta agitada conexão internacional. No mesmo ano o fanzine dá chamada de capa para as quatro páginas de cobertura feitas por Bivar do Festival do Sesc (ver foto acima).

Mas é assim mesmo. Enquanto no Brasil ninguém sabe de nada, lá fora os punks brasileiros vão muito bem, obrigado. Um dos principais semanários londrinos, o *New Musical Express*, de 16/2/85, dá destaque para os Ratos de Porão em sua crítica da coletânea *World Class Punk, 25 Countries, 27 Bands*, selo americano Roir, que disparou nos primeiros lugares da parada independente (ver foto central). O mesmo grupo recebeu o adjetivo "fabulous" na *Maximum Rock'n'Roll* de outubro/novembro deste ano.

Quem está por trás disso tudo é Fábio, que se corresponde com o pessoal desde 79. As encomendas que vêm do exterior deram nisso: Olho Seco presente na coletânea *Welcome to 1984* (MRR). Os Inocentes aparecem noutra chamada *Life is a Joke*, (selo alemão, Weird System). Até a coletânea-manifesto *Grito Suburbano* foi editada pelo selo alemão Vynil Boogie, que também lançou o compacto *Isto é Olho Seco*, do grupo Olho Seco (presente, ainda, nas paradas independentes). O Cólera aparece na coletânea *Beating the Meat* (Xcentric Noise Tapes, Inglaterra). E assim vai.

Por falar em Cólera. Redson embarca com sua banda ano que vem para uma turnê pela europa, coisa "com que o Ultraje só imagina em sonho", emenda Bivar.

Sônia Maia

MÊS QUE VEM A BIZZ TRAZ O FOGO CRUZADO ENTRE PUNKS E PÓS-PUNKS. PRESENTES: JOÃO, RATOS DE PORÃO; REDSON, CÓLERA; CLEMENTE, INOCENTES; FÁBIO, OLHO SECO; MAU, GAROTOS PODRES; TATU, COQUETEL MOLOTOV (RJ); NASI, IRA!; E MIGUEL BARELLA, VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA.

JOHN CAGE

Foto Rui Mendes

John Cage flagrado na Bienal

ATRÁS DO ACASO E DO SILÊNCIO

Ele passou tão festejado pelo Brasil que *José Augusto Lemos* "esqueceu" de entrevistá-lo. Que tal, então, uma apresentação?

Ele desembarcou em São Paulo, convidado da Bienal, como alvo de uma tietagem comparável à que recebem roqueiros platinados e atores de *Dallas*. Ora, ora, até então ele era quase desconhecido na terrinha!

Coisas da mídia: primeiro a figura celebrizada, para depois se pensar na obra. E a idolatria correu solta de tal forma que desisti de disputar uma entrevista para falar justamente da revolução operada por Cage (entre *outros*) na música do século vinte. Do erudito ao pop.

Do erudito ao pop? Sim, até o eventual (atual) estilhaçar dessa fronteira.

Túnel do tempo adentro, até o intervalo entre as duas grandes guerras. A desconstrução da harmonia é finalizada em Viena por Schöenberg e discípulos. Mas, para entender Cage, precisamos olhar para outra pesquisa que corre paralela. A Bauhaus e os futuristas italianos estudam a arte da gravação, enquanto Edgar Varèse sai na frente em busca do *timbre*, não da nota, muito menos do acorde. Toda a atenção voltada para o tratamento de sons naturais e para a percussão.

Enquanto isso, Cage (nascido em 1912) está abandonando a pintura e a poesia pela música. Em 38, introduz o piano preparado: objetos de metal, madeira e borracha são posicionados sobre as cordas para alterar o timbre até o limite do percussivo puro. Em 79, Brian Eno bota um piano preparado com tesouras e parafusos na música "African Night Flight", de Bowie. Um pouco antes, Fred Frith (Henry Cow, Art Bears, Golden Palominos, Massacre) está aplicando o mesmo princípio à sua guitarra.

Túnel do tempo de novo. Silenciada durante a Segunda Guerra, a música volta a voar na década de 50. Nos seminários de Darmstadt (Alemanha), Stockhausen e Boulez dão seqüência às pesquisas com percussão, eletrônica e o acaso. Influência de Cage, que usa o *I Ching* e o silêncio para novas coordenadas. Vem daí a histórica discussão, que começa pela crítica de Boulez: "A música aleatória serve para encobrir deficiências técnicas". Ora, ora, segundo o velho *I Ching*, o acaso é tudo menos aleatório. E Cage produz na década de 50 peças em que o intérprete segue apenas algumas indicações — pauta sim, partitura não. O exato oposto de compositores como Holger Czukay, que usam a eletrônica para dispensar o intérprete. Quem foi à Bienal viu e ouviu.

Este ano, a revista *Musician* levou Cage à casa de Brian Eno para uma entrevista mútua. Descobrem que, além da admiração um pelo outro, nutrem as mesmas paixões macrobiótica, jardinagem e pintura — e uma mesma inspiração inicial, quase punk: "Quando dei com a música e a pintura modernas, pensei logo: 'Eu também posso fazer isso!' " (Cage). "Eu também!" (Eno). Boulez precisava ter lido essa.

O QUE A ANTENA 1 TEM EM COMUM COM AS MAIS FAMOSAS EMISSORAS DO MUNDO?

Lançamentos simultâneos com todas estas emissoras
Produção e mixagens exclusivas. Esquema de comerciais bem colocados e limitados por faixas horárias
Programação musical selecionada com o que há de melhor, lá e aqui
Antena Um - onde o comum é fora do comum

ANTENA 1

SÃO PAULO • RIO • BELO HORIZONTE • CURITIBA • GOIÂNIA • FLORIANÓPOLIS

"NOSSO BARATO É O INDIV

EURYTHMICS

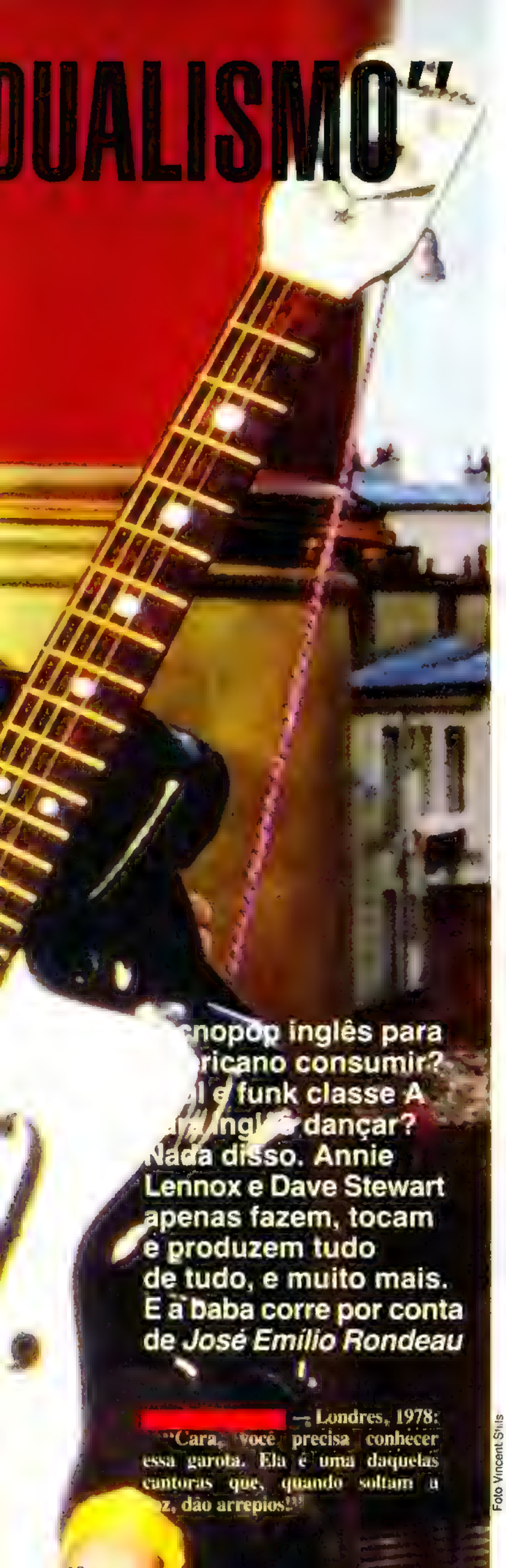


Foto Vincent Shils

O diminuto Dave Stewart — ex-guitarrista de grupos obscuros, como Longdancer e Sadista Sisters — ficou impressionado o suficiente para seguir o conselho e saiu atrás da cantora. Ela era garçonete e Dave e seu amigo tiveram que esperar o fim do expediente para saborear aquela tão alardeada voz. Mais tarde, no apartamento londrino da garota, ela sentou-se diante de um harmônio e começou a tocar. E a cantar.

"Parecia o próprio Fantasma da Ópera", lembra-se Stewart. "O que ela fazia era música clássica. Ela não conhecia coisa alguma sobre grupos pop. A partir daquele momento, ela e eu vivemos e trabalhamos juntos durante quatro anos."

Dave Stewart não vive mais com a cantora — Annie Lennox, alta, musculosa, topete platinado encimando um rosto anguloso cujo ponto alto é a boca mais convidativa do rock desde Carly Simon. Mas há sete anos eles despejam nas rádios, nos palcos e nas paradas o pop mais evoluído dos anos 80. Juntos, seu codinome é Eurythmics.

Para o mundo a dupla se evidenciou em 83, quando a música "Sweet Dreams (Are Made of This)" disputou com "Every Breath You Take" (do Police) e "Wanna Be Starting Something" (de Michael Jackson) o primeiro posto da parada de compactos da revista *Billboard*. E ganhou. Tinham a seu favor a crescente avidez do público norte-americano por artistas ingleses e a influência cada vez maior da MTV sobre o gosto roqueiro. Um grupo altamente visual — Dave, com sua pinta de gnomo punk encharcado de ácido; Annie, andrógina com seu corte "reco" e seus ternos sisudos, tudo complementado por uma maquiagem que mais se parecia com um soco nos dois olhos, e de uma sonoridade inesperada — tecnopop casado a gospel e rhythm and blues —, o Eurythmics foi apelidado "the next big thing" (o próximo estouro) pela ala mais afoita da crítica internacional e ganhou celebridade mundial instantânea.

Em 1985 o Eurythmics não é uma banda, mas uma verdadeira fábrica de idéias. Depois de terem feito trilhas-sonoras (a de *1984*, que acabou não sendo usada no filme mas foi lançada como trilha oficial), Dave e Annie estão diversificando cada vez mais suas áreas de atuação. Ele produziu outros artistas (Ramones e Tom Petty and the Heartbreakers), dirigiu clips (os dois últimos da dupla, "Would I Lie To You" e "There Must Be An Angel", do álbum *Be Yourself Tonight*), enquanto Annie partiu para uma carreira paralela como atriz. Sua estréia ocorrerá ainda este ano no filme *Revolution*, dirigido por Hugh Hudson, que fez *Carruagens de Fogo*. E ela contracenará com pesos-pesados como Al Pacino e Nastassia Kinski. No meio de toda essa atividade, Annie e Dave ainda preparam uma turnê mundial para 1986, baseada no vigoroso *Be Yourself...* — um disco que é a prova definitiva de que o conceito Eurythmics pode comportar uma infinidade de identidades musicais. Se o álbum de estréia do grupo, *In the Garden* — produzido por Conny Plank, veterano de discos do Can e do Kraftwerk —, era um exercício em pop eletrônico, o novo álbum mescla o soul dos anos 60 com o lirismo beatle para extrair um vigor renovado que, mais uma vez, impulsiona o Eurythmics anos-luz à frente da competição. Enquanto o mundo debate a importância do rock "dark", do hip-hop, da new-bossa e do neopsicodelismo, eles misturam tudo isso e mandam adiante uma sonoridade singular, híbrida mas personalíssima. Isso graças à elástica voz de Lennox — um instrumento à vontade em qualquer oitava, sempre vivaz e recheada de inflexões significativas — e aos multitalentos de Stewart — um guitarrista de mão cheia que mistura influências de Byrds e Jimi Hendrix num mesmo acorde, um produtor consumado que maneja o estúdio com a mesma familiaridade com que usa o liquidificador de sua casa (talvez mais, até).

"Nosso barato é o individualismo", disse Stewart recentemente à revista *Record*. "Todos esses sons diferentes que você ouve em nossos discos saem dos subconscientes — o meu e o de Annie —, e o que acontece é que usamos influências diferentes em épocas diversas para cultivar sempre uma nova direção. Não somos aquele tipo de banda que uma pessoa possa curtir como se fosse uma gangue específica. Somos diversos demais e só servimos para pessoas que também procuram o individualismo através de música de boa qualidade."

O ROCK MULTIMÍDIA FRANCÊS

Urban Sax, Kni Crik et le Systeme des Hasards, Bombyx... *Silvano Michelino* flagra os grupos da Paris subterrânea

[illegible] com a roupa repleta de [illegible] com um [illegible] no clímax do show

Verão em Paris. Turistas de todo o mundo por toda parte. O povo beberica nas mesas das calçadas. Na superfície, a cidade é uma festa. As tensões e o stress do cotidiano figuram em outra dimensão. Estão em outras texturas não tão visíveis e no corre-corre do metrô na hora do rush. Estão nas experimentações da vanguarda musical francesa, que utiliza a metalinguagem pisando no perigoso território da busca de limites expressivos e da transmutação de signos.

Uma das saídas desta vanguarda é trabalhar com diversas linguagens ao mesmo tempo, em eventos de multimídia. A divulgação destes eventos não está na grande imprensa. É preciso estar antenado para saber o que vai rolar. No caso da performance no antigo depósito ferroviário do Quai de la Gare, fiquei sabendo no mesmo dia, quase que por acaso. Entre o galpão e a rua, o público aguardava o início da manifestação, num pátio tomado por esculturas fluorescentes e grandes painéis.

Dentro do depósito, estrategicamente postados e espacialmente trajados, os cinqüenta músicos do Urban Sax faziam soar seus saxofones, preenchendo cada metro cúbico de espaço com fragmentos melódicos que se repetiam como ecos abrindo segundas vozes. Minimalista como música, maximalista como performance, esta orquestra maluca criada há dez anos por Gilbert Artman tem feito diversas apresentações pela Europa, sempre em porões sórdidos, arrancando aplausos da crítica.

O arranjo começa a engordar. Os saxofonistas vão se dirigindo aos poucos a um dos palcos montados — o maior deles —, enquanto os cinco câmeras do grupo Baroodeus colhem imagens que vão sendo mixadas e transmitidas em dois grandes telões e em monitores espalhados por todos os cantos. No centro da nave maior, uma espécie de porão coberto por uma grade abriga mais uma parte da banda. Junto com umas coristas, os saxonautas fazem uma estranha dança e me fazem lembrar o futuro trágico de *Blade Runner*. Uma trapezista seminua desmancha penteados e derruba chapéus, fazendo a ponte para o próximo concerto, do *Kni Crik et le Systeme des Hasards*.

Espécies de índios cultuadores do totem Eiffel, enrolados em trapos e com uma formação bizarra — Bezac em voz e sax; Silvain Esquilat na bateria; Fabian Palisse na

bateria e percussão; e Jean-Michel Roux, em voz, percussão e guitarra —, este quarteto esturricou os ouvidos da atenta platéia durante meia hora com seus gritos sobre sujas e insistentes bases rítmicas. Harmonia, nem pensar. Melodia, por conta da imaginação do ouvinte. O nome do concerto nem podia ser outro: *Expedition Punitive N.º 1*. Uma música horrenda e primitiva, autodefinida como "transgressão à moralidade aplicada à sexualidade".

Qualidade veio depois. Num outro canto, flagrada pelas câmeras, começa a fantástica sinfonia julioverniana de instrumentos da orquestra Bombyx, comandada por seu criador, Jackus Remus. Instalado numa passarela suspensa a cinco metros de altura, Remus controlou/tocou seus instrumentos autômatos. Placas de metal e madeira percutidas por baquetas seqüenciadas mecanicamente, carrilhões giratórios e pequenos robôs-sirenes que andavam pelo chão com movimentos desengonçados. A música foi sendo construída aos poucos, com uma tonalidade única do começo ao fim, como eixo para surpresas harmônicas. Ritmo e dinâmicas lembrando o "Bolero" de Ravel, e um fim inesperado: um solo de sax soprano sobre a base montada. Além de tocar sax e controlar seus instrumentos, Remus cortava a golpes de canivete umas cordinhas que prendiam cortinas, transformando a cena. Uma rajada de fogos de artifício ensurdece a todos. Tomba a última cortina e surge um Mini-Fiat 500, que, buzinando, sai em disparada no meio do público, perseguido por Remus.

Foto LFI

Sting e Jennifer Beals em *The Bride — A Noiva de Frankenstein*

Foto Sipa Press

Ringo e John em *Help!*, segundo filme dos Beatles

Foto Columbia Pictures

Foto Câmara Press

Procura-se Susan (Madonna!) Desesperadamente

Foto Orion Pictures

Mick Jagger e Anita Pallemberg, em *Performance*

Foto Abril

Bob Geldof em *The Wall*, com música do Pink Floid

Em *Pat Garret e Billy The Kid* Bob Dylan é um pistoleiro

O Homem que Caiu na Terra. Bowie

Foto Abril

Tommy, a ópera-rock do Who, interpretada por Baltrey

Richard Lester, depois dos Beatles, dirigiu Lennon em *Como Eu Ganhei a Guerra*

Foto Abril

Jagger: papel-título em Ned Kelly

Foto Abril

9 entre 10 estudos do Rock preferem o CINEMA

Na dinastia do Rei Elvis, o carisma e/ou o ego já levaram muitos roqueiros do calibre de Jagger, Bowie e Sting para as telas. Quem traça o roteiro é *Pepe Escobar*

Foto Rudy A. Loura; Produção Rodolfo Tucci

O rock é um habitante de climas e paisagens mentais. Vive jogando com fantasmas e mitos coletivos do fundo da alma humana. No rock vale tudo, como vemos na sua relação erótica com o cinema: desejo de assassinato e selvageria profunda, raiva e violência, loucura maníaca, paranóica ou histérica, perversidade. Mas também doçura extrema, melancolia, amor exacerbado e desejo de viver sem limites.

A cópula cinema/rock já conta com mais de três décadas de tensão entre a placidez e a turbulência. Mas os ícones do rock — e a indústria — demoraram algum tempo para aposentar momentaneamente seus gogós e aparecer na tela representando. Marlon Brando, em *O Selvagem* (53), havia imortalizado um tipo: *o motoqueiro amargurado/solitário lobo da estepe*. James Dean, em *Juventude Transviada* (55), do genial Nicholas Ray, o *garoto problemático como herói existencial*. Mas só depois de Bill Haley aparecer, cantando "Rock Around the Clock" em *Blackboard Jungle (Sementes da Violência,* 55), é que a indústria da música descobriu a América: o rock vendia o cinema, e muito bem.

Fats Domino, Chuck Berry, The Platters e outros negros gatos começaram a aparecer em filmes baratos de sucesso garantido. O melhor desta primeira safra é *The Girl Can't Help It* (56), do mestre da comédia Frank Tashlin, em que a indústria da música é apresentada como um bordel de gangsters em guerra permanente. Little Richard canta a música-título e dá o maior show, ao lado de Gene Vincent e do endiabrado Eddie Cochrane.

Elvis no cinema é um caso à parte. Fez nada menos do que 33 filmes. O melhor é o terceiro, *Jailhouse Rock* (57), em que é um esquentadíssimo cantor de rockabilly. A trilha sonora, do balaco, é da antológica dupla pop Leiber/Stoller.

Diretores como Kenneth Anger, no início dos anos 60, começaram a usar o rock não mais como decoração, no cinema, mas como essência da trama (anos depois, Martin Scorcese e George Lucas reaproveitaram essas lições com sabedoria). E aí apareceram *Fab Four*, os quatro de Liverpool. *Os Reis do Iê-Iê-Iê* (64), de Richard Lester, era um filme sobre a inocência: a dos Beatles e a de seu público. Uma estrutura popíssima, com o ritmo de Godard em *Acossado* — verdadeira revolução cinematográfica no final dos anos 50 —, técnicas de comerciais de TV e o carisma pessoal dos Beatles. *Help!* e outras imitações posteriores não conseguiram igualar seu bom humor. Só em 68, no auge da psicodelia, surgiu algo tão divertido: *Head*, de Bob Rafelson, um carnaval de imagens que parodiava toda a época, a começar pelos protagonistas principais, os membros do antológico blefe The Monkees. Jack Nicholson não é nada estranho nesse ninho de doidos e, no começo de sua carreira, faz uma série de intervenções alucinadas e ajuda a construir o roteiro do filme — em que Frank Zappa, com sua ironia de partir garrafas, faz uma ponta hilariante. Zappa depois seria o diretor do transdemencial *200 Motels*, uma fantasia orgiástico-musical na qual ele, Zappa, não é ele, mas o insípido Ringo Starr. O filme não chegou ao Brasil até hoje.

Volúpia e vício

Magical Mystery Tour, dos Beatles, foi um fracasso tedioso, assim como, anos depois, o musical de 78 baseado em *Sargeant Pepper's*, com o ex-*hard rock* Peter Frampton e os melômanos Bee Gees. Na época, estouravam os documentários de shows. Os Stones tiveram a sorte de cair na mão de Godard, louquinho em seu período pré-maoísta. Rodaram *One Plus One* (69), ou o processo de gestação de *Sympathy for the Devil* em estúdio, mesclado com a política pop do diretor subvertendo as ruas de Londres com treloucadas sessentoitices.

Da relação rock/drogas/cinema surgiu no começo dos anos 70 uma obra-prima: *Performance*, de Nicholas Roeg, que até hoje só passou em São Paulo em vídeo, no Carbono 14. Mick Jagger personifica Turner, um ídolo de rock a caminho da deterioração, recluso em lento bacanal na sua mansão decadente até a chegada de um gangster perseguido pela própria gang. Turner está tentando evocar o espírito de um defunto cantor de blues, mas aí prefere invadir o invasor com suas ficções. E Mick Jagger/Turner — o homem que não tem nenhum rosto e ao mesmo tempo tem todos — adiciona mais uma máscara à sua coleção de personalidades. O momento antológico do filme é Jagger vestido de gangster cantando "Memo from Turner". Explodem na tela, satanicamente, todos os temas inerentes à cultura pop: suicídio, assassinato, sadomasoquismo, homossexualismo, loucura, a complexa gama da volúpia e do vício.

Na década de 70, as estrelas invadiram a tela como os *body snatchers (Invasores de Corpos)* do antológico filme de Don Siegel. Em 73, *The Harder They Come* chegava onde nenhum filme tinha chegado: a Jamaica. Trata-se da odisséia crua e eletrizante de um ingênuo (Jimmy Cliff, excelente). Ele chega a Kingston e termina entrando na lista dos mais vendidos (em disco) e mais procurados (pelas gangs).

Bob Dylan aparece como um andarilho gaitista em *Pat Garret e Billy the Kid*, do já extinto chacal furioso Sam Peckimpah. Kris Kristofferson é o Kid, e deu-se tão bem

Ilustração L. Baro

que praticamente trocou o violão pela câmera, aparecendo em uma série de produções médias de fácil consumo, como *Comboio* e o recente *Flashpoint*.

Em um dos picos de popularidade do Who, o diretor Ken Russell aproveitou um descuido geral e perpetrou o épico operático kitsch *Tommy*, com Roger Daltrey adorando o papel-título e Keith Moon e Tina Turner muito à vontade em suas aparições subterrâneas. Daltrey voltou no não menos escandaloso *Lisztomania*, que passou absolutamente despercebido. Em termos de The Who no cinema, o clássico dos clássicos é mesmo *Quadrophenia*, um apaixonado e dilacerante retrato em branco e preto da anfetamínica cultura *mod*, onde Sting brilha como o *supercool* "Ace" — especialmente na cena em que dança "Louie Louie" com seu terninho de mohair.

Bowie e Bauhaus

David Bowie — eterno campeão de estilo — entrou no cinema à sua medida, ou seja, do além: em *O Homem que Caiu na Terra* (76), do supertalentoso Roeg. Antes, Bowie já havia feito uma ponta em *Virgin Soldiers* (68). No filme de Roeg, ele se corrói lentamente por não conseguir voltar a seu planeta. Uma performance comovente. Em *Just a Gigolo, (Apenas um Gigolô)*, o roteiro idiótico não o ajuda. Já em *The Hunger (Fome de Viver)* — épico da estética gótico-vampiresca —, envelhece algumas décadas em alguns fotogramas. Peter Murphy, Vampiro com PhD, e seu grupo Bauhaus aparecem na abertura e praticamente roubam o filme. Bowie também está no supermusical *Absolute Beginners*, de Julien Temple, com estréia prevista para este final de ano em Londres. Trata-se de uma adaptação do livro homônimo de Colin MacInnes, um estudo em profundidade dos anos 50 ingleses, quando surgia uma nova geração radical em música, moral e moda.

Bob Geldof, pouco depois de um relativo sucesso com os Boomtown Rats e antes de virar a Madre Teresa da música pop, teve muita sorte. Foi escalado por Alan Parker para um papel que outras estrelas dariam o próprio estrelato para conseguir. Em *The Wall*, baseado no álbum do Pink Floyd, o espetáculo é total, de *sound and vision*, como profetizava Bowie já no meio da década de 70. Parker arrasa em seu neo-expressionismo de fim de século, utilizando habilmente o laser, o "transformismo" permanente das imagens e uma trilha sonora diabólica para subjugar a platéia em plena hipnose. Geldof é praticamente autista — estado de quase todo *rock star* em suas fases terminais. Fantasmas passeiam na tela: paranóia aguda, obsessão de violência e totalitarismo, sentimento tenaz de futilidade da vida. Uma visão boschiana capaz de fuzilar qualquer displicência.

Depois disso, pouca transgressão veio à luz. Sting fez papel de Sting em *Duna:* um vilão seco, egocêntrico e mordaz. Em *Brimstone and Treacle*, a melhor seqüência é quando estupra uma menina problemática. Ele adorou cinema — veículo perfeito para seu ego descomunal — e já retorna em *The Bride (A Noiva de Frankenstein)*. Deveria fazer um filme com Roger Corman, o mestre absoluto dos filmes de horror classe B.

Foto Warner Bro

Tina Turner, de rainha má em Mad Max 3

Cabeças e cabecinhas

Tina Turner, em novo auge de carreira como uma Superpantera Negra, é uma Rainha do Mal em *Mad Max 3*, com um look *heavy metal* (sem soltar o gogó) e um corpão saudabilíssimo. Já Madonna — louvado seja o Espírito Santo — também não canta em *Desperately Seeking Susan (Procura-se Susan Desesperadamente)*, o que contribui para o sucesso desta deliciosa comédia, em que o verdadeiro *hit* é a gatinha Rosanna Arquette. Debbie Harry, a biodança Blondie, foi destruída pela Hollywood musical: virou drogada irreparável, em processo depressivo de autodestruição, mas antes rodou *Union City*, em que, de cabelo tingido de vermelho, é uma impessoal dona-de-casa nos anos 50 americanos. Debbie também faz uma aparição estonteante em *Videodrome* (83), de David Cronenberg.

David Byrne, o Talking Head, é tarado por cinema e vídeo, mas ainda não apareceu como ator, só atuando com as outras cabeças no excepcional *Stop Making Sense*, de Jonathan Demme. Richard Hell, notório ícone dos botecos nova-iorquinos, aparece como um rock star em *Smithereens*, de Susan Seidelman, a mesma diretora do *Susan* de Madonna. Cada vez mais, as estrelas vão continuar se mudando para a tela. A maior parte, por uma questão de compromisso industrial. Outras, por marketing, como Prince, que fez um filmeco à la videoclip para promover a mitologia em torno de *Purple Rain*. Algumas, por ego. E pouquíssimas, para destruir mesmo. Qual foi a maior performance de uma estrela de rock no cinema? Provavelmente a de Sid Vicious em *The Great Rock'n 'Roll Swindle*, de Julien Temple. Ele bota seu smoking, canta aquela versão coquetel-molotov de "My Way" e termina fuzilando a platéia. Depois disso, só virando herói póstumo. O melhor rock no cinema é isso: uma bomba de efeito imediato. E retardado.

Foto Fox

Ao longo de suas cinco aparições no cinema, Sting foi enfrentando papéis mais difíceis

Sting, roqueiro nos palcos e estúdios, galã eclético nas telas

Mesmo antes de o grupo The Police virar um estrondoso sucesso, Sting já tinha participado de dois filmes, *Quadrophenia* e *Radio On* (este não exibido aqui). Depois desses dois filmes e de figurar em alguns comerciais de TV, acabou nas mãos de David Lynch (diretor de *O Homem Elefante)* para fazer um papel em *Duna*, que considera hoje uma coisa "de narrativa confusa". Crescendo musicalmente com seu trabalho solo, *The Dream of the Blue Turtles*, Sting marca presença cada vez maior como ator, em filmes nos quais não faz papel de roqueiro. Lá no primeiro mundo já estão nas telas *The Bride (A Prometida)*, no qual contracena com a quentíssima Jennifer Beals, aquela gata de *Flashdance*, e *Plenty*, no qual peita um desafio maior — trabalhar ao lado da competentíssima Meryl Streep. Aqui, ele fala da relação pop star/ator ao jornalista francês Michèle Halberstadt.

BIZZ — Você resolveu se tornar ator porque isso poderia te servir de inspiração para novas canções?
Sting — *De certa forma, uma vez que toda experiência nova é uma fonte de inspiração. Eu não gostaria de me fechar numa torre de marfim e não poder mais sair de lá. Mesmo porque eu não teria mais sobre o que escrever! Minhas melhores músicas foram feitas quando eu dava aulas ou quando eu trabalhava na fábrica. Se você se contenta em ser um rock star, seus únicos assuntos numa conversa são o dinheiro e a droga e você só terá dois amigos: seu advogado e seu fornecedor.*
BIZZ — Enquanto músico, você tem controle sobre tudo o que faz. Mas como ator, você é só mais um personagem, tendo que se submeter a esperas entre as tomadas...
Sting — *É um estado de espírito e eu estou sempre fazendo alguma coisa, compondo, tocando guitarra... Só escolho papéis próximos a mim, nos quais eu possa entrar e sair com facilidade. Escolho papéis que correspondam a uma parte do que eu sou. Eu não sou um verdadeiro ator. Quando atuo, tento tirar de mim o elemento da minha personalidade de que o papel precisa — e o amplio. Meus personagens são sempre pedaços de mim mesmo. Evito os papéis que não tenham nada a ver comigo, aqueles que eu chamo de "papéis estranhos".*
BIZZ — Como é um papel estranho a você?
Sting — *Os papéis que não me dizem respeito. Atuar não é para mim a oportunidade de aperfeiçoar uma técnica. Eu simplesmente tento alargar meu campo de expressão. Se filosoficamente eu não estou de acordo com o que diz um script, mesmo o papel sendo sublime, não faço o filme.*
BIZZ — Você ia rodar *Subway*, em que faria o papel que por fim coube ao Christophe Lambert...
Sting — *Sim, e espero ainda fazer um filme com Besson, pois ele é muito especial. Eu adorei* Le Dernier Combat, *mas o problema que houve com* Subway *é que tudo no filme era francês, exceto eu! Quando eu já souber falar bem francês, espero que Besson ainda queira trabalhar comigo...*
BIZZ — Representar é um trabalho tão solitário quanto cantar?
Sting — *Não, cada filme é uma ocasião de encontrar um novo grupo de pessoas, pois com o Police eu vejo as mesmas pessoas o tempo todo. Já quando filmo, tenho a impressão de levar uma vida normal.*
BIZZ — O que te motivou a trabalhar em *Duna?*
Sting — *Eu tive vontade de ver o que é o cinema na sua escala máxima! E também vontade de trabalhar com David Lynch, mas meu papel é minúsculo, apesar de toda publicidade que foi feita em torno da minha participação. Gosto de interpretar tipos malvados. É uma boa terapia.*
BIZZ — Você pode me explicar a diferença entre um "papel estranho" e um papel terapêutico?
Sting — *Bem, como ser humano, existem duas partes em mim. De um lado eu sou doce, gentil, humilde, generoso... e de outro, sou egoísta, arrogante, agressivo, cruel. É importante admitir que somos assim. Anjo e diabo ao mesmo tempo. Se você não admitir isso, torna-se louco. As pessoas perigosas são aquelas que acreditam ser completamente boas. São essas que acabam enviando mísseis, exterminando judeus, matando crianças etc... Já um ator que pode desempenhar papéis de homens maus exprime nisso coisas ocultas, ele as exterioriza e assim as controla. Se você guardar isso tudo em você, no dia em que sair, explode! Por isso acho necessário admitir, conhecer e controlar nossas zonas escuras. Nesse sentido representar é para mim uma terapia.*
BIZZ — Entre o cinema e a música, qual é, segundo você, a forma de expressão mais completa? Qual toca mais as pessoas?
Sting — *A música é mais abstrata, portanto mais eficaz sobre os que a escutam. É a arte da sombra, enquanto o cinema é a arte da luz, mais clara, provocando portanto menos coisas sobre seu espírito do que uma música. O grande sonho seria fazer um filme que mexesse com símbolos, que se aproximasse dos efeitos da música. Acredito que se pode dizer mais verdades através de símbolos e de mitos do que através de fatos.*
BIZZ — É o caso de *A Prometida?*
Sting — *Sim, na superfície é divertido, mas de fato ele trata de um verdadeiro dilema, que é o do criador. Esse filme diz que se pode criar a vida. Na época era ficção científica. Hoje, é uma realidade! Seja o sábio controlando sua criatura, e nisso destrói a si mesmo, seja ele sobrevivendo, mas sua criatura é livre. Essa é a escolha que a ciência deve fazer. O livro que conta a lenda de Frankenstein é uma bela página da literatura e eu conheço bem o diretor, Frank Roddam, pois já fizemos* Quadrophenia *juntos.*
BIZZ — Nesse tempo você ainda aceitava representar o papel de músico...
Sting — (Risos) *Sim, era o preço da minha crença na indústria do cinema. Mas isso já terminou, eu separei os dois — ator e cantor — e os faço alternadamente. Isso me enriquece enormemente.*
BIZZ — Você pensa em se tornar diretor?
Sting — *Eu ainda tenho muito que aprender, mas penso nisso, assim como pretendo fazer teatro, tenho muita vontade de representar* Hamlet...
BIZZ — Entre a loucura que cerca seus concertos e o ambiente fabricado de uma filmagem, você não teve problemas de adaptação?
Sting — *Sim e muitos. Quando o diretor grita "ação!", eu represento. Mas quando ele diz "corta!" eu tento ver onde estão os oitocentos mil fãs e os aplausos* (risos)!

Foto Columbia

Em Bride, *como Barão Frankenstein*

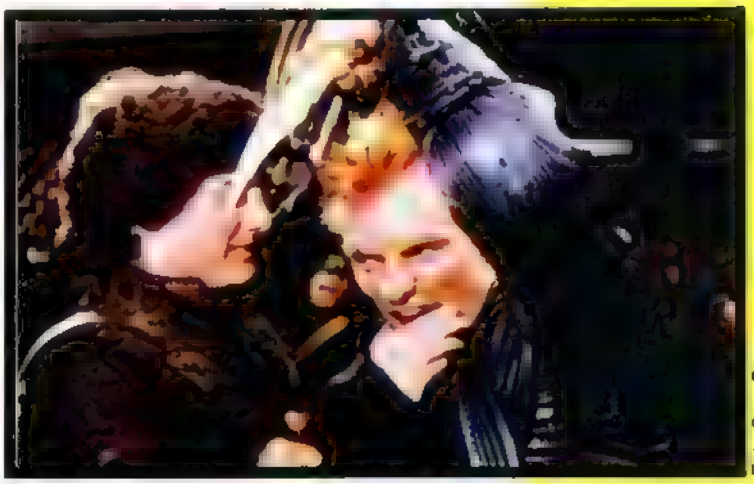


Foto Sipa-Press

Duna, *muita publicidade para uma mera ponta*

EM CARTAZ

A PROMETIDA

Fazem-se muitas coisas para matar o tempo — jogos de cartas, brincadeiras de adivinhação. Mas aquele grupo de escritores achou uma saída especial para contra-atacar a modorrenta e chuvosa noite de 1818 na qual se reuniam, em pleno interior inglês: cada um precisava inventar uma história fantástica, capaz de impressionar até mesmo o mais cínico dos críticos. A história vencedora da noite seria saudada com uma rodada de vinho. E todos poderiam dormir menos entediados. Foi assim, então, que Mary Shelley (mulher do celebérrimo poeta inglês Percy Shelley) inventou a história de um barão cientista que criava seres humanos a partir dos restos de outros. A ele Mary deu o nome de Barão Charles Frankenstein.

De lá para cá esta saga tornou-se um dos temas favoritos do cinema, ainda que levemente adulterada (hoje dá-se o nome Frankenstein à criatura e não a seu criador). A mais recente recriação do clássico de Mary Shelley é *A Prometida*, e, desta vez, trata-se menos de um filme de horror do que de uma fábula sobre o amor e a criação. Aqui, o cientista (vivido por Sting) cria a contrapartida feminina para seu "rebento" inicial. Só que, ao invés do feioso e meio abobalhado gigantão que criara inicialmente, Frankenstein "constrói" desta vez uma mulher inteligente, bonita; nas palavras dele, "perfeita".

Frankenstein pretende fazer dela "a mulher do futuro, livre, igual a nós, homens", ensinando-lhe tudo sobre a vida como a uma criação especialmente genial. Mas a mulher — representada pela mesma Jennifer Beals de *Flashdance* — sai melhor que a encomenda e luta para se libertar de seu criador. Seu único aliado é o desajeitado Viktor (a quem ela fora prometida por Frankenstein como noiva), o primeiro ser "fabricado" pelo cientista.

O diretor Franc Roddam — que estreara em *Quadrophenia*, em 1979, dirigindo Sting — construiu em *A Prometida* uma história tão contemporânea quanto possível: o cientista pode ter dado à sua criatura a própria vida. Mas existe uma única coisa que ele não consegue possuir — a alma dela e, conseqüentemente, seu amor. E, por isso, Frankenstein acaba enlouquecendo.

José Emilio Rondeau

A morena Jennifer Beals, um Frankenstein feminino, e Sting, seu gato criador

SILVERADO

Fotos Columbia Pictures

Quem são os bons e os maus neste bangue-bangue que mostra que o gênero ainda não está morto?

Quem disse que os bangue-bangues morreram? Este filme está aí para provar que o gênero ''bandido-e-mocinho-duelando-ao-pôr-do-sol'' ainda tem muita vida pela frente. Estrelado por Kevin Kline e Rosanna Arquette (a atriz de *Procura-se Susan, Desesperadamente)*, ele muda um pouco a fórmula clássica. Agora, são fazendeiros contra ''cavalheiros'' — quem serão os maus? A direção é de Lawrence Kasdan *(Corpos Ardentes)*. *J.E.R.*

PERFEIÇÃO

O repórter Travolta em mais uma entrevista

O repórter Aaron Latham escreveu uma matéria para a *Rolling Stone* sobre as academias de ginástica como *point* predileto dos paqueradores. A Columbia Pictures se interessou e pediu a ele um script baseado na matéria. Assim nasceu *Perfeição*, com John Travolta no papel do repórter e Jamie Lee Curtis vivendo uma professora de dança. A matéria já era ruim, e o filme não foi muito além. Mas vale alguns castelinhos: não é todo dia que se vê Carly Simon despejar um prato de sopa em John Travolta. J.E.R.

AMORES ELETRÔNICOS

Este filme do diretor Steve Barron prova que a inventividade pode superar as limitações de orçamento. Além do mais, é uma contrafação de todos os filmes que prevê em dias tenebrosos quando os computadores se rebelarem (tipo *2001)* ou provocarem o conflito nuclear *(Jogos de Guerra)*. Não que o micro pessoal de Miles (Lenny von Dohlen) não crie problemas e tente até roubar sua namorada (Madeline). Mas, no fundo, o ''fantasma na máquina'' é um bom caráter, só que ciumento como uma criança. O ritmo é de videoclip (veja um clip do diretor, na pág. 70), com colagens de comerciais de TV, velhos filmes, efeitos de videogame. A música é o fio condutor, desde Tchaikowsky, Rossini e Bach (que a violoncelista Madeline executa) — e com os quais o computador vai ''estudando'' composição até a sua carreira-solo. Quem na verdade assina as músicas do artista eletrônico é o homem-máquina Giorgio Moroder, mais as participações de Culture Club e Heaven 17. Cinema ligeiro da idade informática, mas muito saboroso. Outro filme a rimar *computador* com *amor* é *Weird Science*, de John Hughes (aqui chegará como *Mulher Nota Mil)*. Dois garotões reúnem o maior número possível de posters da *Playboy* e mandam a ''informação'' para uma memória digital. O Frankenstein feminino resultante é a mesma Kelly Le Brock que alucinou Gene Kelly em *A Dama de Vermelho*. *A.A.*

DIRE STRAITS: UM CLIP SOBRE A MTV

Esse é o boneco que o carregador inspirou...

...dando a Knopfler a idéia: gravar os clips da MTV...

...em uma música — e em um clip para a própria MTV!

O carregador e o colega, um clipmaníaco de cabeça feita

Foto: Angelo Pastorello

Tudo começou quando Mark Knopfler entrou numa loja de eletrodomésticos em Nova York e deu de cara com um paredão de televisores, todos sintonizando a MTV. Distraidamente, ficou assistindo aos clips. Até que uma voz masculina quebrou sua concentração. Era um carregador da loja que estava sacaneando os artistas da MTV entre uma e outra baforada de charuto. "Olha só esse babaca! Olha lá a bichinha de brinco! É assim que se faz, pessoal. Trabalhar assim, até eu. E ainda rende uma nota preta."

Mark não pensou duas vezes. Ali mesmo sacou da pena e começou a escrever uma letra baseada nas gozações do carregador. Até o título da letra ele tomou emprestado das palavras do carregador — "Money for Nothing" (traduzido livremente, significa "Dinheiro Fácil").

Se o carregador tivesse percebido as escrevinhações de Knopfler e pedido co-autoria, seria hoje como uma daquelas "bichinhas" da MTV — um milionário. Afinal, por várias semanas o compacto com "Money for Nothing" liderou a parada de discos mais vendidos nos Estados Unidos. E o clip de "Money for Nothing" gira em torno das ações de dois carregadores de uma loja de eletrodomésticos etc...

Dirigido pelo mesmo Steve Barron que fez "Billie Jean", de Michael Jackson (que, em termos de linguagem e estilo, dá de 10 a zero em "Thriller"), o clip de "Money for Nothing" é o melhor casamento rock/tecnologia de vídeo desde "You Might Think", do Cars.

Barron misturou duas coisas: filme e animação por computador (computer graphics). Primeiro, gravou um concerto do Dire Straits. Depois, processou essas imagens. Ou seja, "desenhou" por cima de cada fotograma (quadros da película. 24 deles correspondem a um segundo) o efeito especial desejado. Dessa forma, Mark Knopfler aparece com mãos fluorescentes, boca distorcida e guitarra "radioativa". Pronta essa primeira parte, Barron encomendou um desenho animado com imagens totalmente criadas e executadas por computador (como ocorrera antes nos longas-metragens *Tron* e *O Último Guerreiro das Estrelas*, cujas cenas de batalhas futurísticas jamais passaram pelas mãos de um desenhista, mas pela memória de um computador gráfico).

Com tudo isso pronto, Barron transferiu todas as imagens para videotape e editou o material com um computador Mirage.

O VISUAL PREMIADO DA CHARLEX

Ou como dois cabeludos visionários viraram milionários

Dois cabeludos visionários e idealistas atravessam os anos 60 como podem — biscates em bancos, zilhões de grupelhos de rock — e chegam à década de 80 bem-sucedidos e — TARÁ! — cheios de grana. Parece um verbete de enciclopédia tentando explicar à Eternidade o significado da palavra *yuppie*. Na verdade, é a história da produtora de vídeo americana Charlex.

Não conhece? Claro que conhece! Lembra aquele clip do The Cars em que o cantor Ric Ocasek fica atormentando um determinado brotinho e se transformando em várias coisas — de batom a mosquito, de King Kong a ser espacial? Pois é. Foi feito pela Charlex. O currículo desta produtora nova-iorquina também inclui dois trabalhos de longa duração — *Hearbeat City*, uma compilação de clips do The Cars, e *9012 Live*, concerto do Yes —, mais uma infinidade de comerciais e aberturas de programas que têm rendido 10 milhões de dólares anuais e uma sucessão de prêmios, entre eles o de Clip do Ano, oferecido em 1981 pela MTV ao clip de "You Might Think", aquele do mosquitinho.

Charlie Levi e Alex Weil iniciaram seu negócio fazendo *animatics* para agências publicitárias — basicamente desenhos animados rudimentares, que dão uma idéia aproximada de como ficará um comercial depois de pronto.

Em 1979, uma agência entregou à dupla a conta do jornal *The National Enquirer*, um tablóide sensacionalista de circulação nacional e péssima fama. Foi uma relação paradisíaca, que harmonizava as alucinações visuais da Charlex com o despudor do *Enquirer*. Logo a Charlex estava recebendo trabalho da rede ABC — logomarcas e chamadas —, até que os Cars apareceram com a proposta de "You Might Think". O resto, como se diz, é História. *J.E.R.*

Foto Angelo Pastorello

Ocasek vira mosquito para conquistar o broto

O ROLO COMPRESSOR DA BB VÍDEO

Uma produtora independente de clips abre espaço na TV

Foto Cláudia Dantas

Billy Bond pondera as possibilidades do plug

Ele não se importa em apelar para o grotesco, usando seus 120 quilos para fazer vinhetas fellinianas em um dos 48 programas mensais que mantém na TV Record-Rio. Giuliano Canterini, 40 anos, abriu caminho como um rolo compressor, montando em dois anos uma promissora produtora independente no Rio, a BB Vídeo, que leva a marca de seu nome de guerra: Billy Bond. Os programas, os oito videoclips que produz todo mês e uma política ladina de associar-se a todo mundo que não está na Globo impulsionam este ex-cantor do Joelho de Porco, uma das primeiras bandas brasileiras com sabor punk, onde ele cantou cinco anos.

A melhor tacada ele conseguiu associando-se a Renato Aragão, da Globo, nos etúdios da Barra, conseguindo finalmente um pouso para sua empresa, que viveu itinerante a maior parte do tempo — e, até hoje, o interior do caminhão de externas ainda é o cenário do seu programa em duas edições diárias mais um especial de sábado.

Por isso, os dois anos foram comemorados com dois dias de shows (31/8—1/9), reunindo 42 bandas. O acontecimento só não foi perfeito por causa da chuva. Ele se esqueceu de mandar o jabá pra São Pedro, como admitia ironicamente. Foi uma celebração de vitória da empresa dele e do rock brasileiro, e o aniversário foi novamente lembrado 28 dias depois dos concertos, com um especial de seis horas de duração varando a madrugada, até o sol nascer. Fechou assim o ciclo dos dois espetáculos, que foram chamados de "Até o Sol se Pôr". Agora é aprontar mais e mais com projetos de um programa novo na Record e muitos planos a definir. O rolo compressor está em marcha. *Jamari França*

PHILIPS

a sua marca PHILIPS

FlashSound

A INTELIGÊNCIA A SERVIÇO DA EMOÇÃO.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Os inventores do Compact Disc apresentam um show de sensibilidade e tecnologia: Flashsound.

Sistema Integrado AH 936 Philips. É o único com ISS, Inteligent Source Selector, que elimina o botão seletor de funções. Você vai direto ao ponto: basta tocar no botão de sintonia do rádio, acionar a tecla "Play" do Tape-Deck ou mover o braço do toca-discos que o Flashsound entra automaticamente em ação. A inteligência não pára por aí. Um simples toque no sensor "OFF" é tudo que você precisa para desligar. O Tape-Deck do Flashsound não limita sua inspiração. Ele aceita fitas de metal, cromo ou ferro. O desempenho do amplificador é um espetáculo: tem 76 watts de potência PMPO e o apurado filtro Hiss Cut que elimina chiados e ruídos de todas as fontes de programa. O toca-discos embutido dá ao Flashsound um design compacto e apaixonante. Suas caixas AH 432 são do tipo Bass Reflex, com fidelidade total nos graves e agudos. Flashsound Philips. Um show de sensibilidade e desempenho para uma emoção inesquecível.

Som Philips. A emoção da música ao vivo.

JAMES

Manchester dá à luz mais uma banda genial. Dá para crer? *José Augusto Lemos* diz 'dá, dá, dá'

Desde o furacão punk, uma cinzenta cidade do norte da Inglaterra não pára de fornecer ao mundo os melhores antídotos às modas multicoloridas semanalmente expelidas por Londres.

Os Buzzcocks, o Fall, os grupos da Factory — Joy Division, New Order, A Certain Ratio, Durutti Column — e agora os Smiths.

Só uma correção, que Smiths não dá porão.

A última coqueluche inglesa gerada em Manchester é a banda chamada James e se reuniu justamente na mesma época da formação de Morrissey e cia. No final de 83, lançaram — pela Factory mesmo — o compacto *Jimone* (quer dizer Jim 1). Só que aí entraram em longa hibernação, em parte pela hepatite que atacou o cantor e letrista Tim Booth, em parte por estratégia própria.

O renascimento viria no primeiro semestre deste ano, com mais um compacto — *James II*, do qual a música "Hymn for a Village" saltou direto para as paradas e bocas independentes da ilha de Elizabeth II. Abrindo os shows dos Smiths, tocaram pelos quatro cantos da Grã-Bretanha.

Leitores interessados devem encomendar o compactão de doze polegadas, *Village Fire*, que reúne as obras completas dos James — as cinco canções que compõem seus dois primeiros lançamentos. *Só* vale a pena, mesmo com o crime das importadoras brasileiras — que cobram pelos compactos de doze o mesmo que um LP.

O som em si é inclassificável, em que pesem as nítidas heranças de Joy Division e dos próprios Smiths. De uma música para outra pulam da bateria eletrônica para o mais delicado violão (Larry Gott, um nome para guardar). Impossível prever a próxima aventura.

Fotos Estudio Abril

Capa de Village Fire, a coleção completa do James

"HÜSKER DÜ"

Os arrasa-quarteirões do novo rock americano, vistos por *J.E.Rondeau*

Se fizessem um concurso para eleger a banda de rock mais feia do mundo o Hüsker Dü ganharia disparado. Nascido em St. Paul, Minnesotta, em 1978, o Dü é formado pelos banhudos e mal-encarados Grant Hart (bateria), Bob Mould (guitarras e vocais) e Gary Norton (baixo), nenhum deles um modelo de beleza, pelos padrões da MTV. Tampouco a música do grupo tem a ver com o pop "bom-moço" que faz seu lar nas FMs — ao contrário, é uma cacofonia de *feedbacks*, rugidos e rufadas que se embolam numa maçaroca aural tão potente que talvez seja capaz de implodir um prédio.

A banda se formou quando Mould — músico e compositor desde os nove anos — passou em frente a uma loja de discos e foi "atacado" pelo som de discos punk que o alto-falante da loja cuspia na rua. Entrou na loja, conheceu o balconista — Grant Hart, em pessoa — e, com Norton e Hart, trancou-se num porão para um "ensaio" composto exclusivamente de *covers* dos Ramones. Uma semana mais tarde o Hüsker Dü fazia seu primeiro show. "Se os Ramones podiam tocar", explica Mold, "então nós também podíamos."

Não só a música do HD se inspirou no aluvião punk, mas também seu *modus operandi:* o trio formou seu próprio selo — Reflex, cujo catálogo já inclui 13 lançamentos, de grupos como Final Conflict e Rifle Sport, além dos discos do Dü.

A discografia do HD é farta e mês passado foi engordada pelo novo álbum da banda, *Flip Your Wig*. Mas o clássico do HD é mesmo o duplo *Zen Arcade*, gravado e mixado durante uma única maratona de 85 horas de estúdio. "É um cruzamento entre *Jesus Cristo Superstar*, *A Noviça Rebelde* e *Evita*", assegura o guitarrista Mould.

MUZAK

Não quer dizer o que você pensa. *Sônia Maia* explica

Fotos Rui Mendes

O Muzak: Nivaldo, Victor e Osmar, da esquerda para a direita

Você já deve ter ouvido seu rock preferido transformado num meloso arranjo orquestral. Pois bem. A idéia original foi da empresa Muzak Incorporated, que fez fortuna infestando salas de espera e alto-falantes públicos com este tipo de fórmula.

Existe um trio de rapazes que resolveu chamar-se Muzak. No dialeto musical o termo significa, ainda, deturpação da música. Como assim? "O lixo americano que reinava nas FMs quando começamos, há um ano e meio", explica o vocalista, baixista, letrista, artista plástico e, acredite se quiser, laboratorista farmacêutico Osmar Buono, um dos componentes do trio.

Das primeiras composições, permeadas de uma natureza pesada e tribal — tão provocativa quanto o nome Muzak — o grupo passou a dar mais importância a temas líricos, românticos. "Percebemos uma preocupação maior com o exotismo, o lado literário da vida. É o que se respira hoje", acrescenta Osmar. Apesar da maioria das letras serem dele, todos do grupo discutem os arranjos. E o resultado é uma espantosa eficiência.

Victor, o baterista, já é velho na guerra — tocou no Ira!, Gang 90, Força Aérea, além de bailinhos e festas de carnaval. Ao esquentar os pulsos para couros e pratos, não esquece as preciosas contribuições do jazz-rock e da marcação *soul*. Osmar, no baixo, contra-ataca os ritmos de Victor. E Nivaldo, o guitarrista, alinhava tudo para atingir direto o meio-centro do ouvinte.

Pulando de palco em palco desde 84, o trio saltou, em setembro deste ano, para duas gravações relâmpago. Primeiro, numa coletânea do selo independente Baratos Afins. "Muzak merecia um LP só deles", comentou Luiz Calanca, proprietário do selo.

Nem precisou espalhar a notícia. Quando Jorge Davidson, da EMI-Odeon, ouviu Muzak, não pensou duas vezes. Em três semanas colocou-os no estúdio.

Jayr e Volpato, com Ricardo e Thomas atrás

FELLINI

Uma nova banda diz adeus. A si mesma e ao velho rock'n'roll. Luzes, ação!

Não é a toa que batizaram o primeiro LP de *O Adeus do Fellini*. Seja pelo nome — que necessariamente remete ao cineasta —, ou pelas mudanças de estilo já durante a gravação, o fato é que este quarteto não fixa estacas.

O nome talvez mude para Funziona Senza Vapore (funciona sem vapor). Da tradicional formação — baixo, guitarra, bateria e vocal — substituíram bumbos e tom-tons por um computador rítmico, mais violão de seis a doze cordas e sintetizador. "Enchi de tocar bateria", desabafa Ricardo, que prefere desenvolver suas idéias musicais a perder tempo aprimorando suas habilidades nas baquetas. E aí está a força motora do grupo, que já passou por quatro metamorfoses musicais desde sua formação há um ano e meio.

Segundo Volpato (vocal e letras), esse espírito nasceu quando ele e Ricardo saíram de uma internação de dois meses num hospital psiquiátrico com a idéia de montar uma banda. Brincadeira ou verdade, Volpato ainda confessa: "Minha fixação era o Thomas", baixista.

Parece que o reconhecimento não se restringe ao vocalista. Em 83, Thomas e Jayr (guitarra) tocavam no Os Internacionalistas, banda composta pelos "embriões da nova safra paulista", nas palavras da crítica da época. Um dos filhos é o Smack, onde Thomas toca bateria.

Quando ele foi convidado para integrar o *Fellini*, queria fazer qualquer coisa, menos rock. Por isso, hoje eles preferem dar destaque à melodia, harmonização, silêncio e ruídos. Quem quebra o aparente luxo musical é Volpato, incluindo nas novas letras frases do tipo: "Me deixa na minha, bicho".

Durante o ensaio pôde-se ter uma idéia do que vem por aí. A inclusão do acústico no repertório traz na base raízes da MPB. Esta, temperada com a contemporaneidade do quarteto, ganha nova roupagem, envergando em 180° as velhas repetições de seus velhos ídolos. *S.M.*

DURAN DURAN

A VIEW TO A KILL

Meeting you with a view to a kill
Face to faces secret places feel the chill
Nightfall covers me
But you know the plans I'm making, still oversads
Could it be the whole earth opening wide
A sacred why
A mystery gaping your side
The weekend's why?

(Refrão)
Until we dance into the fire
That fatal kiss is all we need
Dance into the fire
To fatal sounds of broken dreams
Dance into the fire
That fatal kiss is all we need
Dance into the fire

Choice for you is the view to a kill
Between the shades
Assassination standing still
The first crystal tears
Fall as snowflakes on your body
The first time in years
To drench your skin with lovers' rosy satin
A chance to find a phoenix for the flame
A chance to die
But can we dance into the fire
That fatal kiss is all we need
Dance into the fire
To fatal sounds of broken dreams
Dance into the fire
When all we see is the view to a kill

Uma Vista para um Assassinato

Encontrando você com uma vista para um assassinato
Cara a caras, locais secretos, sentindo o gelo
A queda da noite me cobre
Mas você sabe dos planos que ando fazendo, ainda além-mar
Sera toda a Terra se abrindo em duas
Um sagrado porquê
Um misterio de olho no seu lado
O porquê do fim de semana?

(Refrão)
Até dançarmos para dentro do fogo
Aquele beijo fatal é tudo que precisamos
Dançar para dentro do fogo
Aos sons fatais de sonhos partidos
Dançar para dentro do fogo
Aquele beijo fatal e tudo que precisamos
Dançando para dentro do fogo

A sua escolha e a vista para um assassinato
Entre as venezianas
Assassinio paralisado
As primeiras lágrimas de cristal
Caem como flocos de neve sobre seu corpo
Pela primeira vez em anos
Encharcar sua pele com o cetim rosado dos amantes
Uma chance para encontrar uma fênix para a chama
Uma chance para morrer
Mas podemos dançar para dentro do fogo
Aquele beijo fatal e tudo que precisamos
Dançar para dentro do fogo
Aos sons fatais de sonhos partidos
Dançar para dentro do fogo
Quando tudo que vemos e a vista para um assassinato

Escreva para a redação enviando o nome das musicas que voce quer ver traduzida

© Blackwood Music Inc. United Lion Music Trite Music Ltd

NATÁRIO:

(Rua, Av., etc.)

ome da estação móvel, no radiograma)

BRASIL ESTADO: LANÇAMENTO WEA

(Bairro)

(ou nome da estação terrestre, no radiograma)

NOVO DISCO DE GILBERTO GIL; JÁ
"DIA DORIM NOITE NEON" ESTÁ ADORANDO
AÇÃO PELA LIBERTAÇÃO DA ÁFRICA DO SUL E
;:- NOITE NEON TODA CALINHA E FELIZ,
EXISTE AVE MARIA; OXALUFÃ. DIA DORIM
TEM MAIS;.. TEM MAIS;.. E J AM...
DIADURIM NOITE NEON É NOVO!
É GILBERTO GIL

Bairro

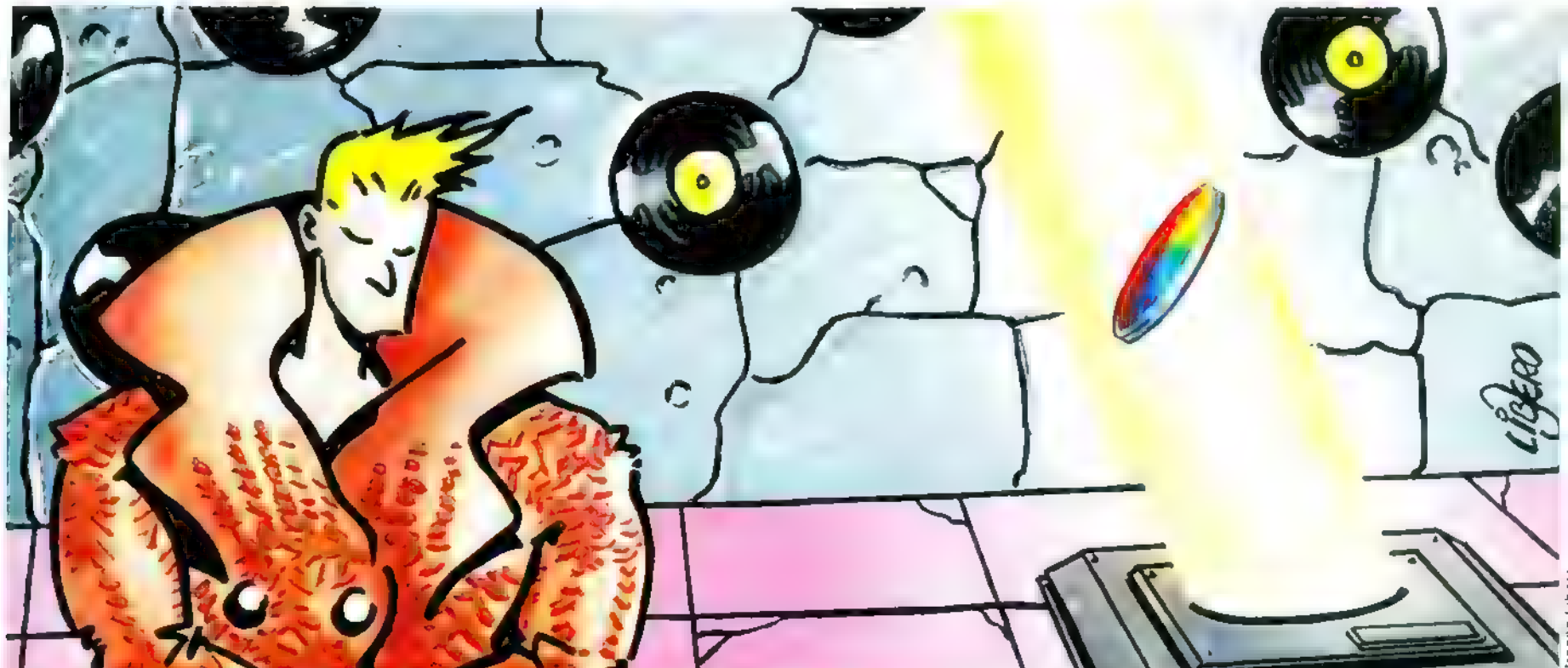
BRASILEIR

Cidade

GRAFOS

Um lançamento

Compact Disc: o futuro já chegou



O LP chegou em 1948, junto com o som estereofônico. O som quadrifônico veio nos anos 70, seguido das fitas cassete de alta fidelidade. O conservadorismo estético/sonoro de muitos audiófilos recebeu cada uma destas inovações sempre da mesma forma: com uma braçada de rosas numa das mãos. E uma grosa de pedregulhos na outra.

Não poderia ter sido diferente com os compact discs. Afinal, trata-se da mais radical e definitiva evolução do áudio caseiro — um minidisco que comporta o dobro do tempo de música que cabe num LP e cuja reprodução sonora é cristalina e livre dos "pops" e "clicks" que infestam os sulcos dos discos convencionais. Para cada convertido irremediavelmente aos CDs existe pelo menos uma dupla de detratores dispostos a defender os tradicionais LPs. E a briga entre as duas facções tem sido, no mínimo, interessante.

De um lado, os fãs dos CDs apregoam uma faixa dinâmica paradisíaca (em outras palavras, não existem abismos de nível de volume entre as passagens mais altas e as passagens mais baixas das músicas) e uma durabilidade infinita, (já que a parte "tocada" do CD é uma finíssima camada de acrílico plástico superprotegida). De outro, os fãs do vinil asseguram que os LPs reproduzem muito mais musicalidades — se prensados com material de primeira qualidade e se reproduzidos através de equipamento *state-of-the-art*.

OK, vinilóides, vocês venceram Mas apenas em parte, pois o preço de um equipamento de CD é muitíssimo inferior ao de um equipamento topo-da-linha análogo que serviria aos LPs, o que significa uma acessibilidade rápida e enorme à tecnologia digital dos CDs. E, além disso, por melhor que tenha sido sua prensagem, os LPs se desgastam com o tempo, inexoravelmente. Os CDs duram para sempre!

Isso porque os CDs não sofrem o atrito agulha/vinil que desgasta os discos convencionais. A música que sai dos CDs é "lida" por um magérrimo feixe laser que varre a extensão de acrílico em busca de informação digital (bytes, linguagem de computador) para transformá-la em sons.

Mas enquanto digitóides e vinilóides se digladiam, os CDs vão ganhando terreno sólida e rapidamente. Em 1983, quando foram postos no mercado os primeiros "toca-CDs", os Estados Unidos registraram vendas de 35 mil aparelhos. No ano seguinte este número pulou para 208 mil unidades e até o final de 1985 os CDs já terão invadido 600 mil lares norte-americanos. Espera-se que o primeiro milhão seja atingido antes do Natal de 1986.

Estes números surpreendentes tornam-se ainda mais fascinantes quando confrontados com a progressão de vendas de recentes lançamentos eletrônicos, tão ou menos revolucionários do que os CDs. Para atingirem os seus respectivos primeiros milhões de vendas, os aparelhos de videocassete precisaram de seis anos. Os televisores coloridos levaram *onze* anos para chegar a um milhão de casas.

O que não significa exatamente uma avalanche descontrolada prestes a soterrar para sempre os velhos LPs. Existem apenas quatro mil títulos à venda em CD, o que se traduz numa grande dificuldade em se achar disponível todo e qualquer disco desejado. Portanto, pelo menos por enquanto, não jogue fora sua coleção de LPs. Na pior das hipóteses, daqui a umas duas décadas eles serão valiosas peças de museu.

NOSSOS 'TOCA-CDs'

No Brasil os CDs ainda são novidade muito recente. Com apenas 500 títulos lançados no país, os digitóides geralmente recorrem a importadoras para engordar sua CDteca. Mas já existem bons aparelhos para compact discs, cada um custando em torno de Cr$ 5 milhões (preços de outubro). São eles o CD 204, da Philips, o LD 636, da Gradiente, e o recém-lançado XR 250 K, da Toshiba. Espera-se para breve a entrada no mercado brasileiro do modelo "toca-CDs", da Sony, inventora, junto com a Philips, deste método digital de reprodução de música. J.E.R

Eleve Seu Som Ao Cubo

A Giannini está lançando uma nova linha de amplificadores que vão elevar à qualidade de seu som: Super Cubos Amplifiers.
Eles possuem 3 versões: para guitarras, para contra-baixos e para teclados, nas potências de 50 ou 100 Watts RMS. A curva de resposta, alto falante e ressonância da caixa acústica, foram aprimorados para cada tipo de instrumento. E mais: os Super Cubos Amplifiers têm cantos reforçados, pés de borracha e são encontrados nas cores: preto ou azul. Não se contente com pouco. Afinal, seu som merece ser elevado aos Super Cubos Amplifiers Giannini.

Giannini
O SOM MAIOR

Foto Rui Mendes

Luís Schiavon: do conservatório ao progressivo ao RPM

LUÍS SCHIAVON

O Lado Tecno do RPM

"Papo de mãe." Assim Luís Schiavon, o tecladista do RPM, define seu início nos teclados. Aos sete anos de idade, ele queria mesmo era ter aula de judô, mas a mãe só deixou com uma condição: ele tinha que aprender piano.

O curso de judô durou duas aulas, mas o de piano, 13 anos. Dez de curso normal, equivalente ao de músico com formação universitária, e três de virtuosidade, uma extensão basicamente voltada à análise de peças eruditas. Luís, porém, não pensava em seguir carreira como músico erudito: "Gostava de estudar".

Nesta época já tocava com algumas bandas. A primeira foi uma catástrofe: "Sempre fui solista, nunca tinha tocado com ninguém".

De repente, ele se viu cercado por uma guitarrista, uma baixista e uma baterista. "Eu pedia para elas tocarem mais baixo", lembra. "Mas eu é que estava do lado errado. Sabia a parte técnica e teórica, mas não tinha nenhuma prática. Tinha a mão um pouco presa, não conseguia fazer improvisos. Eu compunha na partitura e aí lia o que tinha escrito."

A banda acabou e Luís resolveu "soltar" a mão. "Eu gostava de jazz, uma coisa bem centrada no improviso, e decidi sair por aí." Começou a fazer *jam sessions* e deu certo.

Eram os anos do auge do progressivo e Luís se apaixonou pelos teclados de Keith Emerson. "Eu brincava de tocar Yes e Emerson, Lake and Palmer no piano", lembra. "É engraçado. Tem uma época que você tem um ídolo, mas depois descobre seu jeito de tocar, seu potencial, e usa esse cara apenas como influência."

Das brincadeiras de imitar Yes e Keith Emerson, Luís caminhou para a música eletrônica. Chegou a formar uma banda de onze sintetizadores com Lucas Shirahata. Era a Solaris, que se apresentou só uma vez, no programa Fábrica do Som, produzido pela TV Cultura, em 81. "O som era tecno mesmo, instrumental, tipo Tangerine Dream. Um trabalho de pesquisa de som."

Para entender os sintetizadores, Luís passou quase um ano sem tocar em banda para ficar lendo material estrangeiro sobre sintetizadores. "É muito complexo. Você pode ser um ótimo tecladista e um péssimo programador. Tem que ter um conhecimento de música e de engenharia de som."

Tanto para programar, quanto para tocar, Luís usa tudo o que aprendeu até agora. Só que optou por um estilo: "Não gosto de usar o sintetizador para ficar imitando cordas e metais. Faço alguns naipes que existem normalmente nas músicas, como um quarteto de cordas, mas eu procuro mesmo é buscar um timbre que nenhum instrumento me daria".

"Aí entra a sensibilidade", continua. "O RPM é uma banda apoiada harmonicamente no uso dos teclados, mas eu uso os timbres para realçar os climas das músicas. Os teclados têm uma riqueza sonora muito grande. Normalmente, o pessoal usa teclado para tapar buraco, um negócio que eu acho meio ridículo." *L.O.*

FICHA TÉCNICA
COMPUTADORES E SINTETIZADORES

Desde que começou a tocar, Luís já teve aproximadamente vinte teclados, entre pianos, órgãos e sintetizadores. "Tento rodar meus instrumentos de ano em ano para vender ainda com cara de novo e não perder o passo tecnológico."

"Os teclados mudam muito", conta. "Por exemplo: o catálogo da Rolland de março de 84 tinha 10 ou 12 teclados. Hoje, só um ainda não está fora de linha."

Agora, no show que o RPM vem fazendo pelo Brasil, Luís está usando um piano Yamaha CB 70, um JX-3P da Yamaha (para fazer a parte mais pesada como os metais e os efeitos), um Yamaha DX-7 (para fazer cordas e tirar timbres diferentes dos sintetizadores normais), um Juno 106 da Rolland (para fazer a base, as cordas mais leves, os sopros) e um computador Apple II plus nacional (para simular condições de estúdio) acoplado a um Interface MPV 401 (que permite ao computador comandar os teclados).

Ele está comprando um Rolland JX-8P (uma evolução do JX-3P) e uma bateria TR 707 da Rolland (para evitar problemas de sincronismo com o computador), que serão usados no final da excursão.

No disco, além do JX-3P e do Juno 106, Luís usou um piano Yamaha CP-80, sintetizadores Kurzweil, um Prophet Five, um Sequencer MC-202 e ritmos Rolland TR-909 e Linndrum III.

PROMOÇÃO

RESPONDA E GANHE

A revista Bizz nº 5, em conjunto com as gravadoras CBS, WEA, Top Tape, Odeon, Continental e Polygram, vai distribuir 950 LPs para seus leitores. Serão premiadas, com um LP cada, as primeiras 950 cartas que chegarem à redação de Bizz com a resposta correta para a pergunta referente ao LP escolhido. Um detalhe importante: é a data do dia em que foi postada a carta que determinará sua premiação, e não sua chegada à redação. Por isso, o negócio é mandar a sua o mais rápido possível. Escolha o LP que você quer ganhar, preencha ou copie o cupom abaixo e dê uma corridinha até o correio.

INSTRUÇÕES

1. Escolha o disco que você quer ganhar
2. Responda a pergunta correspondente e codifique seu cupom
3. Faça apenas um pedido por cupom

May East — **Remota Batucada** (EMI-Odeon) - 150 LPs

1. Lançando agora sua carreira solo na linha etnopop **May East** já é conhecida no cenário "uêive" nacional. Qual o nome de sua banda anterior?

Style Council — **Our Favourite Shop** (Polygram) 150 LPs

2. Após o sucesso de **Café Bleu**, a dupla Paul Weller e Mick Talbot voltam à carga com seu som temperado com pitadas de jazz latino. Qual o nome da banda que Weller liderou no auge do movimento punk?

Jimmy Cliff — **Hanger** (CBS) - 150 LPs

3. Um dos papas do reggae jamaicano, Jimmy Cliff reaparece agora em **Cliffhanger**. Uma perguntinha fácil: qual o nome do astro brasileiro que dividiu com Cliff toda uma excursão pelo país?

Kid Abelha & os Abóboras Selvagens - **Educação Sentimental** (WEA) 150 LPs

4. Campeão de execução em 84, o bando de Paulinha Toller volta ao vinil em **Educação Sentimental**. Há um clássico da literatura francesa que tem o mesmo nome. Como se chama seu autor?

Shalamar — **Heart Break** (Top Tape) - 150 LPs

5. Depois de várias alterações em sua formação, o embalo sacolejante do grupo Shalamar chega agora a seu quinto LP, **Heartbreak**. Qual o nome do líder da banda?

Tears for Fears — **Songs from the Big Chair** (Polygram) - 50 LPs

6. Vocês pediram e aí estão os Tears for Fears na promoção de Bizz. Um dos grandes estouros mundiais de 85, o LP **Songs from the Big Chair** parece até uma coletânea do tipo "greatest hits". Responda rápido: Qual o nome do LP de estréia desta dupla inglesa?

CAPA
EM
PRODUÇÃO

Degradee — **Perdidos no Tempo** 150 LPs

7. O ano passado eles fizeram o maior sucesso com o compacto "Mais que um Sonhador". Agora, o Degradee chega enfim a seu primeiro LP, **Perdidos no Tempo**. Qual o nome do vocalista e guitarrista da banda?

Neste quadrado você coloca o número referente ao LP que deseja ganhar ☐ Edição nº 5

Resposta: ______________________________

Você já participou de alguma promoção da revista Bizz? Sim Não

Nome ____________________

Endereço ____________________

Cidade __________ **Estado** ____ **CEP** ______ **Sexo** __

Telefone ________ **Bairro** __________ **Idade** ___

Envie para

BIZZ

PROMOÇÃO
"RESPONDA E GANHE"
CAIXA POSTAL 2372
CEP 01000 - SÃO PAULO - SP

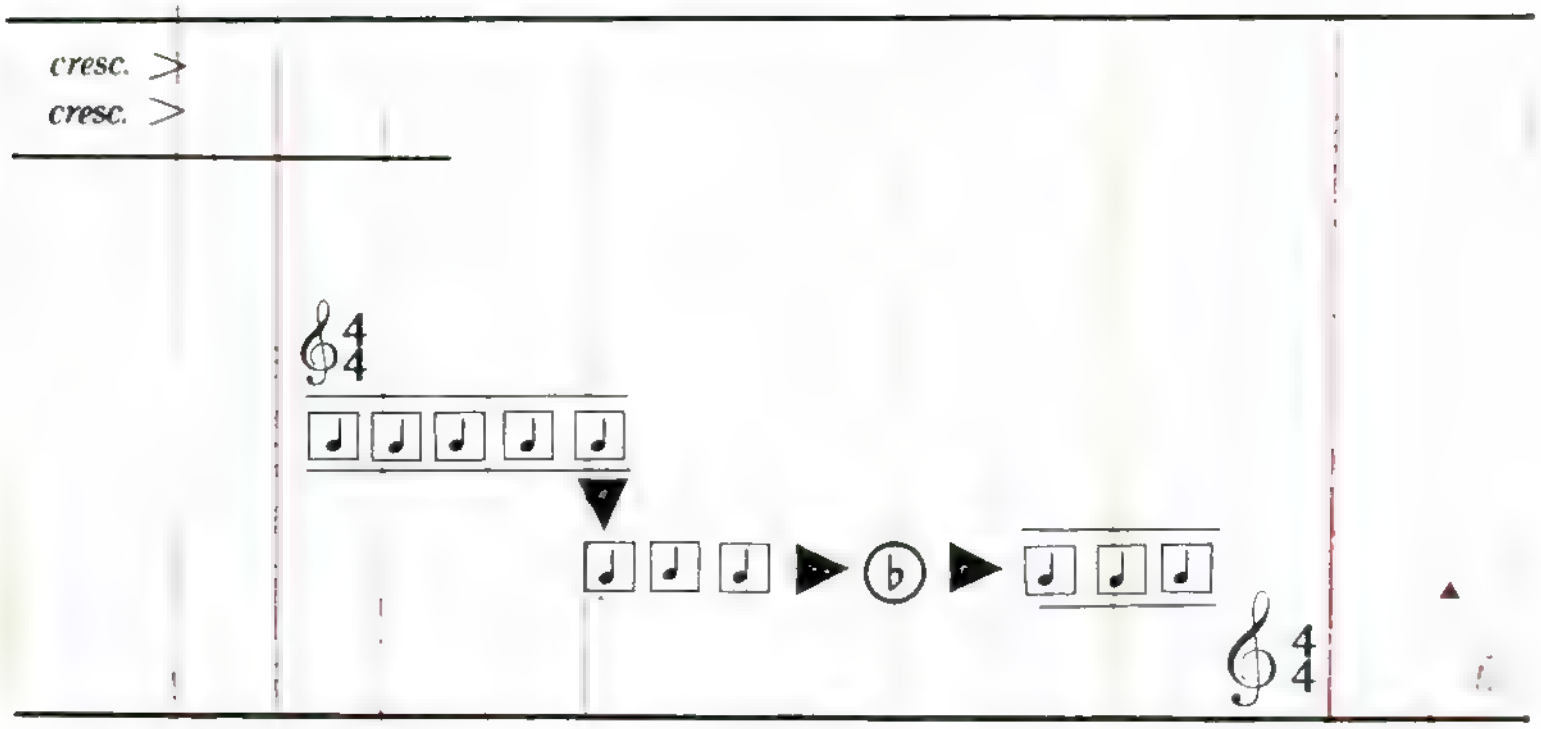


Ilustração José Eduardo Mendonça

MIDI, uma revolução na música eletrônica

MIDI. Esta sigla, que quer dizer *musical instruments digital interface*, aparece cada vez mais na boca de músicos, produtores e em revistas de música. Não é à toa. Depois dos sintetizadores, é o grande salto tecnológico a contribuir para o surgimento de milhares de possibilidades sonoras.

Interface é um dispositivo que liga computadores a computadores ou seus periféricos — impressoras, disk-drives etc.— ou, no caso da música, instrumentos eletrônicos uns aos outros.

Lembra daquelas pianolas de desenho animado, que tocavam sozinhas, com as notas perfuradas em rolinhos de papel? Cada perfuração correspondia a uma nota. O MIDI representa uma forma muito mais eficiente de se fazer música pré-programada. Em vez de codificar dados num rolo de papel, os arquiva em memória de computador. Isto permite uma facilidade de edição, já que a memória de computador pode ser gravada e apagada à vontade. Além disso, o MIDI tem muito mais dados que apenas notas soltas. Lida com dinâmica, duração da nota, tempo da música sendo tocada etc.

Numa ligação normal instrumento-instrumento via MIDI, um deles é um "mestre" que envia dados ao "escravo". O "escravo" executa tudo o que o mestre pedir. No estúdio, o MIDI é geralmente não um teclado, mas um seqüenciador ligado a um computador, alimentando teclados "escravos" múltiplos.

O seqüenciador criou possibilidades totalmente novas para a gravação de música eletrônica em estúdio. Se você tocar uma linha melódica num teclado com MIDI, o seqüenciador vai "lembrar" o que você tocou e alocar estes dados em uma pista no seqüenciador. Pode-se construir pistas múltiplas e, em playback, enviar estes dados a teclados múltiplos, produzindo o mesmo efeito que o de gravações em muitas pistas em um gravador convencional. A composição seqüenciada pode ser mixada e gravada num gravador convencional análogo de duas pistas, para a produção de uma fita master.

Vantagens? Som de primeira, sem a intervenção de processos de gravação que sujam o som. Nada de fitas indo e voltando na hora de mixar. Está tudo em memória de computador, para acesso virtualmente instantâneo. Possibilidade de editar um trigésimo de segundo de uma nota em uma pista. Nada de técnicas torturantes, como eliminar uma nota ruim numa fita com várias pistas. Mais. Você não tem de se preocupar com umidade e temperatura das fitas, ou ficar colocando óleo para manter o motor do gravador. Dá para mudar instantaneamente o som de uma pista. É só apertar uns botões para descobrir qual é o melhor, sem necessidade de regravar.

Mais ainda. Não há necessidade de redução de ruído — *noise reduction* —, que acaba cortando algumas freqüências e prejudicando a fidelidade. Sons que você já ouviu com intervenção de interface MIDI? Grande parte do rock produzido hoje. E trilhas chocantes, como as de *Tron*, *Guerra nas Estrelas* e *The Day After*.

PROMOÇÃO 1000 LPs! GANHADORES

Segue abaixo a lista dos contemplados na promoção publicada em BIZZ n.º 3.

NO REST FOR THE WIKED - NEW MODEL ARMY

AMELIA R RIBEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - ANDREW D BRINN (Rio de Janeiro - RJ) - ANTON C RIOS (São Paulo - SP) - ANA IZABEL S DE M MACHADO (Rio de Janeiro - RJ) - ANNA CARLA DOS S ROCHA (Niterói - RJ) - ANA LUCIA A DE BARROS (São Paulo - SP) - ALEXANDRE ALMEIDA (São Paulo - SP) - ALVARO VENCESLAU (São Paulo - SP) - ALECIO G DA SILVA (São Paulo - SP) - ALAN BOUSSO (São Paulo - SP) - ADRIANO H COSTA (São Paulo - SP) - ANDRE M WAINSTEIN (São Paulo - SP) - ANTONIO A M DLARTE (Barra Mansa - RJ) - CARLOS H AVILA (Osasco - SP) - CARLOS A J BARREIRA (Taboão da Serra - SP) - CLAUDOMIR F MARINHO (São Paulo - SP) - CLEBER V FRANCESCHE (São Paulo - SP) - CELSO S LUTA (São Paulo - SP) - CELSO M MORINAGA (São Paulo - SP) - CARMEM C MELO (São Paulo - SP) - EDUARDO H S YANAGUIHARA (São Paulo - SP) - CLAUDIO S C MEYER (Rio de Janeiro - RJ) - CLAUDIO CORDEIRO (Santa Barbara d'Oeste - SP) - CRISTINA BONAGAMBA S B do Campo - SP) - DANILO P MUNARI (Orlândia - SP) - DELCINEIA DE L BENEVIDES (Rio de Janeiro - RJ) - DANIELA T F LEITE (Rio de Janeiro - RJ) - DEBORAH M DUARTE (Rio de Janeiro - RJ) - EDISON A. MOURO (S C. do Sul - SP) - ELEONORA S. CARREIRA (Bragança Paulista - SP) - EMERSON A B OLIVEIRA (São Paulo - SP) - EDILSON VICENTE (São Paulo - SP) - FERNANDO CELLOTTO (S C. do Sul - SP) - FABIO P BERNADINO (Rio de Janeiro - SP) - FERNANDO H NEWLANDS (Rio de Janeiro - RJ) - FABIO RIMRNSHNEIDER (São Paulo - SP) - FRANCISCO V P DE AZEVEDO (Rio de Janeiro - RJ) - FERNANDO A M. DE A. LIMA (Araruama - RJ) - FABIANN D CACHUR (São Paulo - SP) - FLAVIO A COELHO (São Paulo - SP) - FRANCISCO A MIRANDA (São Paulo - SP) - JOAO S DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - JOSE F BARBOLO (São Paulo - SP) - JORGE A. RAMALHO (Rio de Janeiro - RJ) - FERNANDO KITAGAWA (São Paulo - SP) - FRANCISCO J A S SILVA (São Paulo - SP) - GUILHERME Z PERLIA (Rio de Janeiro - RJ) - HELEDA D COUTO ANTUNES (Rio de Janeiro - RJ) - IVAN DA SILVA (Taubate - SP) - IOLANDO A DE F VALENTE (Duque de Caxias - RJ) - JORGE E MINAMOTO (São Paulo - SP) - JAYME M DE A JUNIOR (Rio de Janeiro - RJ) - JAQUELINE COUTO (Rio de Janeiro - RJ) - JORGE B DE A ANDRADE (Rio de Janeiro - RJ) - JOSE J. MAZIERI (Mauá - SP) - JOAO C R PREVIDE (Ituverava - SP) - JORGE B NETO (Santo André - SP) - JOSE R DUARTE (Rio de Janeiro - RJ) - JOAO C ROBERTO (São Paulo - SP) - JOSE R M MARTINS (São Paulo - SP) - LUIS S JARDINHA (Taboão da Serra - SP) - LENI V DOS SANTOS (São Paulo - SP) - LUIZ C BENTO (S B do Campo - SP) - LUIS C V. FERREIRA (Osasco - SP) - LUIZ R PACHA (Rio de Janeiro - RJ) - LAURINO P DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - LEONARDO M MONASTERINO (Rio de Janeiro - SP) - LUIZ CARLOS TONUS (São Paulo - SP) - LUIZ FERNANDO NETO (São Paulo - SP) - LEONARDO DE S MERCEDO (São Paulo - SP) - LELIO O COELHO (São Paulo - SP) - MARIO L FERREIRA (S J da Barra - SP) - MARIANGELA M LOPES (Santo André - SP) - MARCOS G DA SILVA (São Paulo - SP) - MAURO F TELLES (Rio de Janeiro - RJ) - MARCOS A A DO NASCIMENTO (Rio de Janeiro - RJ) - MILTON M DOS SANTOS FILHO (Volta Redonda - RJ) - MARCELO B NOGUEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELLO G DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO A OLIVEIRA SILVA (Volta Redonda - RJ) - MAURO R DA S TELLES (Piedade - RJ) - MARCIO P ALVINO (Rio de Janeiro - RJ) - MOACIR T PERACINI (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO DA S BORGES (Rio de Janeiro - RJ) - MARCOS B MARBAIK (Rio de Janeiro - RJ) - MARCIO VIGILAT (São Paulo - SP) - MARCOS H KANO (São Paulo - SP) - MIRIAN RECHENBERG (São Paulo - SP) - MARIO J D QUINTAS (São Paulo - SP) - MARCELO FRAGOSO (São Paulo - SP) - MARCELO A D DA SILVA (São Paulo - SP) - MARCOS A TAKIYAMA (São Paulo - SP) - MAURO A DE ARAUJO (São Paulo - SP) - MARTA JALAMOV (São Paulo - SP) - NAIRA F S CARVALHO (Rio Bonito - RJ) - ORLANDO HARADA (São Paulo - SP) - OLAVO T ITO (São Paulo - SP) - PAULO S M V CORRÊA (São Paulo - SP) - PATRICIO P DE SOUZA (Carapicuiba - SP) - PAULO S HIGA (São Mateus - SP) - PAULO C J BRANCALION (Cravinhos - SP) - PAULO C S HERMES (Campos - RJ) - PLAUTINO DA SILVA GOMES (Nova Iguaçu - RJ) RAMIRIS DENONI (Rio de Janeiro - RJ) - RICARDO N DE ALMEIDA (Vitoria - ES) - ROBERTO J TOMICAWA (S C. do Sul - SP) - ROLANDO S F NETO Rio de Janeiro - RJ) - RUBEM R LOPES (Rio de Janeiro - RJ) - ROGERIO S PAULINO (Paraíba do Sul - RJ) - RICARDO S CARVALHO (Rio de Janeiro - RJ) - REINALDO L PIMENTA (Rio de Janeiro - RJ) - ROBERTO N MORGADO (Niterói - RJ) - RENE C LUONGO JR (São Paulo - SP) - RENATO RIBEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - ROCHESTER G DA COSTA Rio de Janeiro - RJ) - ROBERTO B DE FREITAS (Rio de Janeiro - RJ) - RICARDO X DE MENDONÇA (São Paulo - SP) - RICARDO DA C AGUIAR (São Paulo - SP) - RINALDO VIANA (São Paulo - SP) - ROBERTO ISHARA (São Paulo - SP) - RAMON V G FERNANDEZ (São Paulo - SP) - ROGERIO S ASSAE (São Paulo - SP) - ROGERIO R MACAQUIAS (São Paulo - SP) - ROBERTO G DE ARAUJO (São Paulo - SP) - SERGIO ROCHETI (Jundiaí - SP) - SERGIO DE B GUERRA (Rio de Janeiro - RJ) - SILVANA S PRACIANO (São Paulo - SP) - SILVANA R MATONA (São Paulo - SP) - SERGIO K NAKAMURA (São Paulo - SP) - SILVIO S DOS SANTOS (São Paulo - SP) - SEBASTIAO R BORDIN (São Paulo - SP) - SIDNEI COLOBONI JR São Paulo - SP) - SERGIO R PORTO (Rio de Janeiro - RJ) - TOMIKO M KATSUKI (Araçatuba - SP) - TELMA CAMPELLO (Rio de Janeiro - RJ) - TEMIS S DOS SANTOS (Rio Bonito - RJ) VALERIA DE F ALVES (S B do Campo - SP) VERA LUCIA TEZZA (Pederneiras - SP) - VALDENOR BARBOZA (Vitoria - ES) - VANESSA R BITTENCOURT (Rio de Janeiro - RJ) - WILLIAN W V BASTOS (Rio de Janeiro - RJ) - WALTER PIZZACARO (São Paulo - SP) - ADOLFO L B VIANNA (Rio de Janeiro - RJ) - ALVARO L D MASSA (Rio de Janeiro - RJ) - ADRIANA PEREIRA (Sto André - SP) - BENITO VENDITTI (S C. do Sul - SP) - CARLOS A XAVIER (São Paulo - SP) CARLOS F BARROZO (Rio de Janeiro - RJ) - CARLOS R F OLIVAR (Angra dos Reis - RJ) - CARLOS E C PONTUAL (Rio de Janeiro - RJ)

BOYS AND GIRLS - BRYAN FERRY

ADOLFO P DOMINGUEZ (São Paulo - SP) - ALEXANDRE GUERRA (São Paulo - SP) - ADRIANA DE J BUARQUE (São Paulo - SP) - ANNETE I MATTJE (São Paulo - SP) - ALEXANDRE DE A LENTE (São Paulo - SP) ANKI M J L. JULIO (São Paulo - SP) - ALEX YORIOKA (São Paulo - SP) - ANA CRISTINA A DE BARROS (São Paulo - SP) ALEX N CREMONINI (São Paulo - SP) - ALVARO F. DE ALMEIDA N (Rio de Janeiro - RJ) - ARICLEIA DO E SANTO (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXANDRE L C DOS SANTOS (Rio de Janeiro - RJ) - ANTÔNIO CESAR PEREIRA (Rio de Janeiro - RJ) - AURELIO M CARDAMA (Nova Iguaçu - RJ) - ANTÔNIO F DE F. E SA (Rio de Janeiro - RJ) - ANILVO LUIZ PRUSSEK (Blumenau - SC) - ARMANDO ROCHA (Ribeirao Pires - SP) - ALBERTO ALVES (Osasco - SP) - ANTÔNIO G NASCIMENTO (Piunhi - MG) - ANA RUTH DOREMAN (Porto Alegre - RS) - AMAURY C. CARVALHO (Camacan - BA) - ARNALDO C. DA SILVA (João Pessoa - PB) ANTONIO C MONTANARO (São Paulo - SP) - BERT NEUMGIER (São Paulo - SP) - BRENO B DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - BENNO ELIMAR FRANÇA WEBER (Niterói - RJ) BLAIR B. JUNIOR (Campinas - SP) - CLAUDIO FINZI FOA (São Paulo - SP) - CRISTINA V JÚNIOR (São Paulo - SP) - CLITA MARIA DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - CARMEN C C AGUIRRE (São Paulo - SP) - CARLOS R H SHIBAO (São Paulo - SP) - CAROLINA Y HARA (São Paulo - SP) - CLAUDIA V DE SOUZA LIMA (Rio de Janeiro - RJ) - CLAUDIA DE A TOCANTINS (Rio de Janeiro - RJ) - CARLOS H DA C SIMAS (M Pereira - RJ) - CARLOS E P THEOBALDO (Rio de Janeiro - RJ) - CASSIO JOSE C NEZIO (B Horizonte - MG) - CARLOS ALBERTO TILSS (Cariacica - ES) - CARLOS C ALMENDRA (S C do Sul - SP) DIRCE MARIA C DE MELLO (São Paulo - SP) DANUSA DE C CASTRO (B Horizonte - MG) DOROTHY CAVALCANTE São Paulo - SP) DANIELA SCHNEIDER (São Paulo - SP) - EDMIR KUAZAKI (São Paulo - SP) EDUARDO T LEITE (São Paulo - SP) - ELISEU DA SILVA (São Paulo - SP) - EINSTEIN B OLIVEIRA (São Paulo - SP) EUCRÉSIA LUCIA PIRES (Orlândia - SP) - EUVADES C. AMIGO (Vitoria - ES) - ESTEVÃO J L DE OLIVEIRA (B Horizonte - MG) - FERNANDO MCKILLOP (Osasco - SP) - FATIMA I MARTINS (Rio de Janeiro - RJ) - FÁTIMA C. DE O VICENTE (Rio de Janeiro - RJ) - FLAVIO W M. FAÇANHA (São Paulo - SP) - FRANCISCO C GOUVEIA (São Paulo - SP) - FERNANDA F. DE PAULA (São Paulo - SP) - FLAVIO J TAVARES (São Paulo - SP) - FRANCISCO T FERREIRA (São Paulo - SP) GUSTAN BOCK (São Paulo - SP) - GIL S DE FREITAS (São Paulo - SP) - GLAUCO A GRONCHI (São Paulo - SP) - GETULIO A OLIVEIRA (São Paulo - SP) - GILBERTO S. SALGUEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - GILBERTO S DE ROURE (Rio de Janeiro - RJ) - GUILHERME T M DA ROCHA (Niterói - RJ) GILBERTO DO CARMO SANTOS (São Paulo - SP) - GUSTAVO O CARVALHO MAIA (Guarulhos - SP) - GERVASIO L GUIMARAES (B Horizonte - MG) - HAILTON SALLES (São Paulo - SP) - HUMBERTO DE C ARAUJO (Brasília - DF) HERCULES SKURY (Niterói - RJ) - HERCULES J DEPOIO (Mauá - SP) - IZETE B CABRAL (Rio de Janeiro - RJ) - ILVANG DE OLIVEIRA (Vitoria - ES) - JURANDYR DE CAMPOS (São Paulo - SP) - JOAO AUGUSTO P ALBONETTI (São Paulo - SP) - JOSÉ LUIZ RIBEIRO (São Paulo - SP) JOSE LUIZ MOREIRA (São Paulo - SP) - JOÃO PAULO M DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - JORGE LUIZ B FERNANDES (Nova Iguaçu - RJ) JOSE M S DE FREITAS (Rio de Janeiro - RJ) - JONISE MARIA R RICHARDS (Rio de Janeiro - RJ) - JAIRO C NASCENTE (Goiânia - GO) - JOAO R K OMURO São Carlos - SP) - JOSE CARLOS DE S RODRIGUES (Brasília - DF) - JOSÉ LUIZ A DE CARVALHO (Porto Alegre - RS) JONI PASQUALOTTO (Porto Alegre - RS) - JOSÉ CARLOS ALVES (Osasco - SP) JAIR BORGES DA SILVA (Osasco - SP) JORGE LUIZ TOLOTTI (S J da Barra - SP) - JOSÉ C. PINNKOVAY (Osasco - SP) JORGE H MORAES (São Paulo - SP) - JOSE ROBERTO WEGRETE (São Paulo - SP) - KLEBER R DE ANDRADE (Rio de Janeiro - RJ) - KARIN C. DE B LIMA (São Paulo - SP) - KARINA F HERRERA (São Paulo - SP) LUCIANA DA S CORREA (São Paulo - SP) - LAURA A L M BECCARO (São Paulo - SP) - LAURO L G JUNIOR (São Paulo - SP) - LAERTE P JUNIOR (São Paulo - SP) - LUIZ C. DOS S AMORIM (São Paulo - SP) LUIZ G Q MELGAR (Rio de Janeiro - RJ) - LITANIA MARIA RIBEIRO (São Gonçalo - RJ) - LUIZ EDUARDO VAZ (Rio de Janeiro - RJ) - LINEU MARCIO STEFANI (Americana - SP) - LILIAM A SIMIÃO (Santo André - SP) - LUIS A RIBEIRO POLINI (S B do Campo - SP) - MARIA A S DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - MARIA A DE ULHOA C. Sao Paulo - SP) - MARIA APARECIDA MULLER (São Paulo - SP) - MAURICIO X DE CASTRO (São Paulo - SP) - MARCELO KATSUKI (São Paulo - SP) - MIRIAM C. GUEDES (São Paulo - SP) - MARCIA IERI (São Paulo - SP) - MILTON M TADA (São Paulo - SP) - MARIO DEL C DI CESPEDES (São Paulo - SP) - MARCELO CEREDA (São Paulo - SP) - MARCELO ISHADA (São Paulo - SP) MARCOS R PEREIRA (São Paulo - SP) - MOISES DOS A. MEIRINHO (São Paulo - SP) - MARCIO SILBERBERG (São Paulo - SP) - MARCOS T KURATOMI (São Paulo - SP) - MARCOS D AGATHÃO (São Paulo - SP) - MARCELLO ABREU (São Paulo - SP) - MARCELO T YAMAMURA (São Paulo - SP) - MARTA DOS SANTOS VIEIRA (São Paulo - SP) MARCOS SCHWARTS (São Paulo - SP) - MARCO ANTÔNIO VASCONCELOS (Três Rios - RJ) - MARIA C N DE SOUZA (São Paulo - SP) - MIGUEL A L. DE VASCONCELOS (Rio de Janeiro - RJ) - MARTON DA SILVA SANTOS (Rio de Janeiro - RJ) - MARIA DO C M GAMA (Maceió - AL) - MARCO A DE F SOARES (Bertioga Mirim - SP) MÔNICA N ARASSIRO (Santo André - SP) - MARCO A M NEFFA (Vitoria - ES) - MARLY MAKITA (Campinas - SP) - MARIA CRISTINA P I HAYASHI (São Carlos - SP) - NEWTON SGOBBI (São Paulo - SP) - NATHALIE ZACHARY (Rio de Janeiro - RJ) - NATALINA P. DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - NELSON J BARBOLO (São Paulo - SP) - ODIVAIR CABRINI (Araras - SP) - ORLANDO GEISEL NETO (Niterói - RJ) - OTAVIO C LOURENÇÃO (São Paulo - SP) OTONIEL KIKUTI (São Paulo - SP) - PAULO F P MOREIRA (São Paulo - SP) PIERRE P FERREIRA (Belford Roxo - RJ) - PAULO C DOS S STEFANI (Americana - SP) - REGINA SAKO (São Paulo - SP) RENATO A DE CARVALHO (São Paulo - SP) - ROBERTO A JUNIOR (São Paulo - SP) - RENATO RANGEL BARBOZA (São Paulo - SP) - RENATA T DE MENEZES (São Paulo - SP) - RAQUEL AGUENA (São Paulo - SP) - ROSA C FREITAS (São Paulo - SP) - RENATO G TAKEUCHI (São Paulo - SP) - RITA DE C MENDONÇA I (São Paulo - SP) - ROBERTO K INO (São Paulo - SP) - RAIMUNDO A DACOSTA (São Paulo - SP) RENATA SIEIRO FERNANDES (São Paulo - SP) RODOLFO DE O ZIMMER (Rio de Janeiro - RJ) - RAFAELLA DE FILLIPPIS (Rio de Janeiro - RJ) - ROBERTO S PARANHOS (Rio de Janeiro - RJ) - RAFAEL LERINA (Porto Alegre - RS) - ROSANGELA BEZERRA CHAVES (Curitiba - PR) - RAMSES M DA SILVA (João Pessoa - PB) - ROSEMEIRE TODAO (Londrina - PR) - RENATO HEWSON (São Sebastiao - SP) - ROSÂNGELA E RUBIM (São Paulo - SP) RENATO R F DOS REIS (Guarulhos - SP) - RAIMUNDO B JUNIOR (Fortaleza - CE) - RENATO DA COSTA (Santos - SP) RITA DO C Z. RODRIGUES (Guarulhos - SP) - RICARDO W ELIAS (Santos - SP, SERGIO C. DE SOUZA (São Paulo - SP) - SERGIO L MIRANDA (São Paulo - SP) - SIMONE DE P NEVES (Salvador - BA) - SERGIO M JUNGER (Rio de Janeiro - RJ) - SILENE LUCCHESI (Santos - SP) - SILVIO DE P. E S FILHO (Rio de Janeiro - RJ) SAMUEL F. NETO (Rio de Janeiro - RJ) - SILVIA M CARICATI (São Paulo - SP) - SÉRGIO M BRANCO (São Paulo - SP) - SALETE QUINELLO MOREIRA (S B do Campo - SP) - SÍLVIO L F NASARO (São Paulo - SP) - SERGIO FRANCO (São Paulo - SP) SÉRGIO PODGAEC (São Paulo - SP) - SIRLENE S MOREIRA (São Paulo - SP) - SILVIA DOS SANTOS (São Paulo - SP) - TERESINHA MAYUMI NII (São Paulo - SP) - THOMAZ R CORDEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - VALDECIR RODRIGUES (São Paulo - SP) - VALDECI B KRAVUTSCHKE (Ponta Grossa - PR) VALTEMIRO B DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - WANDERLEY R V FILHO (Salvador - BA) - WAGNER O CALDEIRA (B Horizonte - MG) - WILSON DE A FILHO (Rio de Janeiro - RJ) - XIMENA I L. CONTRERA (São Paulo - SP) - KAREN Q NASSER (São Paulo - SP)

NORMAL - LULU SANTOS

AURELIO P JUNIOR (São Paulo - SP) - ANNA CRISTINA MENDES (Rio de Janeiro - RJ) - ANA CLAUDIA PADALINO (São Paulo - SP) - ARAMIS DA C REZENDE (Rio de Janeiro - RJ) ANA M M COSATE (Valença - RJ) - ANTONIO R OLIVEIRA - (Rio de Janeiro - RJ) - ALVARO C G PEREIRA (Rio de Janeiro - RJ) - AMERICO F F. SA (Rio de Janeiro - RJ) ANTONIO F. G DIAS (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXENDRE MAMEDE (São Paulo - SP) - ALEXANDRE DO V SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - ALESSANDRA DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - ALESSANDER B N CATTA PRETA (Rio de Janeiro - RJ) - ANDRE LUIZ JANUARIO (São Paulo - SP) - BRALLIO M NETO (São Paulo - SP) - BENEDITO A G AMORIM (São Paulo - SP) BENEDITO S A ARQUES (São Paulo - SP) - CYNTHIA CARRETA (São Vicente - SP) - CARLOS A REAL (São Paulo - SP) CARLOS R F OLIVEIRA (São Paulo - SP) - CARLOS A DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) CLEIDE MACHADO (São Paulo - SP) - CARLA N SONODA (São Paulo - SP) - CRISTINA F CUNHA (Rio de Janeiro - RJ) - CEZAR B C LIMA (Rio de Janeiro - RJ) - CLAUDIO S DE MOURA (Rio de Janeiro - RJ) - CLAUDIO MARCOS S QUARESMA (Rio de Janeiro - RJ) - CELIA R DE A REGO (Rio de Janeiro - RJ) - CRISTIANE G SANCHES (Rio de Janeiro - RJ) - CLAUDIO S. SHI MABUKURO (S VICENTE - SP) - CLAUDIO T RODRIGUES (Santos - SP) - CARLOS R M HAYASHI (São Carlos - SP) - DANIELA F. MARTINS (Rio de Janeiro - RJ) - DENISE DE P SA (São Paulo - SP) DENISE DE O. ALONSO (São Paulo - SP) - DENISE M RODRIGUES (Rio de Janeiro - RJ) - ELIANA J ROCHA (São Paulo - SP) - ENY S TSUTSUMI (São Paulo - SP) - EDSON FERREIRA (São Paulo - SP) - EDMILSON FELIX (Caçapava - SP) - EDISON BARCELOS (Barra Mansa - RJ) - EUCLYDES DA R MARTINS (Rio de Janeiro - RJ) - ELIZETE F DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - EDUARDO L. DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) EDUARDO FAILLACE (Niterói - RJ) - FERNADO A CURTISS (São Paulo - SP) - FLORIVALDO R S RODRIGUES (São Paulo - SP) - FERNANDO C. AZEVEDO (Rio de Janeiro - RJ) - FERNANDO A. ZAIKE (Curitiba - PR) - FLORESTAN F DA S JUNIOR (Rio de Janeiro - RJ) - GERALDO J MARINHO (Volta Redonda - RJ) - GILDA F. DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - GABRIELE KAMERGORODSKY (São Paulo - SP) - GIOVANI F DE SÁ (S B do Campo - SP) - HAROLDO M O JUNIOR (Osasco - SP) HUMBERTO KAJIWARA (São Paulo - SP) - HORACIO DA S DE CARVALHO (Santos - SP) - HELENA B DE ESPIRITO S (Rio de Janeiro - RJ) - IVON F. T JUNIOR (Rio de Janeiro - RJ) - IVAN BARBOSA (São Paulo - SP) - JAVANIZA A BORGES (Uberlândia - MG) - JOSENILDO MARTINS DE M (Rio de Janeiro - RJ) - JOSE GERALDO FERREIRA (Rio de Janeiro - RJ) - JOAO M FILHO (São Paulo - SP) - JORGE DE O JUNIOR (São J do Meriti - RJ) - JIRO A OGASAWARA (São Paulo - SP) - JOSE A S DA COSTA (Rio de Janeiro - RJ) - JORGE Y UMEKI (São Paulo - SP) - JOSE DO C. JUNIOR (São Paulo - SP) - JAIME A DE OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ JOAO B MOREIRA (São Paulo - SP) M - JOSÉ LUIZ BELMONTE (São Paulo - SP) LIDIA M ASSUMPÇAO (Rio de Janeiro RJ) - LUIS H B DE OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - LUIZ C GOMES (Rio de Janeiro - RJ) - LUIZ A F DE SOUZA (São Paulo - SP) - LEILA DE L N SILVA (São Paulo - SP) - LAENIO V JOSE (Rio de Janeiro - RJ) LUIZ A COMAR JR (São Paulo SP) - LUIS C A COSTA (São Paulo - SP) - LYSSANDRA ZAP

PA (Lorena - SP) - MARCOS C. G. FERREIRA (São Paulo - SP) - MARCONI LISBOA (Itabuna - BA) - MARTA R. OMURO (Registro - SP) - MARCIA CONTES (Osasco - SP) - MARCELO B BEMELMANS (Rio de Janeiro - RJ) - MÁRCIA B. CORRÊA (Rio de Janeiro - RJ) - MARIA M FALCAO (Rio de Janeiro - RJ) - MARCOS F DE MORAES (S. J DE Meriti - RJ) - MARCOS F MIRANDA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO A. DE SOUZA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCOS A. MORAIS (São Paulo - SP) - MARCO A. L. REIS (São Paulo - SP) - MARCOS A. DE FREITAS D (Rio de Janeiro - RJ) - MARCO A. F. DE ALMEIDA (São Paulo - SP) - MARCOS C. DE MELO (Sao Paulo - SP) - MARCOS F DA C. DIAS (São Paulo - SP) - MARCO A COSTA DE LIMA (Rio de Janeiro - RJ) - MAURO PERROT E SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - MARIA MADALENA DE C. FERREIRA (Rio de Janeiro - RJ) - MARIA THEREZA B. GOMES (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO F. DA CRUZ (Niterói - RJ) - MARCELO D. RODRIGUES (São Paulo - SP) - MARCIO CARDOSO (Rio de Janeiro - RJ) - MAX J. R. CAPELA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCIA L PIRES (Rio de Janeiro - RJ) - MAURÍCIO F. DE ALMEIDA (São Paulo - SP) - NEIF GHADBAN (Garça - SP) - NÉLSON A. SAVIANO JR. (São Paulo - SP) - MARCOS P MOURA (Rio de Janeiro - RJ) - OSEIAS NAVARRO (São Paulo - SP) - PAULO R. DE OLIVEIRA (Taboão da Serra - SP) - PAULO G. de MIRANDA (Marabá- PA) - PAULO L. A. CARVALHO (B. Horizonte - MG) - PAULO RL MOUBAYED (Rio de Janeiro - RJ) - PRISCILA MILANESE (São Paulo - SP) - PAULO J M. FERNANDES (São Paulo - SP) - PAULO A. S. FIGUEIREDO (São Paulo - SP) - RONALDO B DA SILVA (São Paulo - SP) - RINALDO DE A. BARROS (N. Iguaçu - RJ) - ROBERTO H JABUKI (São Paulo - SP) - ROSEMEIRE ABUD (São Paulo - SP) - REGINA C. GATI M. (São Paulo - SP) - ROMEU URIAS GOMES (Sao Paulo - SP) - RUBENS DE FREITAS JR. (São Paulo - SP) - ROBSON S DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - RITA DE C. V. RIBEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - REGINALDO J. DOS SANTOS (São Paulo - SP) - RICARDO G. PARAPELA (Rio de Janeiro - RJ) REGINALDO DE A. SILVA (São Gonçalo - RJ) - ROSALVO MAIA C. BRANCO (Fortaleza - CE) - ROSANA R GANDOLFO (São Paulo - SP) - ROBERTO DA SILVA RIBEIRO (Niterói - RJ) - SALPI BEDOIAN (Osasco - SP) - SERGIO R S. NASCIMENTO (Guarulhos - SP) - SOLANGE MIGNANELLI (São Paulo - SP) - SARAH DOS S. BERNARDO (Sao Paulo - SP) - SERGIO FORTUNATO (São Paulo - SP) - SUELI BENTO (SBC - SP) - SUELY F. LOPES (Rio de Janeiro - RJ) - SERGIO R DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - SUZANA B KLABFR (Rio de Janeiro - RJ) - TERESA ELOA CARDOSO DE SOUZA (Rio de Janeiro - RJ) - TONY R. FRANCISCO Campo Grande - MS) - ULISSES V. MENEGAZ (Uberlândia - MG) - VANEIDE V. SANTOS (Guarulhos - SP) - VALBER L. F RAMOS (B. Horizonte - MG) - VALDO VIEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - WANDER Y. N. HORI (Sao Paulo - SP) - NANCY ROBERTO (São Paulo - SP)

MENINA MIMADA - CARLY SIMON

AGILSON RIGOTTIS (S C. do Sul - SP) - ALTAMIR C. COSTA (Rio de Janeiro - RJ) - AZALRY A. GRAÇA JR. (Rio de Janeiro RJ) - ANTÔNIO P. EUTHYMION (Rio de Janeiro - RJ) - ANTÔNIO MÁRIO C. E SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXANDRE G SOARES (Niterói - RJ) - ANDRÉA ALVES (Rio de Janeiro - RJ) - ANA C F. BARBOSA (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXANDRE C. MACHADO (Rio de Janeiro - RJ) - ANÍZIO P REIS (Rio de Janeiro - RJ) - ANDRÉA MAGLIARI (Rio de Janeiro - RJ) - ABNER SEGALA (São Paulo - SP) - ANTÔNIO L. DA SILVA (Sao Paulo - SP) - AMAURI RAMOS (Sao Paulo - SP) - ANTÔNIO AFIF CHEHIN (São Paulo - SP) - ANTÔNIO M BUZUNAS (Sao Paulo - SP) - ADEIR A. ALVES (São Paulo - SP) - CLAUDIA CAVALCANTI (Rio de Janeiro - RJ) - CARLOS DE O RODRIGUES (Teresópolis - RJ) - CARLA V. VASCONCELOS S (Rio de Janeiro - RJ) - CRISTINA P MENDONÇA (Rio de Janeiro - RJ) - CARLOS A G. ACMERE (Campinas - SP) - CÉSAR S DE OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - CARLOS VICTOR M. LINO (São Paulo - SP) - CARLOS A S. PIMENTEL (São Paulo - SP) - CLÁUDIO SANT'ANNA DEZANI (São Paulo SP) - CRISTIANA V. DE O LIMA (São Paulo - SP) - CARLOS A. DA FONSECA (São Paulo - SP) - CARLOS E GARCIA SARCEDAS (S C. do Sul - SP) - CARLOS C S PEREIRA (Vila Velha - ES) - CARLOS H. FERRO (São Paulo - SP) CARLOS M R. MANRIQUE (São Paulo - SP) - CARLOS R TOLOVI (Sao Paulo - SP) - CECÍLIA Y. YASUDA (São Paulo - SP) - EZEQUIAS F. DE ALBUQUERQUE (São Paulo - SP) - CECÍLIA GROLLA (São Paulo - SP) - CLEÓPATRA A RAMOS (Sao Paulo - SP) - DENISE CAIADO MACHADO (Rio de Janeiro - RJ) - CÁTIA R SOARES (Rio de Janeiro - RJ) - DIRCEU C. FERNANDES (Guarulhos - SP) - DALGISA A. OLIVEIRA (Sao Paulo - SP) - ELOÍNA O. SANTOS (Aracaju - SE) - ÉDER MENEGUEL (Americana - SP) - ERASMO F. FILHO (Rio de Janeiro - RJ) - EUTA B. DA ROCHA (Carapicuíba - SP) - EDMUNDO D MAGALHÃES (Vitória - ES) - ELADIO M. GOMES (Sao Paulo - SP) - FAUSTO C. ALVIM REGO (Rio de Janeiro - RJ) - FLÁVIO J T. DE ALMEIDA (Rio de Janeiro - RJ) - FLÁVIA ILKA DO CARMO (Rio de Janeiro - RJ) - FRANCINEY FARIA LIMA (São Paulo - SP) - FÁBIO EIJI YAMAZAKI (São Paulo - SP) - FABIO N OMURO (Registro - SP) - FRANCISCO C. FEITOSA (São Paulo - SP) - GEOVA F. DA SILVA (Nova Iguaçu - RJ) - GONZALITO Z. CARDOSO (Londrina - PR) - GILBERTO R QUEIROZ (São Paulo - SP) - GÉRSON C. CHAVES (Rio de Janeiro - RJ) - GÉRSON PEDROZA (S C. do Sul - SP) - HENRIQUE C J. DE SOUZA (Salvador - BA) - HERMELINDA M DE SÁ LEITÃO (Araruama - RJ) - JOSE C. DE S. E SILVA (São Paulo - SP) - JOSÉ CARLOS S. GOMES (Carapicuíba - SP) - JOSÉ CARLOS FERNANDES (Carapicuíba - SP) - JÉFFERSON L M BATISTA (São Paulo - SP) - JORGE FRAGOSO (Sao Paulo - SP) - JORGE L G TEIXEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - JOSÉ O S. CARDINOT (Nova Friburgo - RJ) - JOEL SOARES (Rio de Janeiro - RJ) - JORGE LUIZ DE SOUZA (Rio de Janeiro - RJ) - JORDELINA DOS SANTOS (Rio de Janeiro - RJ) - KARINA WOICHUK (São Paulo - SP) - LUÍS ANTÔNIO DIAS (São Paulo - SP) - LUIZ C T PESSOA (João Pessoa - PB) - LUIZ E L DE VASCONCELOS (Rio de Janeiro - RJ) - MINA IODONO (São Paulo - SP) - MARCELO REBOLO (São Paulo - SP) - MARCEL JULIAN BONANATO (Osasco - SP) - MARIA DO C.S DOS SANTOS (Rio de Janeiro - RJ) - MARCUS V T. DE SÁ FREIRE (Rio de Janeiro - RJ) - MARCIA DE C. SCHLESTINGER (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO S. NARCISO (Niterói RJ) - MARCIO CORRÊA DUQUE (Rio de Janeiro - RJ) - MARCIO C. MARQUES G. (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO VALLIM LOPES (Rio de Janeiro - RJ) - MARCO A. SILVA DE ANDRADE (Niterói - RJ) - MAURÍCIO L. BORGES (Rio de Janeiro - RJ) - MARCUS V. DE AGUIAR (Tomás Coelho RJ) - MAURO D. DE OLIVEIRA (São Roque - SP) - MARCOS V. EIFLER (Porto Alegre - RS) - MARIA LUÍZA POLI (São Paulo - SP) - MARCELO K. MURAMATSU (São Paulo - SP) - MARIO A. BARAÇAL FARIA (São Paulo - SP) - MARCIO L.R. DA PAZ (São Paulo - SP) - MARCELO DE O NEVILLE (Volta Redonda - RJ) - MARCOS A DA C MELLO (Rio de Janeiro - RJ) - MARTHA DE P BARRETO (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO G. DE SIQUEIRA (Teresópolis - RJ) - MARIA CRISTINA DOS S. CHAGAS (Rio de Janeiro - RJ) - MÁRIO B G. MARTINS (Rio de Janeiro - RJ) - NILCE KAZAMA (São Paulo - SP) - OCTAVIANO A. BRUNOLINA (Sao Paulo - SP) - OSVALDO M. FILHO (Rio de Janeiro - RJ) - ORLANDO M P JÚNIOR (Rio de Janeiro - RJ) - PAULO C. OLÍMPIO (São Paulo - SP) - PAULO S. GUIMARÃES (São Paulo - SP) - PAULO J P ARJIAN (São Paulo - SP) - PANAIT T. DARIS (São Paulo - SP) - PALMIRA TEIXEIRA (Vargem G. do Sul - SP) - RODRIGO COSTA PEREIRA (Rio de Janeiro - RJ) - ROGÉRIO RIZZ DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - RENATO ALVES DE ARAÚJO (Uberaba - MG) - REINALDO A DE AZEVEDO (Rio de Janeiro - RJ) - RÓBSON L B CHAGAS (Nova Iguaçu - RJ) - ROSA KUMICO HARADA (São Paulo - SP) - RICARDO GUIMARÃES DE PAULA (São Paulo SP) - RICARDO R ALCÂNTARA F. (São Paulo - SP) - RICARDO JOSÉ ROSSI (São Paulo - SP) - RODOLFO SILVEIRA ROSSI (São Paulo - SP) - ROBERTO CHAVES (São Paulo - SP) - RÓBINSON L. DA SILVA (Araçatuba - SP) - ROSÂNGELA M. CALVI SILVA (Campinas - SP) - RAMON DE SOUZA (Osasco - SP) - RODRIGO S MERHEB (S B do Campo - SP) - RICARDO I. KELLER (São Paulo - SP) - RAMSÉS BUFFA (São Paulo - SP) - REGINA C. MORESI (São Paulo - SP) - ROBERTO C. DA SILVA (São Paulo - SP) - SOLANGE BADIM (Rio de Janeiro - RJ) - SÉRGIO LOPES BAPTISTA (Rio de Janeiro - RJ) - SARA I. BITTENCOURT (Rio de Janeiro - RJ) - SÉRGIO ARAKAKI (São Paulo - SP) - SÉRGIO FICHMAN (São Paulo - SP) - SUZANA NEUMANN (Sao Paulo - SP) SIMONE E H. GODINHO (Porto Alegre - RS) - SÉRGIO M AWOKI (Osvaldo Cruz - SP) - SÉRGIO A. DA SILVA (Carapicuíba - SP) - SÔNIA R A. SILVA (São Paulo - SP) - SHEILA F. MODESTO (São Paulo - SP) - SÉRGIO Y. ITAYA (Mogi das Cruzes - SP) - TERESA C P R. AZEVEDO (Rio de Janeiro - RJ) - TRICIA A. PINHEIRO (Niterói - RJ) - TONY MOURAD (Teresópolis - RJ) - VALDELICE M. DE LIMA (São Paulo - SP) - MARIA FERNANDA MESTIERI (São Paulo - SP) - VÍTOR BRUNO FILHO (Niterói - RJ) - VALTEMIRO B DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - WAGNER A CITRO (Rio de Janeiro - RJ) - WALTER ZUCCHINI JR (Sao Paulo - SP) - WÍLSON KIMIO TODA (Osasco - SP)

PERFECT - TRILHA SONORA DO FILME

ADRIANA MEDVEDEVU (São Paulo - SP) - ADRIANA A FONTES (Rio de Janeiro - RJ) - ADRIANA VANZILLOTTA (Rio de Janeiro - RJ) - ADRIANE C. DA S. PORTO (Rio de Janeiro - RJ) - ADRIANE C. DE ANDRADE (São Paulo - SP) - ADRIANE DALMASO (Guarulhos - SP) - AÍRTON REMBOSKI (Capanema - PR) - ALESSANDRA B. DE ALMEIDA (Uberlândia - MG) - ANTÔNIO RODRIGUES (Recife - PE) - ANA M DA C. TRIGO (Rio de Janeiro - RJ) - ANA PAULA P L. OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - ANNA L C. DE CASTRO (Sao Paulo - SP) - ANA R. AMBROSIO (Rio de Janeiro - RJ) - ANNA P M. DE LIMA (Rio de Janeiro - RJ) - ANA CRISTINA REIS (Rio de Janeiro - RJ) - ANDRÉ L N. VIANNA (Rio de Janeiro - RJ) - ANDRÉA R. DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - ALBERTO L A MARQUES (Rio de Janeiro - RJ) - ATILA F. DA SILVA (São Paulo - SP) - ALÍCIA G.A ARMADA (São Paulo - SP) - ADENILZE G VINHAES (Rio de Janeiro - RJ) - ALICE S OKAMA (São Paulo - SP) - ADRIANA P. SORIA (Rio de Janeiro - RJ) - CELESTE O. RAYMUNDO (São Paulo - SP) - CLAUDELAINE BARBOSA (Sao Vicente - SP) - CELY MORIYA (Londrina - PR) - CÉLIA A H KIYOHALA (São Paulo - SP) - CELSO CORDEIRO (Sta. B d'Oeste - SP) - CELSO T. TODA (Osasco - SP) - CLÁUDIA H R. SILVA (Pedemeiras - SP) CLAUDIA A. CRUZ (São Paulo - SP) - CLAUDIA M. LEONARDI (São Paulo - SP) - CLÁUDIO M M. CASTELLS (São Paulo - SP) - CARLOS STRICKER (São Paulo - SP) - CARLOS A. FERREIRA (Rio de Janeiro - RJ) - CRISTINA R.A. NISHITANI (São Paulo - SP) - CRISTINA M KASSAMA (São Paulo - SP) - CRISTINA DA C SALGUEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - CRISTINA M REIS (S J del-Rei - MG) - DURVAL C. FILHO (Vitória - ES) - DANIELA N PINELLI (Sao Paulo - SP) - DANIELA BIBIANI (Rio de Janeiro - RJ) - DÊNIS VIVIANI (São Paulo - SP) - DOUGLAS ALVARES (São Paulo - SP) - DEMIAN L. BENEVIDES (Recife - PE) - DENISE TONELLO (Sto. André - SP) - DENISE A. BELUFFI (Porto Feliz - SP) - DENISE FORMAGIO (Sao Paulo - SP) - ETIENE E. DE MELO (Salvador - BA) - EDUARDO T C. DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - EDUARDO UTAKA (São Paulo - SP) - ELIANE K H. SILVA (São Paulo - SP) - EDISON B RAGASSI (São Paulo - SP) - ELISIO SEKIA (Sao Paulo - SP) - ERICA SUZUKI (São Paulo - SP) - ELIANE A. SIMEÃO (Sto. André - SP) - EVERALDO DA S. DOS SANTOS (Salvador - BA) - ETHEL CIPELE (Sto. André SP) FABIANA FAVARIN (Piracicaba - SP) - FLÁVIA B PINTO (Rio de Janeiro - RJ) - GEORGE A. TOROUCO (São Gabriel - RS) - GIOVANNA GARCIA (Fortaleza - CE) - GISELA DELACROIX (Rio de Janeiro - RJ) - GERSON T MATSUDA (São Paulo - SP) - GERALDO L. DA SILVA JR (São Paulo - SP) - HARY H. SLESACZEK JR. (São Paulo - SP) - HAROLDO S. DE OLIVEIRA (Sorocaba - SP) - HÉLIO N G. FILHO (Rio de Janeiro - RJ) - HELENA K HATSUMURA (Sao Paulo - SP) - ISRAEL M DE SOUZA (São Paulo - SP) - IVANA VIEIRA (São Paulo - SP) - IRINEU BERETTA JR (Araras - SP) - JACQUELINE F. SARAIVA (Rio de Janeiro - RJ) - JOAO C. DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) KATIA R S DA ROCHA (Rio de Janeiro - RJ) - KATIA A. DOS REIS (São Paulo - SP) - KASSIA V MIRANDA (Salvador - BA) - KIYOKA TAKEUTI (São Paulo - SP) - KEIKO DE C. KANEGAE (Goiânia - GO) - LUCIA M AOKI (São Paulo - SP) - LUCIA N DE OLIVEIRA (Santos - SP) - LUCIENE T. DA SILVA (Brasília - DF) - LUCIANE B BOCK (Porto Alegre RS) - LAURA S DE LIMA (Rio de Janeiro - RJ) - LAURA R. DE OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - LINDEMANN JULIETTE (Rio de Janeiro - RJ) - LÍLIAN R. CAMPOS (Rio de Janeiro - RJ) - LIA YADOYA (São Paulo - SP) - LUISA H. CARDOSO FERRÃO (Rio de Janeiro - RJ) - LILYANNA YANG (São Paulo - SP) - LILIANE C. DE CAMPOS (São Paulo - SP) - LILIANE SIMÃO (Sto. André - SP) - LUIZ M M DE MORAES (B Horizonte - MG) - LISMEIRE DE MOLINA (São Paulo - SP) - MARIA C DA SILVA (Carnacica - ES) - MARIA DA G F RODRIGUES (Rio de Janeiro - RJ) - MARIA A B DE RESENDE (Araxá - MG) - MARIA ANTÔNIA CALHEIROS (São Paulo - SP) - MÔNICA H. SAITO (São Paulo - SP) - MARCELO A. MULLER (Rio de Janeiro - RJ) - MITIKO YAMAMOTO (Sao Paulo - SP) - MARA C F GOMES (Sorocaba - SP) - MARLI A. QUIM (Aparecida do Taboado - MS) - MIRALVA M. SILVA (Sao Paulo - SP) - MÁRCIA MAISTO (São Paulo - SP) - MARGARETE R. DE LIMA (São Paulo - SP) - MARIO S L CASTRO (B Horizonte - MG) - MARCIO L DOS SANTOS (Vitória - ES) - MAURÍCIO A. CINCOTTO (Itapui - SP) - MARCO A L. ROSA (São Paulo - SP) - MARCOS M TAKAHASHI (São Paulo - SP) - MÔNICA C. SCHWARZWALD (São Paulo - SP) - MÔNICA K. KOMIYAMA (São Paulo - SP) - MIRIAN C. SIMÕES (São Paulo - SP) - MARTA C. DE MATOS (Rio de Janeiro - RJ) - MARTHA J S DA ROCHA (Rio de Janeiro RJ) MARINA N. GRANDE (Brasília - DF) - NEUSA SASAKI (São Paulo - SP) - NÉLSON F. BRANDÃO (São Paulo - SP) - PATRICIA N S SIQUEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - PATRICIA OLIVIERI (São Paulo - SP) - PATRÍCIA D A. DE CARVALHO (São Paulo - SP) - RUBENS CHIAVEGATI JR. (Sao Paulo - SP) - RUI M. COSTA (Aracaju - SE) - RITA DE C. PINTO (Ribeirão Preto - SP) - REGINA N. HARA (São Paulo - SP) - RENATO C MOREIRA (Batatais - SP) - ROBERTO C. PORTELA (São Paulo - SP) - ROBERTO C.B MARTINS (Joao Pessoa - PB) - RONALDO A DE ALBUQUERQUE (Niterói - RJ) - ROGÉRIO M MARTINS (Rio de Janeiro - RJ) - SIMONE F. DOMINICE (Rio de Janeiro - RJ) - SIMONE F. CAVALCANTI (Rio de Janeiro - RJ) - SILVIA M V MARTINS (Álvares Machado - SP) - SIMONE F. DOS REIS (São Paulo - SP) - SANDRA P GUEDES (Jacareí - SP) - SANDRA M. INOVE (Suzano - SP) - SUZIE E BELCHIOR (Sao Vicente - SP) - SÍLVIO K. SAKAI (Itapetininga - SP) - SÔNIA K. ITO (São Paulo - SP) - SELMA O DE SOUZA (Rio de Janeiro - RJ) - SATSUKI YOSHIOKA (São Paulo - SP) - SYLVEANE DE CASTRO (São Vicente - SP) - THEREZA C. PEGORARO (São Paulo - SP) - VÂNIA DE O. RODRIGUES (Governador Valadares - MG) VLADIMIR J DE OLIVEIRA (Sto. André - SP) - VALDEMAR M UCHIDA (São Paulo - SP) - VALDECI ANÇANELLO (Rio Claro - SP) - WARLEI M FARIA (Rio de Janeiro - RJ) - YUKI UTSUNOMIYA (São Paulo - SP)

INDUSTRIA DO ROCK

ALEX A DE MESQUITA (Rio de Janeiro - RJ) - ANA CRISTINA DE S CERQUEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXANDRE A DE SA (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXANDRE B FERREIRA (Itaboraí - RJ) - ALBERT C. HEIN (Rio de Janeiro - RJ) - ANTÔNIO J E. DE SANT'ANNA (Rio de Janeiro - RJ) - ALFREDO A DA S FILHO (Rio de Janeiro - RJ) - ALEXANDRE N SEVERINO (Rio de Janeiro - RJ) - ANDRÉ E. TORRES (Rio de Janeiro - RJ) - ANTÔNIO A C. PINHEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - ANTÔNIO C P FLORENZANO (Nova Friburgo - RJ) - ARY A M PEIXOTO (Rio de Janeiro - RJ) - ALESSANDRO DO A. E SILVA (S. B. do Campo SP) ARTUR A L. CASTRO (Belo Horizonte - MG) - ANA CLAUDIA B. DE ALMEIDA (Uberlândia - MG) - ANIEL C. CUSTODIO (São Sebastião - SP) - ALEXANDRE TOMITA (S J dos Campos - SP) - ALBERTO SOUZA (São Paulo - SP) - ADILSON DA SILVA (São Paulo - SP) - ARMINDO L. DOS SANTOS (São Paulo - SP) - ANDRESSA B OLIVEIRA (São Paulo - SP) - CLÉBER E M DOS SANTOS (São Paulo - SP) - CARLOS H. SARTORI (São Paulo - SP) - CRISTINA V. CORDEIROS (São Paulo - SP) - CLAUDINEI ISHARA (São Paulo - SP) - CAIO E M COELHO (São Paulo - SP) - CARMEN CORDEIRO (Sta B d'Oeste - SP) - CLAUDINEI A. DA COSTA (Indaiatuba - SP) - CARLOS ALBERTO DOS SANTOS (Vitória ES) - CLÓVIS FRIOLANI (Mauá - SP) - CÉSAR A TIBURCIO (Cotia - SP) - CLÉVERSON P. GOMES (B Horizonte - MG) - CARLOS E ZAGO (Jaú - SP) - CRISTIANO F JACQUES (Rio de Janeiro - RJ) - CLOTILDE M A SAMPAIO (Rio de Janeiro - RJ) - CHRISTIANE B.C. SANT'ANNA (Rio de Janeiro - RJ) - ESTEVÃO G P DE ABREU (Rio de Janeiro - RJ) - ELESBÃO F. PONTES (Rio de Janeiro - RJ) - EDÍLSON V MARTINS (São Paulo - SP) - EDÍLSON V. FERREIRA (São Paulo - SP) - EXUPÉRIO F. SANTOS (São Paulo - SP) - EDUARDO S. NETO (São Paulo - SP) - FLÁVIO A. DE CARVALHO (Rio de Janeiro - RJ) - FLÁVIO V. SOARES (São Gonçalo - RJ) - FÁBIO DOS S S DE MOURA (Rio de Janeiro - RJ) - FERNANDO M T. FERNANDES (Rio de Janeiro - RJ) - FLÁVIO R GOUVEIA (Recife - PE) - FABIO L. LERA (Sto. André - SP) - CRISTINA L P. FARIAS (Rio de Janeiro - RJ) - CARLOS E G. OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ) - DENYS W B DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - DACIA B DACOSTA (Campos - RJ) - DECIO A. RIZATTO (Pedemeiras SP) - DANUZA RICCI (São Sebastião - SP) - DEITMAR HILLE (Jaraguá do Sul - SC) - DANÍSIO P MUNARI (Orlândia - SP) - ÉDSON A. AMARAL (Guarulhos - SP) EVERLANGE A LEITE (Imperatriz - MA) - ELIEL R DE LIMA (Cáceres - MT) - ERNANI PEZZI (Porto Alegre - RS) - FABIANO N. BRANDALISE (Ponta Grossa - PR) - FERNANDO I TODA (Osasco - SP) - GILMAR A BETTIO (Ivaiora - PR) - GILBERTO F. AOKI (Mirandópolis - SP) - GILNEI P. DA COSTA (Taguatinga - DF) - GILMAR MACHADO (Cabo Frio - RJ) - GUSTAVO A.A. SANTOS (São Paulo - SP) - GISLENE DA ROCHA (São Paulo - SP) - HÉLIO FRANGASSE (São Paulo - SP) - HENRIQUE R. DE CARVALHO (Campo Grande - RJ) - IRAN O. GUIMARÃES (D. de Caxias - RJ) - ITENIL S. MACHADO (Rio de Janeiro - RJ) - INÊS TEIXEIRA (Naruque - MG) - IVAN A MARTINS (Porto Alegre - RS) - IVANIR MARINHO (São Paulo - SP) - ILDENE MARTINS (São Paulo SP) - JOAO H P. DE SOUZA (Salesópolis - SP) - JADER SOSSA DE LIMA (Jaguaré - ES) - JOSÉ A LISBOA (Mirandópolis - SP

JOAO CARLOS P FERRAZ (Araçatuba - SP) - JOSÉ R. SILVEIRA (Garça - SP) - JOAO A. GONÇALVES (Guarujá - SP) - JOSÉ F. NETO (S B do Campo - SP) - JOSÉ A. DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - JOAQUIM V. DOS SANTOS JR. (São Paulo - SP) JOSÉ P DA S FILHO (Sao Paulo SP) - JORGENIL B. RANGEL (Niterói - RJ) - JULIO C. HERNADES (São Paulo - SP) - JOAO RODRIGUES FILHO - (Sao Paulo SP) - KATIA BONEGO (Sao Paulo - SP) - LEILA Z VIDEIRA (Sao Paulo - SP) - LUIS G DE M BRASIL (Rio de Janeiro - RJ) - LUIZ M DE MELLO (Rio de Janeiro - RJ) - JURACY C S. FILHO (Itamaraju - BA) - LEESI A DA SILVA JR (Rio de Janeiro - RJ) - LUIS C. GOMES (Rio de Janeiro - RJ) - LAERTE L. LUSTOSA (Rio de Janeiro - RJ) - LUCIANO DA R RUPERTI (Rio de Janeiro - RJ) - LEONARDO C MACARIO (Niterói - RJ) - LANDRI SCHETTINI (Nova Friburgo - RJ) LUNA S P C LEITE (Rio de Janeiro - RJ) - KETLEIN T. AMORIM (Rio de Janeiro - RJ) - LAURO R DA SILVA (Rio de Janeiro RJ) - LUIZ C F. DA SILVA (Araçatuba - SP) - LUZIA C F. DE SOUZA (São Paulo - SP) - LUCIANO M SANTANA (Cachoeiro ES) - MONICA DE ANDRADE (Curitiba - PR) - MARCELO BORGES (Cachoeira do Sul - RS) - MARCIO R DA ROSA (Brasília DF) - MURILO S ROBALLO (Brasília - DF) - MARCOS S MACHADO (Florianopolis - SC) - MARCELO C. DE OLIVEIRA (Fortaleza - CE) - MAMEDE J. GHADBAN (Garça SP) - MARCO A S. ALMEIDA (Salvador - BA) - MANOEL M. DE S FILHO (Itapeci - SP) - MURILO DE A S OLIVEIRA (Rio de Janeiro - RJ) MARK BARCINSKI (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO S P E CUNHA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCIO A L. SILVA (Niteroi RJ) - MIGUEL TRINDADE JR (São Paulo - SP) - MARCELO H EMED (Rio de Janeiro - RJ) - MARCIO M DE MELLO (Rio de Janeiro - SP) - MARLEY A DE SA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCO A L SANTOS (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELO REINA (Rio de Janeiro - RJ) - MARCELLO F. KINGSTON (Rio de Janeiro - RJ) MARCELO P E SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - MICHELE K PLACENTI (Rio de Janeiro - RJ) - MAURÍCIO C COSTA (Sao Paulo SP) - MARCELO TANABE (São Paulo - SP) - MÁRCIO F. DE AGUIAR (São Paulo - SP) - MANUEL P. FURTADO (São Paulo SP) - MAURICIO ESCOBAR (São Paulo - SP) - MARCO A DE ALBUQUERQUE (Sao Paulo - SP) - MARIA A S DE OLIVEIRA (São Paulo - SP) - MARCELO REBOLO (Sao Paulo - SP) - MARIA A V. DE CARVALHO (São Paulo - SP) - MARIA CRISTINA GIGLIO (Sao Paulo - SP) - MARCOS R PICCO (São Paulo - SP) MALVINA F DOS SANTOS (São Paulo - SP) - MAURO TOSCANO (São Paulo - SP) - MOISES MAIRINHO (Sao Paulo - SP) - NADIA M JANUARIO (Sao Paulo - SP) - NILSON VELARDO (Sao Paulo - SP) - NEWTON T DE SOUZA (Sao Paulo - SP) - NELI A RAINERE (Sao Paulo - SP) - NILSON M DA S FILHO (Rio de Janeiro - RJ) - NEMIAS S. DA SILVA (Rio de Janeiro - RJ) - NADJA C. SAMPAIO (Rio de Janeiro - RJ) - NELSON BAPTISTA JR (Sao Sebastião - SP) - ODAIR F DOS SANTOS (Ferraz de Vasconcelos - SP) - ORLANDO F BARROS JR. (Salvador - BA) - OCTAVIO M MACHADO (Sao Paulo - SP) - PAULO R F CORRÊA (São Paulo - SP) - PAULO S HIGA (Sao Mateus - SP) - PERCI A GONÇALVES (Mogi das Cruzes - SP) - PAULO H. FRAMBACHI (Rio de Janeiro - RJ) - PATRICIA SCHNEIDER (Rio de Janeiro - RJ) - RAIMUNDO NONATO DE A JR (Rio de Janeiro - RJ) - ROSÂNGELA DE M FONTES (Rio de Janeiro - RJ) RICARDO F MACHADO (Rio de Janeiro - RJ) - RICARDO C. LOPES (Rio de Janeiro - RJ) - REGINA H. DE A VAZ (Rio de Janeiro - RJ) - ROBERTO L L PETRUCCI (Rio de Janeiro - RJ) - ROSA M DA SILVA (Recife - PE) - ROBERTO P DE SOUZA (São Sebastião - SP) RENATO J DE ALMEIDA (Sao Paulo - SP) - ROGÉRIO F MELO (Sao Paulo SP) - RENATO R LEITE (São Paulo - SP) - ROGÉRIO JR TAVARES (São Paulo - SP) - ROGERIO B. MORENO (Sao Paulo - SP) - SANDRO RETZLAFF (Joinville - SC) SANDRA KATSUKI (Araçatuba - SP) - SERGIO M YAMAMOTO (Registro - SP) - SERGIO Y. KIKUCHI (Taguatinga - DF) SERGIO L. DE A SOARES (B Horizonte - MG) - SILVIO L. RIBEIRO (Londrina - PR) - SIDAIS G. VIEIRA (Niterói - RJ) - SONIA A VALEU (Rio de Janeiro - RJ) - SYLVIO PASSOS (Sao Paulo - SP) - SANDRO D L CARNEIRO (Rio de Janeiro - RJ) - SERGIO A. DE QUEIROZ (São Paulo - SP) - SONIA R. ANZELA (São Paulo - SP) - SYDNEI FEITOSA (Sao Paulo SP) - TETSUO HIGASHINO (São Paulo - SP) - TERCIO DE CAMPOS (São Paulo SP) - TAIRONE L. COUTO (Cordeiro - RJ) - URI DAYAN (São Paulo - SP) - URES E FOLCHINI (Sao Paulo - SP) - VIVIANE G GERALDO (São Paulo - SP) - VALDEIR L DE OLIVEIRA (Sao Paulo - SP) - VOLMIR V DE MEDEIROS (Rio de Janeiro - RJ) VALDIR RODRIGUES (Rio de Janeiro RJ) - VALDEMIR B DOS SANTOS (Guarulhos - SP) - VICENTE V ZANNY (Santos SP) - WAGNER G PINHEIRO (São Paulo SP) - WALDIR RIBEIRO (Campicuiba - SP) - WILLIAN R. DE LIMA (Rio de Janeiro RJ) - WILSON S MARCORIO (São Paulo - SP) - WANDREA G DE S PESSOA (Rio de Janeiro - RJ)

PROMOÇÃO "QUAL O SOM QUE FAZ SUA CABEÇA?" GANHADORES - MICROS

Segue abaixo a lista dos ganhadores de microcomputadores publicada em BIZZ n.º 2.

DITMAR IDEKER (Blumenau - SC) - ELIZABETH STANKUNAS (São Paulo - SP) - FRANCISCO G DA SILVA (São Paulo SP) - JOSE A. NETO (Aracaju - SE) - LEONARDO P. DE A FILHO (Brasília - DF) - LUCIMAR A DE ARAÚJO (Guarulhos - SP) - MARCIO M JOAQUIM (Martha - SP) - MARCELO P. E SILVA (D. de Caxias - RJ) - MANUEL A QUEIROZ DA SILVA (Natal - RN) - OSVALDO C SOARES (Rio de Janeiro - RJ) MARCUS E CORRÊA (São Paulo - SP) - ROGÉRIO KEHL (Brasília - DF) - ROSELY C ZACHARKIV (São Paulo - SP) - ROQUE L M DAUDT (Porto Alegre - RS) - WANDER N. FROTA (Fortaleza - CE)

FINALMENTE!

STEVIE WONDER

APÓS 5 ANOS JÁ CHEGOU O NOVO ÁLBUM

IN SQUARE CIRCLE

INCLUINDO O SUCESSO PART-TIME LOVER

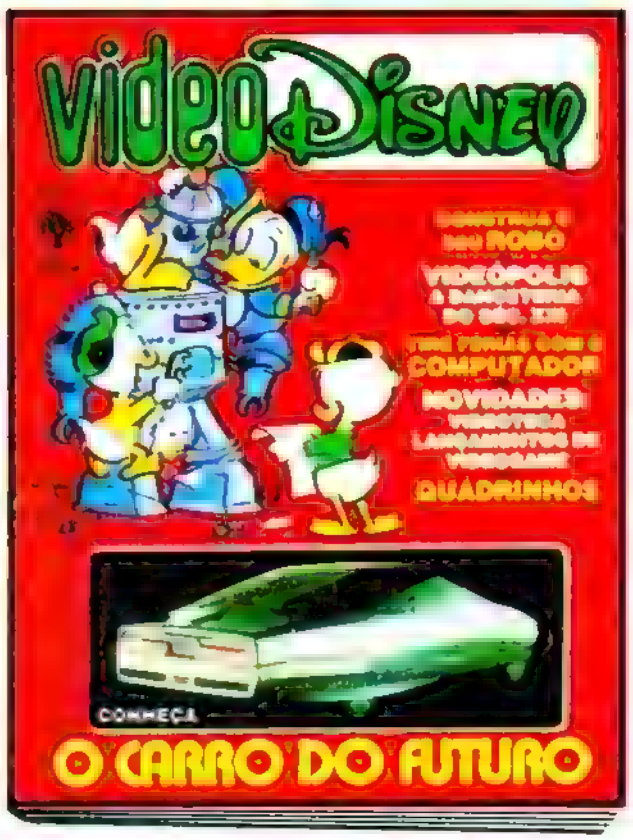
em LP e K7

RCA

MOTOWN

Não perca este programão!

Esta Edição de Video Disney está sensacional, falando tudo sobre micros, programas, videogames, videocassetes e muito mais. Tudo isso na linguagem mais gostosa que existe, pra você se divertir e guardar na memória.



Nas bancas

EDITORA ABRIL

CARTAS E SI

LUSOS

Uma sugestão: uma matéria sobre a MPP (música popular portuguesa) e o rock português; não podemos negar a importância deles e, infelizmente, seu total desconhecimento por parte do público brasileiro (...) Com referência ao grupo O Trovante, uma amiga de Portugal me informou que eles teriam (ou já tiveram) um LP lançado no Brasil
Sidney Valadares
(Rio de Janeiro - RJ)

Boa idéia, Sidney. De fato são muitas e boas as bandas lusas, desde os Heróis do Mar e Rádio Macau, que você cita, até o GNR, o UHF, o Telectu... Quanto ao Trovante, não sabemos de nenhum disco do grupo lançado ou programado no Brasil. Uma boa pedida para quem gosta de música com elementos do folclore é o LP Estrada da Luz, *do flautista português Rão Kiao, que a Polygram lançou há pouco tempo. Aguarde a matéria sobre o rock de Portugal, em um dos próximos números de BIZZ.*

DURAN COMPLETO

Estou escrevendo porque gostaria de pedir a discografia completa e a videografia do Duran Duran.
Dulcinéia Batista de Melo
(Araras - SP)

A discografia do Duran é a seguinte, Dulcinéia: o primeiro LP, que leva apenas o nome da banda, é de 81 (desse ano, além das músicas do álbum, existem as seguintes, apenas em compacto: "Late Bar", do lado B de Planeth Earth: *"Khanada", do lado B de* Careless Memories: *e "Faster Than Light", do lado B de* Girls on Film*). Rio é o LP de 82 (ausente do álbum: "Like an Angel", lado B do compacto com "My Own Way"). Em 83 lançaram* Seven and the Ragged Tiger *(e as faixas "Secret Oktober", lado B do compacto* Union of the Snake; *e "Is There Something I Should Know?" e "Faith in this Colour", juntas em um único compacto). Finalmente, lançaram* Arena, *álbum gravado ao vivo, de 84, que inclui uma versão de "Is There Something..." e uma faixa de estúdio: "Wild Boys". Todos os LPs e o compacto com "Is There..." saíram no Brasil. O grupo tem também dois vídeos: um que tem o seu nome, e reúne os clips das músicas "Rio", "Planeth Earth", "Lonely in your Nightmare", "Careless Memories", "My Own Way", "Hungry Like the Wolf", "Night Boat", "Girls on Film", "Save a Prayer", "The Chauffeur" e "Is There..."; e outro mais recente, com os clips de "Union of the Snake", "New Moon on Monday" e "The Reflex"*

MÚSICOS

Estou formando um grupo e procuro um baterista e um baixista entre 12 e 14 anos. Falar com **Fabiano, no período da tarde, tel. 532-1412. São Paulo - SP.**

Tenho um conjunto que se chama Brilho do Amor, já com três vocalistas, e estou procurando um guitarrista e um baterista. **Cláudia da Silva, r. Moacir Salles D'Avila, 963, CEP 06000. Osasco - SP.**

Estou procurando um baixista, um guitarrista e um baterista (iniciantes ou não) entre 12 e 15 anos, para formar um conjunto. Falar com **Ricardo, tel. 227-4461. Rio de Janeiro - RJ.**

INSTRUMENTOS

Estou interessado em comprar um baixo. Quem tiver algum usado escreva pra mim. **Edson Machado da Rocha, praça Barão de Ayuruoca, 244A, CEP 36640. Mar de Espanha - MG.**

FÃ-CLUBES

Alceu Valença Fã-Clube Alceu Valença. A/C Aílton Carneiro Rios, r Daniel Amaral Abreu, 10-A, CEP 03671. São Paulo, SP

Kim Carnes Fã-Clube Kim Carnes. A/C Giovana F. Gonçalves, r Saldanha Marinho, 577, CEP 96200. Rio Grande - RS

Bruce Springsteen e **Bob Dylan**

RVIÇOS

Fã-Clube "Bruce Dylan". Av. Presidente Vargas, 1463, CEP 79100 Campo Grande - MS

Tina Turner Tina Turner Fan Club & Promotion. A c Sandra Landioze Capucho, caixa postal 241, CEP 09700. S.B. do Campo - SP.

Ultraje a Rigor Independente e Ultrajante Clube. R. Maria Amália, 591, apto. 312. CEP 20510. Rio de Janeiro - RJ

Blitz Blitz Atividades. R. Francisco Pereira, 304, CEP 21830. Rio de Janeiro - RJ

DISCOS, POSTERS, FITAS...

Troco ou compro letras de música, posters, recortes de revistas (importados ou nacionais), adesivos, fitas em vídeo VHS, enfim, qualquer coisa que se refira ao B-52's. **George 52's, r. Júlio Resende, 20, CEP 59000. Natal - RN.**

Possuo, há quinze anos, um imenso arquivo musical, contendo as mais variadas informações sobre heavy metal, blues, folk, country, funk, acid-rock, rock eletrônico, rock progressivo, música clássica, MPB, musica instrumental brasileira, jazz, jazz-rock. Tenho também informações sobre equipamentos, biografias e discografias. Quem precisar de uma informação pode escrever. Mas não se esqueça de enviar os selos para a resposta. **Mauro Brandão Wermelinger, r. Pinto Teles, 387, bloco A, apto. 402, CEP 21341. Rio de Janeiro - RJ.**

Troco o disco *The Dark Side of the Moon* do Pink Floyd pelo *Slide It In* do Whitesnake ou qualquer outro do grupo. **Simone Ap. Rossini, r. Dr. Firmo L. de Vergueiro, 87, Jardim Fátima, CEP 13600. Araras - SP.**

Tenho um imenso arquivo de letras de músicas americanas antigas e recentes de todos os gêneros, grupos e interpretes que gostaria de trocar. **Carlos Giroto, r. Leopoldina, 215/103, CEP 20750. Rio de Janeiro - RJ.**

FALTA ESTE MICRO

É só responder:
QUE SOM VAI ROLAR NO FUTURO?

A revista Bizz vai dar 15 microcomputadores TK 90 X, da Microdigital, para as melhores respostas. Para participar basta fazer a sua profecia sonora: fale do gênero musical , da banda, do cantor, da cantora ou de qualquer outra coisa que, na sua opinião, estara fazendo sucesso no futuro Vale tudo. O futuro pode ser amanhã, daqui a cem anos ou quando a sua imaginação desejar. O que importa e que você viaje no tempo e ponha no papel o que viu e ouviu No mínimo 5 linhas e no máximo 20. Uma comissão julgadora, formada por jornalistas da revista Bizz, escolherá os 15 textos mais criativos. Cada um deles será premiado com um TK 90 X, da Microdigital, no valor atual de Cr$ 1 700 000 Leia com atencão o regulamento abaixo e participe

REGULAMENTO

A promoção Bizz " Que som vai rolar no futuro?" é aberta a todas as pessoas que queiram partic par, exceto funcionários da Editora Abril e seus parentes. Para concorrer o participante deverá responder à pergunta "Que som vai rolar no futuro?
As respostas deverão ser datilografadas, contendo 5 linhas no mínimo e 20 linhas no máximo
As respostas deverão ser enviadas pelo correio para: PROMOÇÃO B ZZ/"QUE SOM VAI ROLAR NO FUTURO?" - CAIXA POSTAL 2372 - CEP 01000 - SÃO PAULO - SP.
Concorrerão apenas as cartas que chegarem à redação de Bizz até o dia 24 de dezembro de 1985
A se eção e a escolha dos textos serão feitas por uma comissão julgadora formada por jornalistas da revista B zz
Cada participante poderá concorrer com apenas uma resposta Para efeito de julgamento, será obedecido um critério de clareza objetividade e, principalmente, criatividade dos textos.
Os trabalhos env ados não serão devolvidos
A revista Bizz premiará os 15 melhores textos com um microcomputador TK 90 X, da Microdigital, no va or de Cr$ 1.700 000
O resultedo será publicado na revista Bizz nº 8 e comunicado por carta aos vencedores
Os prêmios serão entregues aos ganhadores na sede da Editora Abril, sito à Rua Geraldo Flausino Gomes, 61 São Paulo SP ou através de seus representantes em outros estados ou ainda nos domicilios dos contemplados
A Promoção Bizz " Que som va rolar no futuro?" é de natureza exclusivamente cultural, sem qualquer modalidade de sorte ou pagamento pelos concorrentes, nem v ncu ação destes ou dos contemplados à aquis ção ou uso de qualquer bem ou serviço

Preencha este cupom ou copie seus dados em folha à parte e envie, juntamente com a resposta, para: Promoção Bizz/"Que som vai rolar no futuro?" Caixa Postal 2372 - São Paulo - SP - CEP 01000. Bizz nº 5

Você já participou de alguma promoção da revista Bizz? Sim ☐ Não

Nome

Endereço

Cidade **Estado** **CEP**

Telefone **Bairro** **Sexo**

Foto Estúdio Abril

THE DOORS

ELEKTRA/WARNER - (1967)

Venice, Califórnia, julho de 65. Ray Manzarek, 30 anos, tecladista, encontra na praia seu amigo James Douglas Morrison, 21 anos, estudante na Universidade da Califórnia, amante da poesia de Blake e da filosofia de Nietzsche. Jim diz a Ray que anda compondo poemas. E canta uma estrofe: "Vamos nadar para a lua/ Vamos montar a maré/ Penetrar no fundo da noite/ Que o sono da cidade esconde". Ray perde a respiração. Conversam. E naquele dia, na praia, surge o conceito/ idéia/ banda The Doors, em cima de uma expressão de um poema de Blake e do livro de Huxley sobre a mescalina, *As Portas da Percepção*. Louvado seja aquele dia. E maldito. Porque com os Doors nasceu uma das mais espantosas viagens, na história da música popular, em torno de temas perenes: medo, terror, pavor, violência, a culpa sem possibilidade de redenção, os desencontrados do amor e a inevitabilidade da morte.

O magnetismo animal e manipulações do inconsciente coletivo de Morrison excitavam homens e mulheres a níveis de absoluta selvageria. Era uma atmosfera lisérgica, um eterno "retorno do reprimido", uma catarse ritualística, uma política carregada de eletricidade.

The Doors, lançado nos EUA em janeiro de 67, com a psicodelia rachando os neurônios da garotada planetária, já continha todas as sementes da destruição posterior. Ainda hoje, pode ser considerado o grande álbum daquele ano mágico, mais devastador do que o antológico *Sargeant Pepper* e um dos cinco maiores LPs de rock em todos os tempos. No Brasil — vergonha! — saiu em pequena tiragem, pela WEA, esgotou e não foi reeditado até hoje.

O melhor álbum dos Doors é sempre o que está tocando na nossa cabeça, seja a coletânea de hits *The Doors* (saiu no Brasil), o clássico *L.A. Woman* (idem) ou um pirata australiano como *The Doors Archive* (o som é ruim mas as performances são do balaco). A obra-prima de 67, que fundiu todos os circuitos do produtor Paul Rothschild, tem o mérito de apresentá-los em estado bruto: a guitarra fluida de Robbie Krieger, a bateria segura porém jazzística de John Densmore, o teclado de fundo-de-garagem — cósmica em que Manzarek dedilha contrapontos e os urros, gritos primais, deboche, sofrimento e poesia das esferas de Morrison. Tudo isso gravado em quatro canais!

O negócio dos Doors era *hard rock* com sobretons psicodélicos. Nos improvisos, viravam uma banda de blues elétricos que ficaria à vontade em qualquer madrugada de bar. Jim tirava algumas de suas letras de Nietzsche, o lúcido mais louco da história do pensamento humano. Combinava Nietzsche com um pouco de psicologia e uma série de grandes imagens — mar, sol, terra, monte. Esta era a terapia que recomendava ao público fascinado: vamos ser mais reais (uma de suas primeiras canções é "You Make Me Real"), cortar os laços com o *establishment*, nadar nas emoções, sofrer uma morte e renascimento simbólicos, e prosseguir como novos seres, livres do pesadelo da História e dos traumas pessoais.

The Doors tem desde um feroz "blues de homem branco" ("Back Door Man") ao hino de uma geração inteira ("Light my Fire"), com seu imaginário baseado nos elementos vitais e a antológica progressão clássica do órgão de Manzarek, passando pelas intimações poéticas de "Moonlight Drive". Mas o bombardeio de napalm na psique é mesmo "The End".

"The End" é o drama edipiano de Morrison expurgado em vinil. É o fim de todas as regras, "planos elaborados", o fim "da escuridão e das luzes suaves", quando Morrison toma uma carona no "ônibus azul" da psicodelia, mata o pai e transa com a mãe, enquanto os Doors, no fundo, constroem uma paisagem sonora alucinógena orientalizante. Depois do fim, seu inferno, Morrison viveu o purgatório: caiu no álcool pesado, virou paródia de si mesmo, produziu outras obras-primas em flashes de lucidez, foi a Paris perseguir uma fantasia literária e acabou morrendo em uma banheira aos 27 anos. Triste final. Mítico final. Heróico final. *Pepe Escobar*

Editora Abril

Editor e Diretor VICTOR CIVITA

Diretores Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Lor..., Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente Angelo Ross

Diretor de Grupo Carlos Arruda

REDAÇÃO

Chefe de Redação José Eduardo Mendonça

Editor José Emilio Rondeau

Consultor Especial José Augusto Lemos

Secretário de Redação Roberto Wagner Pereira Perucc

Repórter Luisa de Oliveira

Chefe de Arte Cristina Canabrava Arruda, **Chefe de Paginação** Rodolfo Tucci, **Diagramador** Caeber V. Garcia

Produtor de Texto Jorge Toth

Assistentes de Promoções Ana Lucia Dip Delion, Sônia Maria

Colaboradores - Texto Alex Antunes, Alexandre D'res, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Gullo, Carmen Pereira, Leopoldo Rey, Marco Antônio de Menezes (New York), Mauricio Bonas, Miguel Barella, Ormuzd Alves (Londres), Pepe Escobar, Silvano Michelino (Paris), Tom Leão

Fotos Angelo Pastorello, Claudia Damas, Geraldo Luis Gomes, Mauricio Valladares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente Miriam Milton, **Escritórios - Milão** Laura Censi, Internationa Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02 54 56331 e 54 56212 20122, Milano, Telex 331585 e 332809, **Nova York** Odilo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 23 670, Phone (212) 5990 5993, **Paris** Pedro de Souza, 33 av. Champs Elysées 2, Bureaux 213 bis 214, Paris 74008, Phone 42 25 58 65, Telex ABRIL PA 5607311

Departamento de Documentação - Gerente Auta Rojas Barreto

Serviços Fotográficos - Gerente Pedro Martinelli

Gerente Comercial Sandra Camelier

Gerente de Publicidade Carlos Alberto F. de Araújo

Representantes Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade

Coordenadora de Publicidade Rosângela Garcia de Souza Lima

Rio - Gerente Getulio T. Batista, **Representante** Raimundo Maia

Belo Horizonte Valter Cruz Gonçalves

Brasília Gilberto Amaral de Sá

Curitiba Angelo A. Costi

Florianópolis Geraldo Nilson de Azevedo

Fortaleza Alcysio Canani Filho

Porto Alegre Ercenho Engel

Recife Edmilson R. Oliveira

Salvador Fernando Loureiro

Gerente de Anúncios para Terceiros Vitorio Castaroli Filho

Diretor de Propaganda Roberto Pedroso

Diretor Administrativo Pedro Frazão

EDITORA ABRIL

Diretor Editorial Adjunto Alberto Dines

Diretor de Marketing Publicitário Julio Cos...

Gerente de Promoção e Vendas de Espaço Haydee Gomes Guerson

Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado Sonia Novinsky

Diretor Adjunto da Circulação Roberto Galvano

Diretor do Escritório Brasília Luiz Edgar P. Tostes

Diretor do Escritório Rio de Janeiro Sebastião Martins

Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais Dreyfus Soares

Diretora Responsável Liège de Lima Dória Castelo

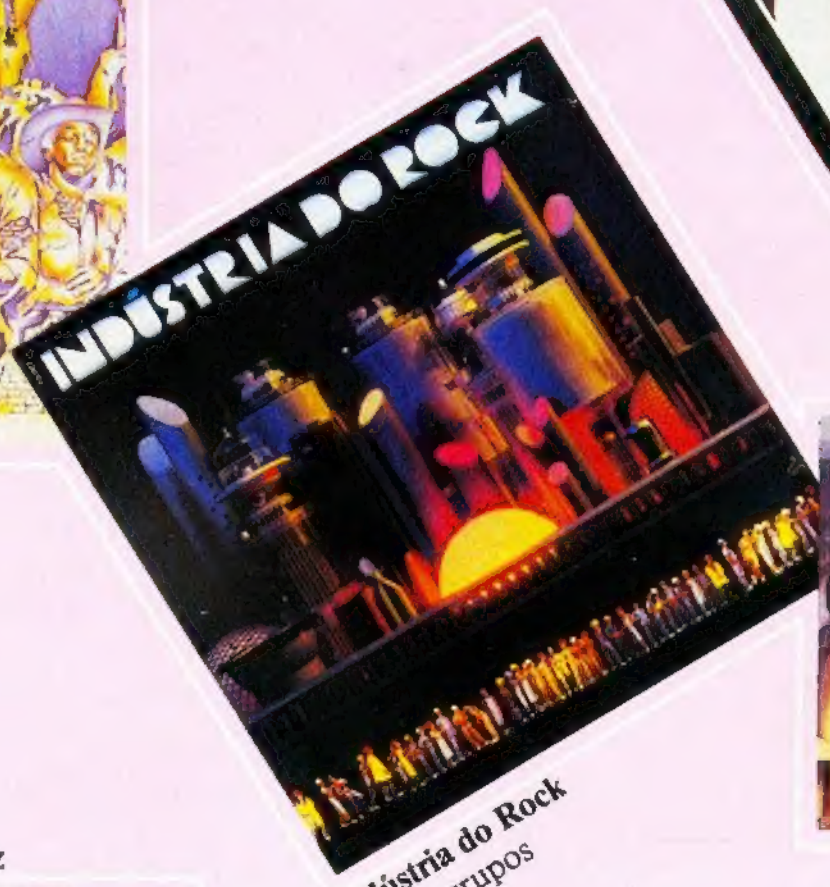
BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência** ... **Administração** ... **Escritórios - Belo Horizonte** ... **Brasília** ... **Curitiba** ... **Florianópolis** ... **Fortaleza** ... **Porto Alegre** ... **Recife** ... **Rio de Janeiro** ... **Salvador** ... **Distribuidor em Portugal** ... **Números atrasados** ...

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Top Tape

LANÇAMENTOS

Lakeside
Outrageous



Indústria do Rock
Vários grupos

Carrie Lucas
Horsin' Around

The Whispers
So Good

The Deele
Material Thangz

Klymaxx
Meeting In The Ladies Room

AGUARDE!

LPs do GRAFITE e O ESPÍRITO DA COISA.

Top Tape/Amazon Empreend. Musicais Ltda.
Rua Alice, 121 - Laranjeiras - Cep 22241 - Tels. (021) 205-5552/265-4960 - Telex: (21) 23923 AEML BR

Renato Russo

A questão da credibilidade

O letrista e vocalista do grupo Legião Urbana discute a indústria do rock e o preço do sucesso

Agora que o rock está firmemente estabelecido como um estilo musical válido e de público certo em nosso país, vêm à tona certas questões que antes passavam desapercebidas pelo público e talvez pelos próprios músicos.

O que é rock? E o que separa o bom rock do pop descartável e comercial?

Parecem questões óbvias, não é? Mas essa discussão pode assumir proporções catastróficas, principalmente quando se insiste em comparar o rock com a MPB ou quando, por ignorância, o rock é visto como uma música oportunista e sem valor.

O rock é música feita por jovens, para jovens. É uma música da cidade e depende de equipamentos e organização industrial para que possa ser produzida. Por ser um estilo do pós-guerra, fruto de uma sociedade tecnológica, é uma música de massa de caráter universal. E para quem insiste que rock é música americana: não é. É música da África.

A indústria depende de capital para poder investir no mercado com um produto, e o público espera um produto que seja do seu agrado. Entre os dois estão os músicos, que se utilizam desse espaço para a criação musical.

O que determina a qualidade no rock é a originalidade e a sinceridade do artista. Se sua expressão pessoal for inédita e criativa, se o artista consegue expressar o que todos os jovens sentem mas não conseguem dizer, aí então teremos rock, que não é só um ritmo ou uma batida: é uma atitude.

Pressões e lucros

Mas existem pressões. Por parte da gravadora (que espera que o disco venda o máximo possível, para assim cobrir seu investimento e ter lucro) e por parte do público (que muitas vezes não aceita que seu artista preferido caia nas malhas do "comercialismo", ou então exige que as músicas conhecidas sejam repetidas *ad nauseam*, estranhando qualquer mudança ou sinal de amadurecimento no processo de criação do artista).

A indústria do rádio no país insiste em esgotar o potencial do músico através da saturação. A maior parte dos jornalistas não entende nada de rock (com raras exceções) e escreve como se fossem donos do mundo, muitas vezes mudando as declarações dos artistas a seu bel prazer, para fazer sensacionalismo barato na imprensa, insistindo em rotular tudo o que encontram pela frente.

O artista tem uma vida completamente diferente dos mortais comuns. Está trabalhando enquanto todos se divertem, troca o dia pela noite, vive e respira música o tempo todo, uma vida cansativa mas extremamente gratificante. Quase não há tempo para nada, mas o velho clichê é certíssimo: "There's no Business Like Show Business".

O que fazer? A TV Globo é ainda o único meio de alguém chegar ao grande público no Brasil. E como fazer sucesso, sem que o acusem de ter se "vendido"?

Quem faz música quer o reconhecimento do seu trabalho e a aceitação do público, senão poderia muito bem ficar em casa, fazendo música para as paredes.

Dizem que o público é burro, mas não acredito nisso. Acho que o que se quer é qualidade e honestidade. Cabe ao artista então ser fiel e honesto consigo mesmo e ter os pés no chão.

Que falem. A consciência fala mais alto.

MÊS QUE VEM NA BIZZ

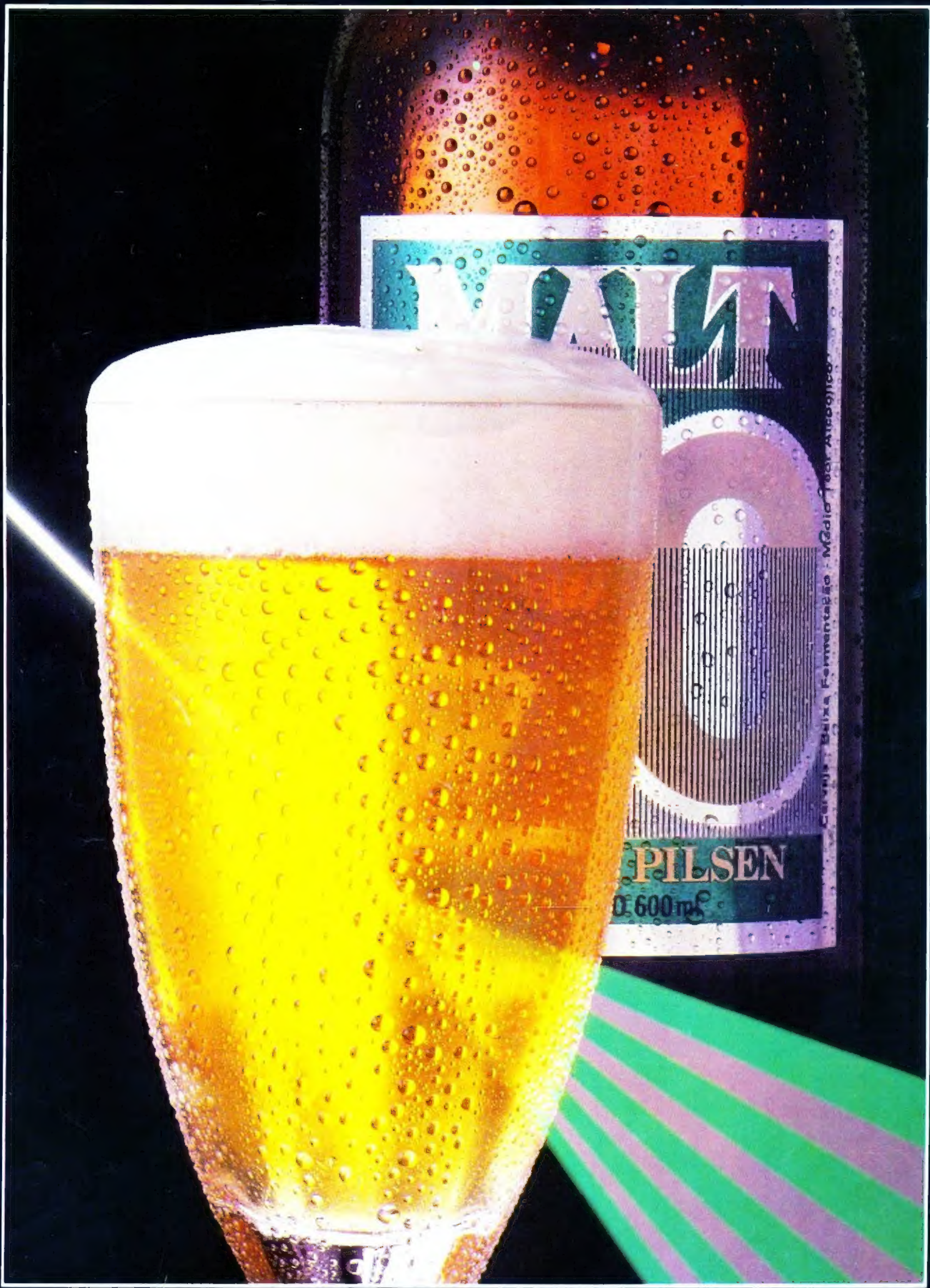
TEM: ENTREVISTA EXCLUSIVA COM OS *TEARS FOR FEARS* ▽ *ERASMO CARLOS*, CRÍTICO DE ROCK ↯ A CÉDULA PARA *VOCÊ* VOTAR NOS "MELHORES DE 85"!

NATAL, NASCIMENTO, VIDA.
ESPERANÇA NO FUTURO.

HOJE, O FUTURO ESTÁ PRESENTE.

PolyGram Discos

O prazer é uma evidência.



Cerveja Malt 90. O prazer de fazer bem-feito.